

CMI RELATÓRIO

Tradução do Relatório R 2011: 1

'Xiculungo' Revisitado Avaliando as Implicações do PARPA II em Maputo 2007- 2010

Margarida Paulo
Carmeliza Rosário
Inge Tvedten

O Instituto Chr Michelsen é um centro independente de pesquisa em desenvolvimento internacional e políticas públicas com foco em países pobres. O Instituto conduz pesquisa básica e aplicada, nas áreas temáticas de direitos humanos, redução de pobreza, reforma do setor público, resolução de conflitos e manutenção de paz. Enfoque geográfico é dado a África do Norte e Sub-sahariana, Oriente Médio, Ásia Central e Sudeste Asiático, e América Latina.

A pesquisa realizada pelo CMI tem como objetivo informar e influenciar políticas públicas assim como contribuir para o debate sobre desenvolvimento internacional. O CMI trabalha com uma vasta rede de pesquisadores parceiros e em estreita cooperação com pesquisadores no Sul.

'Xiculungo' Revisitado

Avaliando as Implicações do PARPA II em Maputo 2007-2010

Margarida Paulo (UEM)
Carmeliza Rosário (AustralCowi)
Inge Tvedten (CMI)

R 2011: 1

O projecto é financiado pelo Departamento para o Desenvolvimento Internacional (DfID).

Agradecimentos especiais são devidos aos nossos enumeradores Marcela Quinguir, Egídio Júlio, António Ruco, Inês Bartolomeu, Preciosa Chau, Sónia Palave, António Chugwana, Carlos Machavele, Ana Luís e Fábio Mazivila

Número do projecto

27042

Título do projecto

Estudos Qualitativos sobre a Pobreza em Moçambique

Índice

1. INTRODUÇÃO	1
2. DESENVOLVIMENTO URBANO EM MOÇAMBIQUE.....	4
2.1 GOVERNAÇÃO URBANA.....	5
2.2 POBREZA URBANA.....	6
3. MUDANÇAS NA PAISAGEM URBANA	11
3.1 POPULAÇÃO.....	11
3.2 ECONOMIA POLÍTICA.....	14
3.3 TENDÊNCIAS DA POBREZA.....	16
4. DINÂMICAS DE POBREZA E BEM-ESTAR	20
4.1 COMPOSIÇÃO E DEPENDÊNCIAS DO AGREGADO FAMILIAR	22
4.2 EMPREGO E RENDIMENTO	26
4.3 DESPESAS, BENS E POUPANÇAS	32
4.4 MOBILIDADE DO AGREGADO FAMILIAR.....	39
4.5 EDUCAÇÃO E SAÚDE.....	41
4.6 OS BAIRROS COMO COMUNIDADES.....	44
4.7 PERCEPÇÕES DE MUDANÇA	46
5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	49
QUESTIONÁRIO.....	53
REFERÊNCIAS	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.

1. Introdução

Este relatório representa uma continuação dos esforços para monitorar e avaliar a Estratégia para Redução da Pobreza em Moçambique PARPA II 2005-2011 (GdM 2005). A série de relatórios foi iniciada em 2006 e centra-se em três áreas diferentes do país: uma é o Distrito de Murrupula na Província de Nampula representando uma formação social rural (Tvedten, Paulo e Rosário 2006), a segunda são quatro bairros na capital do país, Maputo, representando uma formação social urbana (Paulo, Rosário e Tvedten 2007), e a terceira é o Distrito do Buzi na Província de Sofala que se encontra na interface rural-urbana (Rosário, Tvedten e Paulo 2008). Cada um dos três estudos iniciais é acompanhado três anos mais tarde, com o fito de determinar as mudanças nas relações sociais e percepções culturais de pobreza e bem-estar, através de novas visitas às mesmas administrações locais, às mesmas comunidades e aos mesmos agregados familiares visitados na primeira fase dos estudos. A primeira destas “novas visitas” teve lugar em Murrupula em 2009 (Tvedten, Paulo e Rosário 2010). Este relatório diz respeito à segunda visita a Maputo em 2010, estando o último estudo sobre o Buzi programado para o segundo semestre de 2011.

O estudo actual surge num momento especial dos esforços para reduzir a pobreza em Moçambique. O Inquérito Nacional aos Agregados Familiares IAF 2008/09 (INE 2010; MPD 2010) recentemente publicado mostra, não obstante os esforços concertados do governo e dos doadores, que a taxa de pobreza baseada no consumo aumentou, desde o anterior Inquérito Nacional aos Agregados Familiares em 2002/03 (INE 2004; DNPO 2004) de 54,1% para 54,7% – embora com grandes variações entre as diferentes províncias do país (Tabela 1). Enquanto o Ministério do Plano e Desenvolvimento coloca uma ênfase considerável em factores externos como as mudanças de clima e a crise de alimentos internacional para explicar este desenvolvimento (MPD 2010), outros comentadores tendem a enfatizar factores endógenos como a actual política de desenvolvimento neo-liberal e aquilo que consideram uma ênfase inadequada da produção agrícola de pequena escala e na criação de emprego (Canguera e Hanlon 2010; Van den Boom 2011).¹

A excepção a esta imagem um tanto desanimadora foi uma queda da taxa de pobreza urbana geral, de 51,7% para 49,6%, tendo a taxa de pobreza na Cidade de Maputo descido de 53,6% para 36,7% (INE 2010; MPD 2010). Todavia, este progresso foi grandemente ofuscado por dois fortes levantamentos sociais² em Maputo, respectivamente em Fevereiro de 2008 e em Setembro de 2010 – tendo o último resultado em vários mortos e feridos e em grandes prejuízos materiais. Instigados por súbitos aumentos dos preços da gasolina e dos transportes públicos (2008) e dos preços de mercadorias básicas como produtos alimentares, água e energia (2010), os levantamentos apanharam de surpresa a liderança política do país e da cidade e conduziram a acção imediata na forma de desenvolvimento de uma política especial para combater a pobreza urbana (RdM 2010) e do controlo dos preços através de subsídios prolongados (Kring 2010). Estes incidentes atestam, quanto mais não seja, a complexidade da

¹ Além disso, tem havido um aceso debate de uma natureza mais técnica sobre as implicações da mudança de definição da ‘cesta’ em que se baseia a linha de pobreza de consumo, entre os Inquéritos Nacionais aos Agregados Familiares de 1996/97 e de 2002/03 (MPD 2010; Canguera e Hanlon 2010; Van den Boom 2010).

² Os incidentes são designados de forma variada por ‘levantamentos’, ‘motins’, ‘revoltas’, ‘greves’, ‘tumultos’, etc. pelas autoridades nacionais e locais, por jornalistas bem como pela população local – revelando muitas vezes diferenças nas percepções do que verdadeiramente aconteceu.

pobreza urbana em geral e em Maputo em particular, a qual será um tema central neste relatório.³

Tabela 1: Contagem de Pobreza em Moçambique por Província (Percentagem).

Região	1996/97	2002/03	2008/09
Nacional	69,4	54,1	54,7
Niassa	70,6	52,1	31,9
Cabo Delgado	57,4	63,2	37,4
Nampula	68,9	52,6	54,7
Zambézia	68,1	44,6	70,5
Tete	82,3	59,8	42,0
Manica	62,6	43,6	55,1
Sofala	87,9	36,1	58,0
Inhambane	82,6	80,7	57,9
Gaza	64,6	60,1	62,5
Província de Maputo	65,6	69,3	67,5
Cidade de Maputo	47,8	53,6	36,2

Fonte: MPD 2010.

Este relatório deve ser lido em conjunto com o nosso primeiro relatório desta série sobre Maputo (Paulo, Rosário e Tvedten 2007), dado que muita da informação contextual fornecida não será aqui repetida. No primeiro relatório, colocamos o Moçambique urbano no contexto da África Austral; apresentámos uma visão geral do Moçambique urbano; esboçámos a história de Maputo; e discutimos a administração e economia da cidade. Neste relatório, o enfoque incidirá nas mudanças na governação urbana e na pobreza urbana em Moçambique desde 2007; nas alterações da paisagem urbana de Maputo; e nas mudanças das condições sócio-económicas nos quatro bairros de Mafalala, Laulane, Inhagóia e Khongolote⁴ que foram seleccionados como pontos centrais dos dois relatórios sobre Maputo.

Não repetiremos os nossos pontos de partida teóricos e metodológicos mas destacamos alguns pontos: em termos da nossa abordagem analítica, defendemos o ponto de vista de que as condições sócio-económicas de pobreza e bem-estar são, por um lado, o resultado de uma combinação de desenvolvimentos históricos e de condições estruturais, políticas e económicas e, por outro lado, das práticas da população de relações sociais e construções culturais complexas. As estruturas políticas e económicas exercem um poderoso e até mesmo determinante efeito sobre a acção humana e a forma dos acontecimentos, mas também há lugar para a intervenção humana e vidas normais na forma de estratégias e acções para mobilidade social (Bourdieu 1990; Ortner 2006). É vital uma compreensão apropriada da importância relativa dos constrangimentos estruturais e da intervenção humana, para o desenho de políticas de redução da pobreza (Addison et al. 2009).

Estreitamente ligada à nossa abordagem analítica, está a nossa definição de pobreza. A pobreza é amplamente entendida como sendo definida como uma falta de rendimento e bens para atender às necessidades básicas na forma de alimentação, vestuário e habitação (aliviada

³ Embora alguns comentadores e estudos argumentem que a pobreza urbana em Moçambique é limitada em comparação com outros países (UNICEF 2006; van de Boom 2010), um estudo influente e muito lido realizado por Mike Davis (2006) coloca Maputo numa lista das quatro populações urbanas mais pobres do mundo, juntamente com Luanda, Kinshasa e Cochabamba na Bolívia.

⁴ Khongolote, como voltaremos a referir, faz formalmente parte da Matola, gémea da cidade de Maputo, mas efectivamente faz parte do que chamaremos “Grande Maputo”.

através de uma combinação do aumento de *oportunidades* e de uma *capacidade* acrescida para capitalizar as oportunidades disponíveis); um sentimento de não ter voz activa nem poder em relação às instituições da sociedade e do estado (aliviado através de um crescente *empoderamento*); e vulnerabilidade perante choques adversos, ligada à capacidade de os enfrentar através de relações sociais e instituições legais (aliviada através de um aumento de *segurança*). ‘Os pobres’ são identificados através de uma combinação de dados quantitativos sobre rendimento e consumo, e das categorizações das próprias pessoas sobre quem são os que estão em melhor situação, os pobres e os destituídos (ver Paulo, Rosário e Tvedten 2007 para mais detalhes).

Em termos de metodologia, usamos uma combinação de entrevistas com parceiros chave do governo, a administração municipal e do distrito urbano e as comunidades; estudos adaptados sobre os agregados familiares, com um enfoque particular nas relações sociais; e um conjunto de métodos participativos em cada local de estudo. O estudo está a ser feito com 120 agregados familiares, que são revisitados na segunda fase dos estudos (i.e. como ‘painel de dados’). Os métodos participativos incluem *histogramas* (para mapear processos e acontecimentos considerados particularmente importantes para as actuais condições sócio-económicas de bem-estar e pobreza); *mapeamento comunitário* (para mapear as instituições e pessoas consideradas mais importantes no que respeita às condições contemporâneas de bem-estar e pobreza); *classificação da prosperidade* (para captar a percepção da própria comunidade sobre pobreza e bem-estar e as categorias de destituído, pobre e em melhor situação); *diagramas de Venn* (para identificar as relações sociais e redes usadas pelas diferentes categorias de pobres e em melhor situação, como parte das suas estratégias de sobrevivência); e *análise de forças de impacto* (para captar percepções sobre quais as condições – políticas, económicas, sócio-culturais – que podem inibir ou acelerar a mudança e o desenvolvimento na comunidade).⁵

O Capítulo 2 deste relatório descreve algumas das principais mudanças na governação urbana em Moçambique desde 2007, bem como as mudanças nos indicadores de pobreza urbana do país no seu todo. O Capítulo 3 fornece uma visão geral do que consideramos serem as mudanças chave na paisagem urbana de Maputo desde o nosso último estudo, e delinea o desenvolvimento e iniciativas actuais para redução da pobreza. O Capítulo 4, o capítulo principal, avalia as mudanças nas quatro comunidades em estudo entre 2007 e 2010, bem como as mudanças nas condições de vida dos 120 agregados familiares que fazem parte deste estudo. O Capítulo 5 conclui o estudo e apresenta um conjunto de recomendações.

⁵ Ver Paulo, Rosário e Tvedten 2007 para mais detalhes.

2. Desenvolvimento Urbano em Moçambique

Urbanização e pobreza urbana representam um aspecto dramático dos desenvolvimentos actuais do continente Africano, como é vivamente descrito em publicações como, por exemplo, UN-Habitat (2003 e 2010) e Mike Davis (2006). As perspectivas de crescimento urbano mais recentes (Nações Unidas 2011) mostram que Moçambique está, no contexto da África Austral, numa posição intermédia no que respeita a urbanização, com 38,4% estimados para 2010 e 50,1% para 2025 (Tabela 2), mas o país tem uma das mais altas taxas de pobreza urbana comparada com a pobreza rural do continente (Kessides 2006). Os governos e os doadores parecem ter uma relação bastante ambígua com o desenvolvimento urbano: embora reconhecendo que as áreas urbanas representam a maior parte do valor da produção em países como Moçambique⁶ e que elas desempenham um papel chave no processo de democratização através de eleições municipais e manifestações políticas, as questões de pobreza e degradação ambiental estão ainda grandemente associadas às áreas rurais. Além disso, muito poucos governos têm uma estratégia explícita para lidarem com as articulações urbano-rurais, o que é uma pré-condição chave para o desenvolvimento sócio-económico em ambos os tipos de cenários (Lynch 2005).

Tabela 2. Urbanismo e Crescimento Urbano na África Austral (Porcentagem)

País	População Urbana em 2010	População Urbana Estimada em 2025
Angola	58,5	69,0
Botswana	61,1	70,3
Lesotho	26,9	38,5
Malawi	19,8	28,8
Moçambique	38,4	50,1
Namíbia	38,0	47,9
África do Sul	61,7	69,0
Swazilândia	21,4	23,8
Zâmbia	35,5	41,5
Zimbabwe	38,3	47,2

Fonte: Nações Unidas 2011

O censo mais recente em Moçambique, de 2007 (INE 2009), mostra que a população urbana do país está a subir 3% ao ano desde 1997 (Tabela 3). Isto está em parte relacionado com uma mudança na definição de área urbana desde o censo de 1997. As áreas urbanas eram originalmente definidas como as dez capitais provinciais do país mais Maputo, mas a definição foi depois alargada para incluir um total de 34 cidades e 68 ou vilas.⁷ O Censo de 2007 define 31% da população como 'urbana', tendo a ordem da terceira e quarta maiores cidades, respectivamente Nampula e Beira, mudado entre os dois censos (INE 2009). A estimativa das Nações Unidas no que respeita à população urbana é assim mais alta do que a do governo Moçambicano, mas a base dos números das NU não é inteiramente clara.

⁶ As áreas urbanas contribuem com uma estimativa de 70% do PIB, com Maputo a contribuir com 30% (Banco Mundial 2010).

⁷ Há ainda diferentes definições de "urbano" em uso entre o Ministério da Administração Estatal (MAE), o Ministério do Ambiente (MICOA) e o Instituto Nacional de Estatística (INE) (Banco Mundial 2009).

Tabela 3. Maiores Cidades e Vilas Moçambicanas

Cidade/vila	População segundo o Censo de 2007	População segundo o Censo de 1997
Maputo	1.099.102	989.386
Matola	675.422	440.927
Nampula	477.900	314.965
Beira	436.240	412.588
Chimoio	238.976	177.668
Nacala	207.894	164.309
Quelimane	192.876	153.187
Mocuba	n.d.	127.200
Tete	152.909	104.832
Xai-Xai	116.343	103.251

Fonte: INE 2009

2.1 Governação Urbana

Conforme discutido em maior detalhe no nosso primeiro relatório (Paulo, Rosário e Tvedten 2007), as cidades e vilas em Moçambique são governadas por uma Assembleia Municipal, um Presidente e um Conselho Municipal de vereadores eleitos, e têm – de acordo com o Pacote Autárquico de 1997/2008 e a Lei do Governo Local (LOLE) de 2005 – uma considerável autonomia política e financeira. São formalmente responsáveis pelo uso da terra, licenciamento de construção e habitação, serviços básicos de água e saneamento, estradas urbanas, gestão de resíduos sólidos, segurança ambiental e municipal. Além disso, a responsabilidade pelas escolas primárias e cuidados primários de saúde está em processo de ser transferida para os municípios, com base no Decreto Parlamentar 22/2006.⁸

Todavia, o espaço para os municípios executarem estas responsabilidades é confinado pela limitada capacidade administrativa e de gestão, bem como pelos recursos económicos inadequados. Os municípios de Moçambique gastaram uma média de apenas 300 MT ou 12 USD per capita em 2009, o que é muito pouco comparado com uma perspectiva regional (Banco Mundial 2010). No que respeita aos desafios do desenvolvimento urbano, os municípios dependem na prática de uma combinação de transferências dos governos central e provincial (no montante de 463 milhões de Meticais ou 0,7% do orçamento do estado em 2008); da privatização de serviços centrais (incluindo água, electricidade e recolha de lixo); e da ajuda estrangeira, da qual o projecto conjunto Suíço-Austríaco-Dinamarquês “Projecto das 13 Cidades P13” para capacitação, planeamento urbano e finanças urbanas é o mais abrangente (SDC 2008) e o “Projecto de Renovação de Maputo” do Banco Mundial, recentemente renovado, é o mais intensivo em capital (Banco Mundial 2010). Os planos para introduzir o Fundo de Investimento Local Distrital OIIL (RdM 2005) para apoiar iniciativas económicas de pequena escala a partir de 2011 – que foi implementado nos distritos rurais de Moçambique desde 2006 – estarão provavelmente entre as mais visíveis (e controversas) iniciativas de desenvolvimento urbano dos próximos anos (ver abaixo).

Politicamente, a Frelimo domina cada vez mais os municípios e actualmente tem a maioria em todas as cidades e vilas de Moçambique excepto numa (Tabela 4). Depois das últimas eleições em 2003, a oposição (Renamo) controlava cinco cidades e vilas. A importância

⁸ De acordo com as nossas fontes, no final de 2010 apenas Maputo e Beira estavam consideradas suficientemente “preparadas” para tomarem uma tal responsabilidade.

política das áreas urbanas tem sido visível através de algumas eleições e nomeações controversas, entre as quais a não renovação da confiança no Presidente do Município de Maputo Eneas Comiche antes da eleição municipal de 2008, e a reeleição do antigo representante da Renamo – agora independente – Daviz Simango⁹ na Beira, foram as mais notáveis.

Tabela 4. *Distribuição de Lugares nas Assembleias Municipais depois das Eleições de 2003 e 2008*

Cidade/vila	Frelimo		Renamo		Outros	
	2003	2008	2003	2008	2003	2008
Maputo	48	58	8	7	5	2
Matola	41	45	5	5	-	-
Nampula	24	32	19	13	1	-
Beira	19	19	25	17	1	9
Chimoio	24	27	15	12	-	-
Nacala	23	20	15	19	1	-
Quelimane	21	22	18	17	-	-
Mocuba	16	24	5	7	-	-
Tete	23	34	8	5	-	-
Xai-Xai	30	38	1	1	-	-

Fonte: EISA

Todavia, os incidentes de longe politicamente mais controversos foram os levantamentos em Maputo em Fevereiro de 2008 e Setembro de 2010,¹⁰ incentivados pelos aumentos de preço dos bens de consumo básicos (gasolina, pão, arroz, óleo, etc.)¹¹ mas reflectindo também uma raiva e frustração gerais que apanhou de surpresa o governo e muitos outros observadores. O poder político destas demonstrações foi evidente na suspensão imediata dos aumentos de preço da gasolina e dos transportes (2008) e do pão, arroz e outros bens essenciais (2010), feita contra o aviso dos principais parceiros doadores, e custou ao governo grandes e insustentáveis somas de dinheiro na forma de subsídios.

2.2 Pobreza Urbana

A pobreza humana é complexa e em muitos sentidos mais “dramática” do que a pobreza rural, principalmente devido ao contexto sócio-cultural denso e tenso, à excessiva dependência do rendimento em dinheiro e à vulnerabilidade das relações sociais nas vilas e cidades (Davis 2006). De acordo com o Banco Mundial (2010), 70% da população urbana em Moçambique vive ainda em locais que têm “características de bairros da lata”, como crescimento denso e desregulado; falta de infra-estrutura de serviços públicos, como água, saneamento e electricidade; e casas feitas de materiais precários. O elevado nível de desigualdade nas áreas urbanas – lembrando constantemente aos urbanos pobres a sua posição inferior na sociedade – aumento o senso de empobrecimento e marginalização. Em conjunto, isto cria um ambiente que para os urbanos pobres é caracterizado pela insegurança e vulnerabilidade perante

⁹ Está formalmente ligado ao “Movimento Democrático de Moçambique”, MDM.

¹⁰ Houve também incidentes de protestos políticos em outras cidades, como a Beira, mas a diferença é que estes não transbordaram para as partes formais das cidades e receberam menos atenção.

¹¹ A taxa de inflação geral dos principais produtos alimentares subiu de 12% para 25% no mês anterior ao levantamento de Setembro de 2010. E dois meses antes do levantamento o preço do arroz aumentou em 27%, o óleo vegetal em 29% e a farinha em 34% (Kring 2010).

choques externos ou outros choques súbitos – nivelando parcialmente as vantagens materiais de viver em áreas urbanas, tal como são reflectidas na Tabela 5 abaixo.

Tabela 5. *Contagens de Pobreza e Intervalos de Pobreza em Áreas Urbanas e Rurais 1996/7-2008/9 (Porcentagem)*

Indicador	1996-97	2002-03	2008-09
Contagem de Pobreza			
Urbana	62	51,5	49,6
Rural	71,3	55,5	56,9
Intervalo de Pobreza			
Urbano	26,7	19,7	19,1
Rural	29,9	20,9	22,2
Intervalo ao Quadrado			
Urbano	14.6	9.6	9.6
Rural	15.9	10.7	11.6
Coefficiente de Gini			
Urbano	n.a.	0.479	0.481
Rural	n.a.	0.371	0.367

Fonte: MPD (2010).

Os contrastes entre pobreza urbana e rural são também evidentes nos padrões de despesa dos agregados familiares dos dois tipos de assentamentos (Tabela 6). Enquanto a despesa total mensal do agregado familiar é nas áreas urbanas aproximadamente o dobro da das áreas rurais, a despesa com alimentação não é muito diferente, situando-se o grosso da discrepância nos custos 'urbanos' com habitação, energia e transporte. Posto de outra forma, enquanto o agregado familiar rural gasta 65% da despesa total em alimentação, o agregado familiar urbano depende 35% – sendo a maior parte dos recursos económicos restantes dos agregados familiares urbanos gasta em itens que são vitais para a sobrevivência urbana.

Tabela 6. *Despesa Mensal do Agregado Familiar em Itens seleccionados, em Áreas Urbanas e Rurais (MT)*

Item	Urbano	Rural
Géneros Alimentícios	1.876	1.621
Bebidas Alcoólicas	47	11
Vestuário	303	167
Habitação e Energia	1.656	377
Mobiliário	400	119
Saúde	30	6
Transporte	356	71
Comunicação	207	22
Divertimento	147	26
Educação	63	2
Restaurantes, hotéis	58	10
Serviços diversos	191	33
Total	5.333	2.466

Fonte: INE 2010

A relação entre pobreza urbana e rural torna-se ainda mais complexa quando se compara a pobreza de calorias (i.e. a proporção de agregados familiares com consumo de calorias abaixo do recomendado pela OMS) e a contagem de pobreza baseada no consumo (Tabela 7).¹² Em primeiro lugar vemos que a pobreza de calorias é consistentemente mais alta nas áreas urbanas do que nas rurais, o que sugere o pior acesso a géneros alimentícios nutritivos nas cidades e vilas. Além disso, enquanto nas áreas rurais a pobreza de calorias é consistentemente mais baixa do que a taxa de pobreza baseada no consumo, nas áreas urbanas o consumo de calorias é consistentemente mais alto do que a taxa de pobreza baseada no consumo. A discrepância, como sublinha o Ministério do Plano e Desenvolvimento, é particularmente alta no caso de Maputo com uma “taxa pobreza de calorias” de 75%, comparada com uma taxa actual de contagem de pobreza estimada em 36% na cidade capital (MPD 2010).

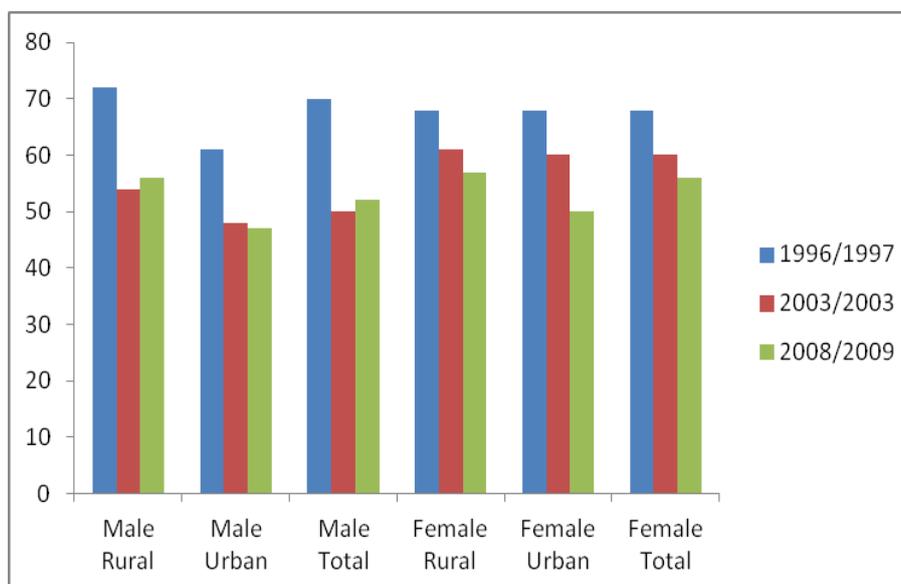
Tabela 7. Pobreza de Calorias e Pobreza de Consumo por Região e por Áreas Urbano-Rurais (Porcentagem)

Região	Pobreza de Calorias Urbana	Pobreza de Consumo Urbana	Pobreza de Calorias Rural	Pobreza de Consumo Rural
Norte				
2002/03	64	47	40	59
2008/09	55	48	39	46
Centro				
2002/03	61	47	44	45
2008/09	64	54	55	61
Sul				
2002/03	87	58	71	74
2008/09	79	48	63	67

Fonte: MPD/DNEAP 2010

Um dos resultados mais significativos do recente Inquérito Nacional aos Agregados Familiares (INE 2010) está relacionado com o género: como se vê na Figura 1, os agregados familiares chefiados por mulheres estão a experimentar uma descida mais consistente da taxa de pobreza do que os agregados familiares chefiados por homens, e isso particularmente nas áreas urbanas. Isto está de acordo com as recentes análises do aumento do espaço sócio-económico para as mulheres nas cidades e vilas de Moçambique (Tvedten et al. 2008, 2009, 2010). Ao mesmo tempo, porém, outros indicadores sociais de cidades e vilas revelam que as mulheres ainda lutam com a desigualdade de oportunidades na educação e saúde, a discriminação no mercado do trabalho, uma maior carga de trabalho total do que os homens e o abuso físico (Ibid).

¹² As medidas de mal-nutrição ou “pobreza de calorias” centram-se na distância de um dado indicador para uma criança (e.g. altura ou peso para a idade) relativamente à população de referência. Os riscos e implicações de uma nutrição pobre são particularmente críticos para as crianças com menos de cinco anos de idade, dado que as deficiências nutricionais podem exercer uma forte influência no crescimento e desenvolvimento subsequentes (MPD 2010:16).

Figura 1. Contagem de Pobreza por Sexo do Chefe do Agregado Familiar e Áreas Urbano-Rurais

Fonte: INE 2010; MPD.

Dito isto, em Moçambique os indicadores sociais relacionados com o acesso a bens de consumo e a serviços sociais básicos como educação e saúde são melhores nas áreas urbanas do que nas rurais, tanto para os agregados familiares chefiados por homens como para os chefiados por mulheres (Tabela 8). Isto reflecte uma economia mais “invasada por mercadorias”, uma rede mais densa de instituições sociais de saúde e educação, bem como uma pressão sócio-cultural mais forte para se provar a “urbanidade” através da posse de bens materiais e habitação (MPD 2010:8). O desafio para o desenvolvimento urbano e redução da pobreza em Moçambique é converter as condições superiores de educação e saúde em emprego, rendimento e bem-estar social e cultural. Actualmente, a discrepância entre o capital humano e aspirações das pessoas por um lado, e por outro lado o que elas conseguem em termos de emprego, rendimento e bem-estar, está no âmago da agitação urbana encontrada no país.

Tabela 8. Saúde, Educação e Principais Bens de Consumo Duráveis em Áreas Urbanas e Rurais (Porcentagem)

Indicador	2008-09
Taxas de Matrícula no Ensino Primário (6-12 anos)	
Urbana	89
Rural	78
60< Min. até ao Posto de Saúde de nível primário (em minutos)	
Urbano	15.6
Rural	37.0
Número Médio de Bens de Consumo *	
Urbano	2.54
Rural	1.36

Fonte: MPD/DNEAP 2010. * Num máximo de oito: bicicleta, carro, motociclo, rádio, TV, telefone, cama e frigorífico (ver MPD 2010:11).

O panorama geral da pobreza e bem-estar urbano e rural em Moçambique é portanto uma tendência geral negativa em termos de pobreza rural e uma tendência geral positiva nas áreas urbanas – embora “manchada” por indicações de crescente frustração e vulnerabilidade nas

idades e vilas. Todavia, como sucede muitas vezes no caso de Moçambique, a tendência geral esconde variações regionais significativas tanto na pobreza rural como na urbana. Como se pode ver na Tabela 7 acima, a pobreza urbana no norte aumentou efectivamente 1%, enquanto a pobreza rural reduziu significativamente em 13%; a pobreza urbana na região centro aumentou 7%, embora o aumento de 16% da taxa de pobreza rural tenha sido ainda maior; e por último as taxas de pobreza urbana e rural baixaram no sul respectivamente 10 e 7 pontos percentuais. A Terceira Avaliação Nacional da Pobreza (MPD 2010) não oferece quaisquer explicações para estas diferenças. Parece vital compreender melhor a natureza das ligações urbano-rurais e a relação entre pobreza urbana e rural, de modo a assegurar maior desenvolvimento e redução da pobreza em Moçambique.

Nos Capítulos subsequentes olharemos mais de perto os recentes desenvolvimentos em Maputo em termos de governação, população e pobreza (Capítulo 3), e para as tendências e complexidade das relações sociais da pobreza no bem-estar dos quatro bairros seleccionados para receberem uma atenção especial neste estudo (Capítulo 4).

3. Mudanças na Paisagem Urbana

Recapitulando resumidamente alguma da informação anterior dada no nosso primeiro relatório, Maputo é a cidade capital de Moçambique e foi estabelecida como tal em 1898 com o nome de Lourenço Marques, em resultado da construção de um caminho-de-ferro para Pretória e das crescentes relações económicas com a África do Sul (Newitt 1995, Zamporini 1998). A cidade tem historicamente sido dividida numa parte formal (cidade de cimento) e bairros de lata circundantes (cidade de caniço), muito embora tenhamos visto no nosso primeiro relatório como uma tão crua dicotomia esconde matéria obscura e fronteiras simbólicas, desigualdades dentro de cada tipo de assentamento bem como movimentos sociais que cruzam fronteiras (Paulo, Rosário & Tvedten 2007).

3.1 População

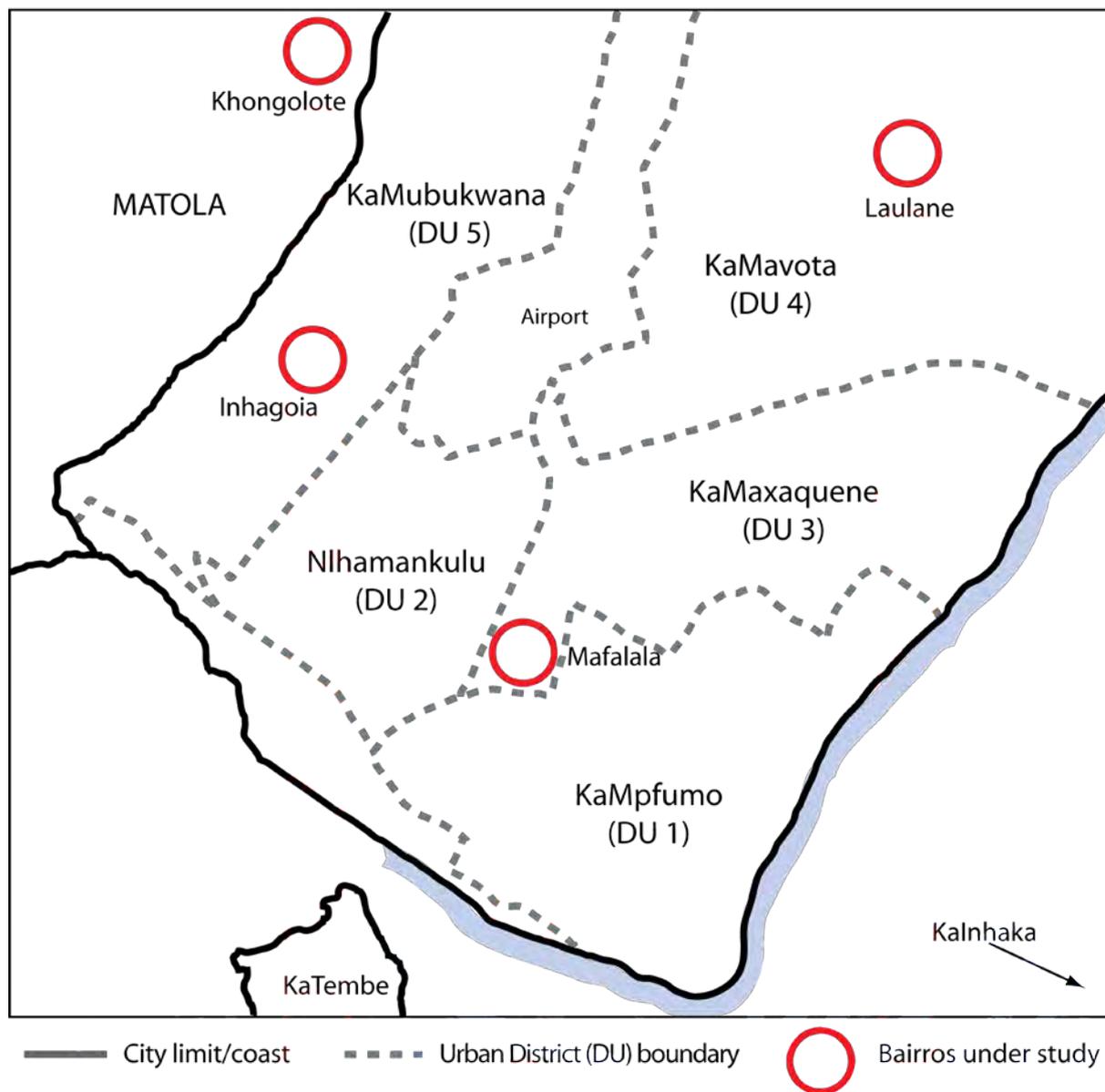
Maputo tem uma população actual de 1,1 milhão de pessoas e está dividida em sete “distritos municipais” e um total de 49 bairros diferentes (Mapa 2). Desde o nosso último relatório em 2007, os distritos receberam novos nomes em substituição dos monótonos Distrito Urbano 1,2,3,4 etc. – todos referindo os líderes tradicionais (régulos) originais que viviam na área e imperavam sobre a terra antes da ocupação colonial e com o prefixo ‘ka-’ que significa “a casa de”. Os quatro bairros seleccionados para o nosso estudo são a Mafalala (DU 2/Nlhamankulu), Laulane (DU 4/KaMavota), Inhagóia (DU 5/KaMubukwana) e Khongolote que formalmente faz parte da Matola, cidade gémea de Maputo mas com o grosso da população activamente relacionada com e/ou a trabalhar em Maputo (Mapa 2).

A Matola¹³ manteve a sua posição de segunda maior cidade de Moçambique, com uma população de 675.000 pessoas (INE 2009). Está organizada em três postos administrativos e um total de 41 bairros (Mapa 3). Na Matola Sede está o centro administrativo da cidade; as zonas da Machava e do Infulene a norte são ambas rurais nas suas características; enquanto os bairros a sudeste do município, confinando com a cidade de Maputo, estão entre os mais congestionados do grande Maputo. Khongolote foi originalmente rural nas suas características, mas urbanizou-se rapidamente desde o reassentamento que se seguiu às cheias de 2000 (Paulo, Rosário e Tvedten 2007).

O aumento geral de população em Maputo foi relativamente modesto (10%) entre os censos de 1997 e 2007, ao passo que o crescimento da população na Matola foi elevado, com 35% durante o mesmo período (INE 2009). A importância relativa do crescimento natural e da migração urbana para explicar a alteração da população não se torna óbvia nos dados disponíveis mas, e lá voltaremos, é provável que a migração de Maputo para a Matola represente uma grande fatia do aumento de população desta última cidade. Os dados mostram também mudanças relativamente dramáticas na concentração da população dentro das duas cidades. Em Maputo, praticamente todo o crescimento da população entre 1997 e 2007 teve lugar nos distritos “periféricos” de KaMavota e KaMubukwana, os quais – como discutido no nosso primeiro relatório – reflectem em grande parte os movimentos para fora dos distritos centrais (INE 2009). E na Matola, os bairros mais próximos de Maputo viram de longe o maior aumento de população, o que atesta a estreita interligação entre as duas cidades (Mapa 3).

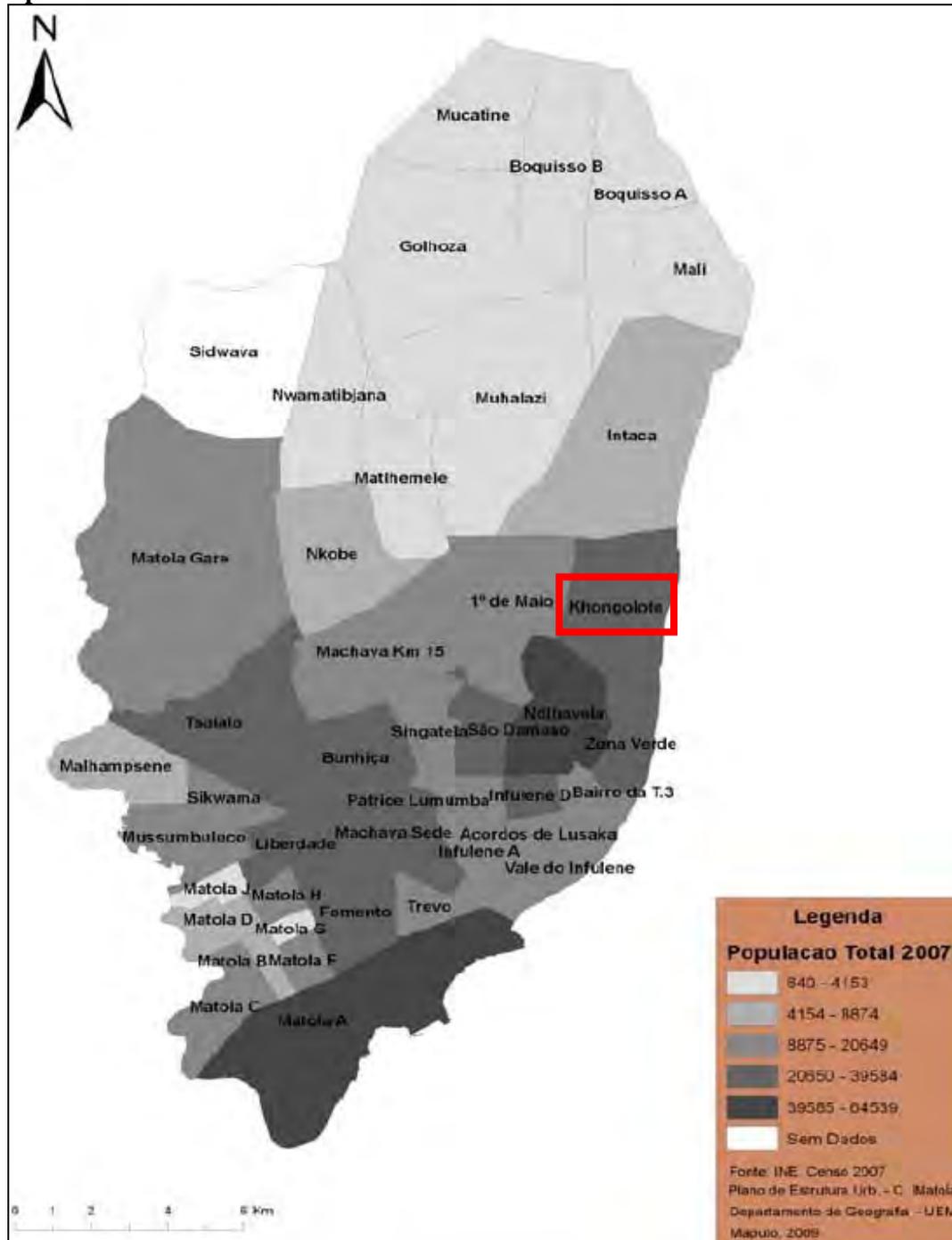
¹³ A origem do nome Matola (ou Matsolo em Tsonga) significa ‘joelho’, e refere-se ao grande Chefe Maxacana que durante uma expedição foi ferido no joelho e forçado a permanecer na área que agora é a Matola (CMCM 2010).

Mapa 2: Cidade de Maputo



KaMpfumo (DU 1)	Nihamankulu (DU 2)	KaMaxaquene (DU 3)	KaMavota (DU 4)	KaMubukwana (DU 5)
Central A	Aeroporto A	Mafalala	Mavalane A	Magoanine
Central B	Aeroporto B	Maxaquene A	Mavalane B	Zimpeto
Central C	Xipamanine	Maxaquene B	FPLM	Benfica
Alto Maé A	Micandjuine	Maxaquene C	Hulene A	George Dimitrov
Malhangalane A	Unidade 7	Maxaquene D	Hulene B	Luís Cabral
Malhangalane B	Chamacula A	Polana Caniço A	Ferrovário	Malhazine
Coop	Chamacula B	Polana Caniço B	Laulane	Nsalene
Polana Cimento A	Chamacula C	Urbanização	3 Fevereiro	Bagamoyo
Polana Cimento B	Chamacula D		Mahotas	Inhagoie
Sommerschield	Malanga		Albazine	
	Munhuana		Costa do Sol	

Mapa 3: Cidade de Matola



Fonte: Cidade de Matola

3.2 Economia Política

Em termos de política, a cidade de Maputo também mudou desde 2007. A Assembleia Municipal é ainda dominada pela Frelimo que, conforme vimos, ganhou 58 lugares num total de 67 nas eleições Municipais de 2008. Os outros partidos são a Renamo com sete lugares e o partido Juntos pela Cidade (JPC) com dois lugares. A mudança mais notável (e certamente a mais reconhecida nos bairros onde trabalhamos) foi a substituição de Eneas Comiche como candidato da Frelimo à presidência municipal pelo novo candidato David Simango. Entre os 16 vereadores do Conselho Municipal, oito eram os mesmos em 2010 e em 2007. Os vereadores são de dois tipos principais: um tem responsabilidades por áreas específicas de competência (i.e. finanças, recursos humanos, planeamento urbano e ambiente, infra-estruturas, actividades económicas, mercados, saúde e educação), e cada um dos outros dirige um dos sete Distritos Urbanos.

Abaixo dos níveis central e distrital, cada bairro tem um Secretário de Bairro (apontado *de facto* pelo partido) com um assistente (Secretário Adjunto); está subdividido em quarteirões com chefes individuais, os quais por sua vez estão divididos em unidades de “dez casas” tendo cada uma um ‘chefe de dez casas’. Estreitamente entrelaçada com esta estrutura está a organização do partido Frelimo, com os secretários do partido partilhando frequentemente o espaço de escritório com os representantes do governo municipal e com a velha organização de “células do partido” ainda intacta em muitos lugares. Nenhum dos secretários de Bairro das nossas quatro áreas de estudo eram os mesmos em 2010 e em 2007, o que vemos como um resultado combinado da importância atribuída aos mesmos pelo governo/partido e da atracção dessas posições – que rendem um salário, bem como influência e estatuto. Uma outra mudança desde 2007 foi um aumento do número de chefes de quarteirões mais jovens, não obstante essas posições não serem formalmente pagas, o que pode ser visto como um resultado combinado de um desejo da comunidade local de eleger representantes dinâmicos e da falta de alternativas para os jovens desempregados.

A Matola está organizada bem de forma muito semelhante a Maputo, embora em menor escala e sendo os “distritos urbanos” substituídos por “postos administrativos” (i.e. mantendo a terminologia dos distritos rurais). Reflectindo parcialmente, mas não só, a diferença em tamanho e complexidade, a nossa impressão ao lidar com as administrações das duas cidades é que a Matola é a mais bem organizada e a mais eficiente. Um pequeno mas importante exemplo disto é a qualidade dos, e o acesso aos, documentos de planeamento. A Matola pode apresentar relatórios cuidadosamente elaborados sobre as condições sócio-económicas, divisão administrativa, uso da terra, investimentos industriais, desenvolvimento de infra-estruturas físicas, etc., e os planos de desenvolvimento com elas relacionados são conhecidos e referidos pelas pessoas que entrevistámos (CMCM 2010).¹⁴ Em Maputo os planos existentes parecem ser de âmbito mais limitado (CMM 2009) e as pessoas que entrevistámos não parecem usar estes documentos de forma similarmente consistente.

Em termos muito gerais, os documentos de planeamento na Matola destacam i) a necessidade de trabalhar no sentido de uma melhor distribuição da população no município, de modo a reduzir a pressão sobre instituições e recursos nas partes que fazem fronteira com Maputo; ii) a importância económica da agricultura (sendo 65% do território municipal considerado rural) e a necessidade de apoiar mais a “agricultura urbana”; iii) os contínuos desafios em termos de água e saneamento, que é apresentado como o principal problema do município; iv) a

¹⁴ O Plano de Estrutura Urbana da Cidade da Matola é financiado pela Cooperação Espanhola e realizado pela Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico (FAPE) na Universidade Eduardo Mondlane – mas em estreita cooperação com as autoridades municipais e pessoal técnico.

necessidade de melhorar a qualidade do único hospital do município (na Machava), bem como o acesso aos serviços de saúde das zonas rurais do norte da Matola; v) os desafios inerentes à pressão sobre as instalações educacionais existentes – muito embora essa pressão seja aliviada pela construção de várias escolas privadas – o que põe em risco a qualidade da educação; vi) situação da segurança em deterioração, com o crescente fluxo de pessoas particularmente para os bairros próximos de Maputo; vii) a deterioração das instalações desportivas (realçada nos documentos como sendo importante rectificar); viii) a importância do apoio activo às instituições culturais, no que respeita a artes plásticas bem como ao canto e dança;¹⁵ e – finalmente – ix) os importantes e crescentes investimentos feitos por grandes empresas privadas que fazem pressão adicional sobre o Governo Municipal no que se refere à provisão de bom planeamento e serviço. De acordo com o Município, a Matola possui “o maior parque industrial do país” (CMCM 2010:59).

A nossa informação sobre os planos de desenvolvimento de Maputo vem dos documentos acima referidos (CMM 2009) e de documentos do Banco Mundial (Banco Mundial 2009, 2010). O Banco tem sido o apoiante mais consistente na melhoria da governação e serviços urbanos, através do seu portefólio da IDA – primeiro através do Projecto de Reabilitação Urbana (de 1987), depois através do programa para a Reforma da Administração Pública Local (1994-1999) e finalmente através da consolidação da primeira geração de municípios urbanos ao abrigo do Projecto de Desenvolvimento Municipal (2003-2007). Desde 2006, o enfoque do Banco Mundial no investimento urbano tem sido o Programa de Desenvolvimento Municipal de Maputo (ProMaputo), que iniciou “amplas e profundas reformas institucionais e financeiras” (Banco Mundial 2010:4). A primeira fase centrou-se na recolha de resíduos sólidos e manutenção das estradas como principais objectivos para a reforma e melhorias dos serviços – frequentemente através de parcerias público-privadas. A segunda fase (MMDPII), a iniciar no princípio de 2011 e com duração de cinco anos, “promoverá mais inovação na prestação de serviços e na operação e manutenção sustentável das instalações municipais” (Banco Mundial 2010:8). As novas áreas de enfoque, mais explícitas, são planeadas para realizarem melhoramentos dos serviços básicos (especialmente o saneamento e a gestão ambiental), do transporte e fluxo de tráfego, maior acesso à posse de terra, melhoria do licenciamento de actividades económicas de pequena escala e o prosseguimento do desenvolvimento de parcerias público-privadas (CMM 2009).

Da parte do governo, o desenvolvimento urbano e a redução da pobreza serão feitos dentro dos parâmetros do recente “Programa Estratégico para Redução da Pobreza Urbana” (RdM 2010), centrando-se na criação de emprego e protecção social. O esforço mais explícito para o desenvolvimento sócio-económico de Maputo é a decisão de introduzir a partir de 2011 o OIIL-Sistema de Investimento Local do Distrito (RdM 2005) para iniciativas económicas de pequena escala. O sistema é uma tentativa de apoiar empresas de pequena escala da economia e aumentar assim o emprego e rendimento na cidade. De acordo com o pessoal Municipal, os critérios a usar na alocação de fundos não são ainda inteiramente claros, mas como argumentaremos mais adiante este tipo de iniciativas – se bem conduzidas – vai à raiz da pobreza urbana.

Olhando de cima para os três anos que passaram desde o nosso primeiro estudo sobre Maputo, a impressão imediata que se obtém, comparando Maputo e Matola em 2007 e 2010, é de

¹⁵ As instituições culturais incluem o Auditório Municipal (ex Cinema 700), Auditório/Cinema de São Gabriel, Anfiteatro do IFP da Matola, Anfiteatro do Internato da Escola Industrial da Matola, Espaço Cultural do MOPH e Espaço Cultural. Os grupos culturais mais conhecidos incluem a Companhia Municipal, Associação Paz no Mundo/Cultura, Timbila ta Guevane/Muguido, Xigumo de Tsalala/Ringo Starr e Grupo da Casa da Cultura do Infulene (ver CMCM 2010:57).

mudança. Nas zonas centrais de Maputo, a “cidade de cimento” caracteriza-se por actividades febris de construção que vão desde grandes centros comerciais e habitações de luxo ao longo da avenida marginal até ao bairro da Costa do Sol¹⁶ até ao melhoramento de hotéis, centros comerciais e espaço para escritórios na baixa da cidade. Os novos projectos de construção planeados incluem a Torre Comercial de Maputo (um edifício de 47 andares que se espera esteja concluído em 2014) e planos espectaculares para uma “Marginal de Maputo” com habitação, comércio e lazer no local da anterior feira industrial (FACIM) – com um custo total estimado de \$ 1,2 mn. Na Matola foram construídas novas áreas de habitação e novos centros comerciais e há planos para uma nova ‘cidadela’¹⁷ – todos dando ao centro um ar de ser uma ‘verdadeira cidade’ e não apenas o ‘pequeno vizinho’ de Maputo. Ao mesmo tempo, porém, o tráfego está a tornar-se cada vez mais congestionado e em perigo de ‘asfixiar’ o centro da cidade de Maputo; as fracas condições da infra-estrutura da cidade tornam-se claras em dias de grandes chuvadas, quando as estradas, a terra e os bairros são inundados e paralisa toda a comunicação; e a criminalidade continua a ser um problema sério. Más estradas e buracos estão ainda distribuídos relativamente ‘democraticamente’ por toda a cidade.

Fora da ‘cidade formal’ a mudança é menos evidente, com pessoas a viver em bairros congestionados, e mercados e passeios cheios de pessoas durante a maior parte do dia. Se é que há mudança, as bichas para os *chapas* tornaram-se maiores e os mercados ainda mais abarrotados. Entrando nos principais mercados, Xipamanine (principalmente para produtos alimentícios e vestuário) e Estrela (para absolutamente tudo o que se possa pensar – legal e ilegal...), os vendedores puxarão de um terminal de pagamento portátil, dar-lhe-ão recibos e embrulharão as suas mercadorias em papel bonito – reduzindo ainda mais a distinção entre a economia ‘formal’ e ‘informal’ da cidade. Uma outra alteração visível é a mudança do principal mercado grossista da Malanga no centro da cidade para um novo local no Zimpeto nos arredores da cidade. O mercado atrai diariamente milhares de pessoas, que adquirem produtos agrícolas e outros por grosso a fim de os revenderem noutras partes da cidade, e está bem organizado com ruas pavimentadas, um banco, locais para refeições e casas de banho. Praticamente todos os produtos comestíveis e mercadorias são importados da África do Sul pelos ‘*muqueros*’ e outros intermediários e intermediárias, em vez de virem do interior rural de Maputo ou de outras partes de Moçambique.

Entre os bairros, Mafalala, Xipamanine e Chamanculo são ainda considerados os mais tensos e perigosos (com base num estudo muito informal entre os condutores de táxis, que devem saber do que falam...). As pessoas (e a imprensa) estão também ocupadas com as características particulares dos diferentes bairros e com o crescimento dos ‘novos bairros’ nas proximidades do centro da cidade, que parecem ser considerados atractivos para pessoas com meios para se mudarem. No centro de atenção está também o acesso à terra, habitação, estradas, água potável, electricidade e outras utilidades ‘urbanas’. Os estudos anuais ‘Boletim Informativo’ comissionados pelo Município mostram que a satisfação das pessoas para com os serviços urbanos está a melhorar, mas também que há grandes variações entre os diferentes bairros.

3.3 Tendências da Pobreza

Conforme assinalado acima, a pobreza urbana em geral tem vindo a reduzir em Moçambique nos últimos anos – embora com diferenças consideráveis entre as cidades e vilas do país. Olhando mais explicitamente para Maputo, a taxa de pobreza reduziu de 53,6% para 36,2%

¹⁶ Algumas destas são, como reportado no Boletim do Processo Político de Moçambique, construídas sem as necessárias autorizações formais, tendo o Município ordenado a sua demolição.

¹⁷ Ver <http://noticias.sapo.mz/info/artigo/1044913.html>.

entre 2002/03 e 2008/09, e melhoraram a posse de bens de consumo duráveis e o acesso à educação, serviços de saúde e água potável (INE 2010; MPD 2010). A pobreza na cidade decresceu também, de acordo com o índice de intervalo de pobreza, com uma diferença de menos 9,1 pontos percentuais entre 2002/03 e 2008/09 (MPD 2010). E finalmente, muito embora Maputo tenha a mais alta desigualdade do país com um coeficiente de Gini de 0,512, a desigualdade na cidade capital não aumentou desde 2002/03 quando se situava em 0,524 (MPD 2010).

A melhoria das condições de vida reflecte-se parcialmente no aumento do rendimento e das despesas – muito embora a inflação responda por uma proporção bastante grande do aumento (Tabela 9; ver também MPD 2010:38-41). Como se viu, o rendimento médio e as despesas médios duplicaram em Maputo entre 2002/03 e 2008/09. Ao mesmo tempo, porém, a tabela demonstra diferenças substanciais no rendimento e despesas entre os que estão em melhor situação e o quintil dos mais pobres da cidade, gastando os primeiros em média 10,5 vezes mais do que os últimos. Um rendimento mensal per capita de 388 MT é muito baixo para suportar os altos custos da habitação, a alimentação e outras necessidades básicas, as despesas *de facto* com a educação e saúde, e (para a maioria das pessoas que vivem longe do seu local de trabalho) o transporte.

Tabela 9. *Rendimento Mensal e Despesas Mensais Per Capita em 2002/03 e 2008/09 (MT)*

	Rendimento		Despesas	
	2002/03	2008/09	2002/03	2008/09
Nacional	325	290	324	726
Rural	246	128	231	557
Urbano	490	663	523	1.114
Cidade de Maputo	828	1.410	928	2.175
Quintil mais alto	n.a.	4.315	2.932	4.396
Quintil mais baixo	n.a.	388	237	417

Fonte: MPD

As diferenças mais específicas entre os mais pobres e os em melhor situação, em termos de despesa, estão reflectidas na Tabela 10. Os agregados familiares do quintil mais rico gastam 17,8% do seu rendimento com a habitação, 23,6% com 'outras despesas' (i.e. despesas 'essenciais' como educação e saúde, bem como despesas 'não essenciais' como bebidas, vestuário e lazer) e apenas 17,8% com a alimentação. Por outro lado, os agregados familiares mais pobres gastam aproximadamente 50% do seu rendimento na comida necessária e outros 32,1% com a habitação – o que não deixa muito para outros tipos de despesas e para enfrentar choques súbitos que obriguem a despesas adicionais – como os aumentos de preço dos alimentos e do transporte.

Tabela 10. *Despesas Mensais Per Capita com itens seleccionados em 2002/03 e 2008/09 (Porcentagem)*

	Comida		Habitação		Transporte		Mobiliário		Outros	
	02/03	08/09	02/03	08/09	02/03	08/09	02/03	08/09	02/03	08/09
Rural	65,5	69,3	18,1	15,2	1,9	2,6	5,9	2,6	8,6	10,3
Urbano	46,1	37,2	28,1	30,4	3,8	5,4	9,0	10,6	13,0	16,4
Cidade de Maputo	30,6	23,4	39,1	36,6	6,7	7,4	10,3	11,2	13,2	21,3
Quintil mais alto	16,3	17,8	42,7	37,6	7,9	8,3	13,8	12,6	19,3	23,6
Quintil maisbaixo	42,7	47,9	34,8	32,1	4,9	4,7	8,9	6,4	8,9	8,8

Fonte: MPD

Uma razão para a melhoria geral do rendimento e despesa em Maputo parece ser o aumento do número de pessoas com emprego formal, comparado com o emprego informal (Tabela

11).¹⁸ Enquanto vimos no nosso último relatório que alguns tipos de emprego formal (como os trabalhadores domésticos e os guardas de segurança) recebem efectivamente uma remuneração muito baixa, mesmo quando comparada com o rendimento do sector informal, o rendimento do emprego formal tem a vantagem de ser mais estável e previsível. A principal razão do aumento do acesso ao emprego formal entre os mais pobres, entre 2002/03 e 2008/09, está provavelmente relacionada com o alto nível de actividade dos trabalhos de construção acima mencionados, os quais estão numa posição 'intermédia' por serem mal pagos (e consequentemente não suficiente para retirar as pessoas do quintil mais pobre) e emprego formal (embora por um período limitado de tempo até que termine o trabalho de construção relevante).

Tabela 11: *Tipos de Emprego entre a População Economicamente Activa em 2002/03 e 2008/09 (Porcentagem).*

	Emprego formal		Emprego informal		Outro	
	2002/03	2008/09	2002/03	2008/09	2002/03	2008/09
Nacional	8,8	11,71	91,1	87,87	0,1	0,42
Rural	3,2	4,31	96,7	95,52	0,1	0,17
Urbano	23,5	29,44	76,4	69,53	0,1	1,03
Cidade de Maputo	35,6	44,57	64,4	53,36	0,0	2,07
Quintil mais alto	50,5	52,98	49,5	43,14	0,0	3,88
Quintil mais baixo	15,4	39,01	84,6	57,43	0,0	3,56

Fonte: MPD

Olhando para outros indicadores sociais de pobreza, as pessoas em Maputo têm diversas vantagens aparentes. A taxa líquida de matrícula no ensino primário (ou a proporção de crianças entre os 6 e os 12 anos que frequentam a escola) é a mais alta do país, com 95,9% contra uma média nacional de [88,5]%, com apenas pequenas diferenças entre rapazes (96,8%) e raparigas (95,1%). Também a taxa de conclusão do ensino primário é mais alta em Maputo do que no resto do país, com 92,5%, contra a média nacional de 77,1%. Contudo, as elevadas taxas de matrícula e de conclusão devem ser avaliadas em relação com as novas leis e regulamentos que fazem passar 'compulsivamente' até ao 5º ano (ver abaixo).

A Taxa de Mortalidade Infantil é frequentemente considerada como um bom indicador de saúde e nutrição, e também neste caso Maputo está em melhor situação com 108/1.000 contra 147/1.000 no resto do país.¹⁹ Uma razão para as condições de saúde superiores pode ser o acesso às unidades sanitárias: na capital 58,8% da população leva menos de 30 minutos a chegar a uma unidade sanitária, sendo a média nacional de 49,9%, e apenas 5,5% leva mais de 60 minutos, sendo a média nacional de 27,7% (INE 2010; MPD 2010). Mais uma vez os números quantitativos 'escondem' as diferenças entre os bairros de Maputo e o verdadeiro acesso aos diferentes tipos de instituições de saúde – mas há poucas dúvidas sobre o verdadeiro progresso que tem sido feito na capital em termos de saúde e acesso a unidades sanitárias. O único indicador de saúde que é relativamente fraco em Maputo, comparado com o resto do país, é a taxa de infecção por HIV-SIDA, com uma média nacional de 11,5% e uma média de 16,8% na Cidade de Maputo (MISAU 2009).

¹⁸ Simplificámos os dados do relatório do IAF definindo as categorias de emprego no "sector público" e no "sector privado" como *emprego formal* e "emprego por conta própria", "emprego familiar" e "patrão" como *emprego informal*.

¹⁹ Em relação ao país no seu todo, a malária é ainda e de longe a causa mais comum de mortalidade infantil, com 40%, seguida do HIV-SIDA e pneumonia.

Apesar de todas as indicações de melhoria em termos de pobreza material e bem-estar em Maputo no período desde o nosso último estudo, também testemunhámos uma agitação social sem precedentes – o que é um severo lembrete da face multi-dimensional da pobreza, que engloba também a vulnerabilidade a choques adversos e o sentimento de não ter voz activa nem poder em relação a instituições do estado e da sociedade (ver o Capítulo 1). Embora os levantamentos em Maputo em Fevereiro de 2008 e Setembro de 2010 sejam a expressão mais desfavorável do que atrás se diz, veremos no próximo capítulo que há também diversas expressões localizadas da situação muito difícil em que muitos ainda se encontram – e que vão desde um sentimento de se não terem voz activa nem poder, na sequência de mudanças abruptas na acessibilidade e preços dos produtos básicos; via uma crescente frustração, já que as desigualdades se tornam mais visíveis para as pessoas; até à violência doméstica e isolamento social num ambiente urbano complexo e para muitos hostil.

4. Dinâmicas de Pobreza e Bem-Estar

Olhando mais explicitamente para os bairros da Mafalala, Laulane, Inhagoia e Khongolote que são o foco deste estudo (ver o Mapa 2), a característica mais notável são talvez as diferenças na direcção da mudança entre 2007 e 2010. De facto, todos os 47 bairros de Maputo têm as suas próprias características, baseadas na sua história particular, localização geográfica, nível de pobreza e bem-estar, demografia e grupo etno-linguístico dominante. Mafalala, Laulane, Inhagoia e Khongolote foram originalmente escolhidos para serem um grupo representativo dos bairros da cidade (ver Paulo, Rosário e Tvedten 2007).

Numa ponta da escala, Mafalala, o mais densamente povoado dos quatro bairros, viu poucas mudanças na sua paisagem urbana e população – sendo a razão mais óbvia que simplesmente não há espaço para novas estruturas e mais pessoas. De acordo com as autoridades locais, o número de pessoas que vive na Mafalala (montando agora a 20.730) tem realmente vindo a descer nos últimos três anos.²⁰ As mudanças mais visíveis desde 2007 são a construção de uma série de valas abertas para combater o problema da água estagnada que conduziu à prevalência da malária e a repetidos surtos de cólera; a construção de um novo edifício para a administração do bairro; e um número limitado de novas fontes de água. O bairro não tem escolas novas (estando ainda as que existem superlotadas de alunos e em fracas condições), e ainda não tem um posto de saúde (dependendo as pessoas dos postos de saúde dos bairros vizinhos). Embora as pessoas insistam que a vida diária na Mafalala não é tão tensa e violenta como muitos parecem acreditar, reconhecem que continuam os problemas relacionados com a densidade, pobreza e desconfiança mútua. Um exemplo são as novas valas abertas que estão a ser enchidas com lixo e usadas como latrina, o que torna a situação sanitária ainda mais precária do que antes. Um outro exemplo é o aumento do consumo de álcool, do abuso de substâncias e do ruído, particularmente entre os jovens e aos fins-de-semana à volta do largo no centro do bairro. Do lado positivo, as pessoas argumentam que a criminalidade reduziu “ou pelo menos mudou-se para fora do bairro” como alguém disse, explicando e fazendo referência a diversos casos de linchamento público que “assustaram e correram com os criminosos”. Para combater o estigma negativo da Mafalala, um grupo de jovens, com o apoio da ONG local ‘Iverca’, iniciou um “Passeio Turístico para Conhecer a Mafalala”, em que conduzem os turistas através do bairro para lhes mostrar “as pessoas, a história e a gastronomia” (ver www.iverca.org).

Na outra ponta da escala, Khongolote experimentou mudanças significativas entre 2007 e 2010. Como assinalado no nosso primeiro relatório, Khongolote era originalmente uma área rural que passou por um grande afluxo de população a seguir às cheias de 2000 e com um número crescente de pessoas ‘em fuga’ das condições congestionadas do centro de Maputo e procurando terra para construir casas ‘adequadas’. De acordo com as autoridades locais, a população aumentou de 27.000 pessoas em 2007 para “mais de 30.000 em 2010”. Revendo um mapa comunitário desenhado por um grupo focal em 2007, o número de lojas, escolas, postos de saúde, mercados, etc. mais que duplicou. Entre as novas construções estão duas escolas secundárias privadas, um novo posto de saúde com uma enfermaria de maternidade, um mercado público ou ‘municipal’ alargado e parcialmente novo, duas padarias, alguns salões de beleza e um grande número de novas barracas com mercadorias. Há também novas estradas e mais *chapas* atravessando o bairro. O grosso das novas habitações é constituído por grandes casas de tijolo com jardins murados, e o cruzamento de novas linhas de energia revela que a maioria delas tem electricidade. Mas este tipo de desenvolvimento e pressão tem

²⁰ Embora se baseiem nos números do Censo, a maioria dos administradores de bairro mantém um registo rigoroso das pessoas que se mudam do e para o seu bairro e sabem em cada momento o número exacto de habitantes.

também um lado negativo: as autoridades locais estão em processo de perder o controlo, com a mudança para o bairro de pessoas sem 'tradição' de lidarem com os secretários de bairro e chefes de quarteirão; muitos dos habitantes originais venderam (mais ou menos voluntariamente) a sua propriedade e foram-se embora; a taxa de criminalidade aumentou consideravelmente; as escolas públicas locais estão superlotadas, com sérias implicações para a qualidade da educação; a anterior terra agrícola já não está disponível, o que reduz a segurança alimentar; e partes do bairro estão literalmente cheias, o que provavelmente conduz a mais apreensão.²¹ Os informantes locais afirmam ainda que Khongolote é um 'bom local para estar', realçando particularmente o acesso a emprego no seguimento das febris actividades de construção.

Os bairros de Laulane e Inhagoia acusaram entre 2007 e 2010 desenvolvimentos que se situam algures entre a Mafalala e Khongolote. Laulane é um bairro grande e 'estabelecido', com quarteirões que variam desde a vizinhança pobre e congestionada da principal lixeira de Maputo, a Lixeira do Hulene a norte, até áreas opulentas a sul perto da nova 'área da moda' de Maputo ao longo do bairro da Costa do Sol. Há poucos estabelecimentos comerciais novos, provavelmente devido à proximidade do centro da cidade e ao facto de que muitos dos seus habitantes vêm à cidade para trabalhar; as escolas e as unidades sanitárias são já relativamente bem construídas; e as características residenciais do bairro deixam pouco espaço para actividades económicas informais fora dos grandes mercados já estabelecidos, como o do Xikelene. Inhagoia é mais pequeno e mais congestionado, mas é também um bairro relativamente 'estabelecido'. Muito pouco aconteceu desde 2007 em termos de novas infra-estruturas, instituições e áreas comerciais, com excepção de uma modernização da clínica local e da extensão da rede de electricidade a mais habitações. O bairro está ainda marcado pelas grandes áreas destruídas pela cheia de 2000, que não foram ainda reconstruídas. Um recurso importante para o bairro é a vizinhança da Zona Verde entre Maputo e a Matola, tendo muitas famílias acesso a pequenos lotes de terreno (muitas vezes não mais do que 4-5 m²) para produção de vegetais e outros géneros alimentícios.²²

Abaixo olharemos mais detalhadamente para a dinâmica da pobreza e bem-estar nos quatro bairros, através de uma nova visita às mesmas administrações locais, às mesmas comunidades e aos mesmos agregados familiares que visitámos em 2007. Como indicado acima, a maioria das pessoas com quem nos relacionámos, com posições de gestão aos níveis do município, distritos urbanos e bairros individuais, eram em 2010 diferentes das de 2007. Embora reduzindo as possibilidades de captar percepções de mudança partindo dos mesmos pontos de vantagem, a maioria dos líderes que encontramos em 2010 estavam há três anos atrás envolvidos nas mesmas instituições – embora a diferentes níveis e com diferentes tarefas. Aos níveis mais baixos – de chefia de instituições (educação, saúde, mercados públicos, etc.); donos de empresas privadas (lojas, oficinas, etc.); e chefes de quarteirão e de dez casas – há nos quatro bairros um muito maior grau de continuidade.

No que respeita aos 120 agregados familiares individuais que fizeram parte do nosso estudo em 2007, conseguimos localizar novamente 103 em 2010. Dos 17 não localizados, seis tinham-se mudado para outro local identificado, oito foram encontrados mas com um novo chefe (por motivo de morte, divórcio ou mudança interna da chefia), e não se sabia do paradeiro dos restantes três. Os nove agregados familiares que se tinham mudado ou que não puderam ser localizados foram substituídos pelo novo agregado familiar que se tinha mudado para o local ou (quando o local estava vazio ou tinha sido demolido) pelo agregado familiar

²¹ Isto inclui também o cemitério, onde a terra para sepultar os mortos se tornou alvo de negociação e especulação.

²² Não obstante serem localizados em áreas com muitas pessoas, os pequenos lotes são na maioria e miraculosamente deixados entregues a si próprios, com muito poucos casos de roubo.

vizinho mais próximo.²³ 67% dos agregados familiares são chefiados por homens e 33% por mulheres, o que representa uma ligeira sobre-amostragem destes últimos, visto os dados do censo mostrarem uma percentagem de 26,5% de agregados familiares chefiados por mulheres na cidade de Maputo (INE 2009).

4.1 Composição e Dependências do Agregado Familiar

O Censo Nacional (INE 2009) e o Inquérito Nacional aos Agregados Familiares e Despesa (INE 2010) define o agregado familiar como pessoas que ‘vivem debaixo do mesmo tecto e comem da mesma panela’. Como argumentámos em relatórios anteriores, esta definição não reflecte suficientemente as realidades no terreno. Empregamos uma definição onde as características salientes são que as pessoas ‘comem da mesma panela’ e se consideram membros do mesmo agregado familiar – o que implica que os membros podem viver fora da habitação principal do agregado familiar e que pessoas que vivem debaixo do mesmo tecto não pertencem necessariamente ao mesmo agregado familiar (ver abaixo). Em conformidade, enquanto o INE regista o tamanho médio dos agregados familiares em Maputo como sendo de 6,3, o nosso estudo apresenta uma média de 7,1 membros por agregado familiar.²⁴

No que respeita ao estado civil dos chefes dos agregados familiares que fazem parte do nosso estudo, houve muitas alterações entre 2007 e 2010 (Tabela 12). A proporção de chefes de agregado familiar solteiros desceu de 14,2% para 5,8%, tendo as pessoas em questão entrado principalmente em uniões consensuais, as quais subiram de 24,2% para 40% do total. A concomitante redução da proporção de uniões conjugais está reflectida no aumento do número de chefes masculinos de agregados familiares separados/divorciados (de 2,6% para 6,3%). E uma proporção mais pequena de agregados familiares chefiados por mulheres vive com homens em uniões conjugais ou consensuais, com uma concomitante maior proporção de agregados familiares chefiados por mulheres no estado de separadas/divorciadas ou viúvas. Também a proporção de chefes masculinos de agregados familiares a viver em relações polígamas aumentou de 16,2% para 18,9%, sublinhando que a ‘tradição’ não é apenas um fenómeno rural mas também urbano.

As mudanças de estado dos chefes dos 120 agregados familiares atestam a flexibilidade e vulnerabilidade dos agregados familiares como unidades domésticas. A mudança mais significativa é a crescente prevalência das “relações-de-viver-junto” ou uniões consensuais. Estas uniões implicam geralmente um grau mais baixo de compromisso entre os esposos (dado que não foi pago dote e as famílias alargadas não estão envolvidas como acontece nos acordos de casamento formal), mas reflectem também uma situação de pobreza e vulnerabilidade em que os jovens não têm os meios e não se sentem suficientemente seguros para investir num futuro comum. Além disso, algumas mulheres que em 2007 eram chefes de agregados familiares com a presença de homens, viviam em 2010 na situação de separadas/divorciadas ou viúvas, testemunhando um processo emergente de mais mulheres independentes ou (alternativamente) mais homens marginalizados.

²³ Os agregados familiares estudados foram originalmente seleccionados com base em listas de agregados familiares do bairro/quarteirão e amostragem aleatória sistemática (ver Paulo, Rosário e Tvedten 2007 para mais detalhes).

²⁴ O número é retirado do Inquérito Nacional aos Agregados Familiares de 2002/03 (INE 2004), o qual por alguma razão é muito mais rico em informação do que o relatório do Inquérito Nacional aos Agregados Familiares que se seguiu em 2008/09 (INE 2010).

Tabela 12. Estado Civil por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Percentagem)

Estado Civil	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Solteiro(a)	14,5	3,8	13,6	10,0	14,2	5,8
Casado(a)	48,7	30,0	13,6	5,0	35,8	21,7
União consensual	34,2	60,0	6,8	0,0	24,2	40,0
Separado(a) / divorciado(a)	0,0	5,0	31,8	40,0	11,7	16,7
Viúvo(a)	2,6	1,3	31,8	45,0	13,3	15,8
Sem informação	0,0	0,0	2,3	0,0	0,8	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Entre 2007 e 2010 a idade média dos chefes de agregados familiares aumentou – por razões naturais – aproximadamente três anos, para 48,2 anos, e a distribuição relativa de crianças menores de 15 anos (39,7% e 36,3%), de adultos entre 15 e 64 anos (58,2% e 60,8%) e de idosos com 65 anos ou mais (2,5% e 0,8%) é relativamente estável (Tabela 13). A proporção muito pequena de idosos é particularmente digna de nota. Os nossos dados qualitativos mostram que isto reflecte dois tipos diferentes de processos: muitos dos agregados familiares mais pobres não possuem meios para terem idosos ‘não produtivos’ como membros e são forçados a deixá-los entregues ao seu próprio destino na cidade, e muitos agregados familiares em melhor situação que estavam em posição de manter relações com a sua área rural de origem apoiam os idosos no regresso à sua terra de acordo com a tradição.²⁵

Tabela 13. Distribuição por Idades dos Membros do Agregado Familiar, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Percentagem)

Idade	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Menos de 15	37,0	34,2	44,4	40,3	39,7	36,3
15-64	60,5	62,6	54,0	57,4	58,2	60,8
65 ou mais	2,5	3,2	1,6	2,3	2,1	2,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Embora o tamanho médio dos agregados familiares do nosso estudo tenha sido relativamente estável entre 2007 e 2010, o tamanho médio dos agregados familiares chefiados por homens desceu de 7,62 para 7,13, e o tamanho médio dos agregados familiares chefiados por mulheres desceu de 7,32 para 7,20 (Tabela 14). Isto significa que estes últimos têm actualmente mais membros do que os primeiros, não obstante a ausência de um marido, o que é mais outra indicação da crescente posição central das mulheres para o bem-estar da população urbana. 41,7% dos agregados familiares afirmam ter novos membros desde 2007, com 16,7% assinalando novos membros “devido à morte dos responsáveis pela sua manutenção”. A complexidade do agregado familiar como unidade sócio-económica e a pressão social que sobre ele recai são ainda mais sublinhadas pelo facto de 31,7% terem dependentes – esperando contribuições em dinheiro ou espécie – que não fazem parte do agregado familiar (27,1% em 2007).

²⁵ Como vimos no nosso primeiro relatório sobre Maputo, 33,3% dos chefes de agregados familiares do nosso estudo nasceram fora de Maputo, tendo a maioria vindo das províncias vizinhas de Gaza (27,5%), Inhambane (22,5%) e Maputo (11,7%).

Tabela 14. *Número de Membros do Agregado Familiar por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)*

Membros do agregado familiar	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
1 – 2	3,9	3,8	2,3	7,5	3,3	5,0
3 – 4	14,5	13,8	22,7	20,0	17,5	15,8
5 – 6	28,9	37,5	13,6	22,5	23,3	32,5
7 +	52,6	45,0	61,4	50,0	55,8	46,7
Total	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0
Média	7,62	7,13	7,32	7,20	7,51	7,15

Vemos também mudanças na composição dos agregados familiares, enfatizando novamente o quanto são unidades flexíveis que acomodam as mudanças das circunstâncias sócio-económicas da pobreza e bem-estar e se sujeitam a pressões sócio-económicas de divisão e fusão. Como se vê na Tabela 15, a proporção de agregados familiares com membros 'nucleares' (esposo(a), pais, filhos e netos) é relativamente estável, mas há uma crescente proporção de agregados familiares tendo 'não-parentes' como membros. Há também uma tendência de uma maior proporção de agregados familiares chefiados por mulheres do que os chefiados por homens terem netos como parte da sua unidade familiar, reiterando a responsabilidade social das mulheres pelo bem-estar da sua família. Vemos também novamente que algumas mulheres chefes de agregados familiares que tinham um esposo em 2007, o que então argumentámos ser uma indicação de uma forte posição económica das mulheres e/ou de posse da habitação, já não o têm. Os nossos entrevistados indicam que algumas destas mulheres 'expulsaram' os homens em causa, porque não trabalhavam nem traziam dinheiro para o agregado familiar.

Tabela 15. *Categorias dos Membros do Agregado Familiar por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)*

Membros do agregado familiar	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Esposo(a)	82,9	91,1	20,5	5,0	60,0	62,2
Pais	15,8	13,9	11,4	15,0	14,2	14,3
Filhos	81,6	89,9	90,9	82,5	85,0	87,4
Netos	32,9	27,8	59,1	67,5	42,5	41,2
Sobrinhos/sobrinhas	27,6	21,5	15,9	20,0	23,3	21,0
Irmãos	22,4	22,8	22,7	15,0	22,5	20,2
Outros parentes	22,4	12,7	15,9	15,0	20,0	13,4
Não-parentes	6,6	11,4	2,3	7,5	5,0	10,1

O nível de educação dos chefes de agregados familiares não viu mudanças significativas desde 2007: 21,7% não receberam qualquer instrução ou um mero curso de alfabetização; 36,7% estudaram até à 5ª classe (EP 1), o que geralmente implica um analfabetismo funcional; 25% estudaram até à 7ª classe (EP 2) e 16,6% têm o ensino secundário ou mais. Isto implica que um grande número de chefes de agregados familiares mais velhos estão em séria desvantagem num contexto urbano em que a instrução é importante para funcionar em relação às expectativas de 'modernidade', para acompanhar a educação das suas crianças e para competir num mercado de trabalho onde a capacidade de ler e escrever se torna cada vez mais importante. Como veremos, houve melhorias no nível de educação geral dos agregados familiares – geralmente porque os filhos receberam mais instrução do que os seus pais – o que pode mudar o seu estatuto e desempenho vis a vis os seus pais e dar aos últimos menos controlo.

Em termos de características sócio-culturais dos agregados familiares, o período entre 2007 e 2010 viu uma diminuição de 42,5% para 31,7% na proporção dos que executam cerimónias e ritos tradicionais como a 'kupatha'. Muito embora isto possa ser visto como implicando uma deslocação da 'tradição' em direcção à 'modernidade', a proporção que pratica esses ritos é ainda relativamente alta e pode bem ser igualmente interpretada como a continuação da necessidade dos habitantes urbanos se relacionarem com um ambiente urbano complexo e hostil. Além do mais, as pessoas dos quatro bairros parecem veementemente religiosas: apenas 4,2% dos agregados familiares afirmaram não ter qualquer religião. As igrejas 'estabelecidas', como a igreja Católica, estão a perder terreno (de 27,5% de aderência entre os agregados familiares em 2007 para 20,8% em 2010), enquanto as igrejas mais carismáticas e 'Africanas' como a Assembleia de Deus e a 12 Apóstolos estão a ganhar terreno (de 23,3% em 2007 para 31,7% em 2010) – particularmente entre os agregados familiares chefiados por mulheres. De outros estudos, sabemos que as mulheres representam a esmagadora maioria dos devotos, embora ainda com os homens nas posições de liderança (Tvedten et al. 2009 e 2010; ver também Schutze 2010). A forte posição da religião e a movimentação para igrejas que realizem 'milagres' é importante tanto do ponto de vista espiritual como social. Tendo dito isto, ainda sabemos muito pouco acerca do papel que as igrejas e mesquitas desempenham nas relações comunitárias em geral, e nas relações entre homens e mulheres em particular (Schuetze 2010).

As actividades mais 'profanas', como ser membro de vários tipos de associações não religiosas da sociedade civil,²⁶ viram uma descida de 13,4% para 10,9% – muito embora o número fosse provavelmente mais alto se a definição incluísse 'aderentes' ou 'seguidores' com uma relação mais livre. O papel limitado destas associações para os agregados familiares em Maputo é digno de nota, já que a vida associativa à volta de actividades relacionadas com a comunidade e as redes informais são muito mais comuns noutros contextos urbanos (Tostensen, Tvedten e Vaa 2001). As associações têm habitualmente sido vistas como uma forma de compensar a 'desintegração social' em cidades e vilas e como substituto das organizações tradicionais e redes de família alargada, enquanto outros têm realçado como o contexto urbano dá lugar ou espaço social para a inovação individual e associação (Ibid). As actividades associativas podem incluir sindicatos, grupos de advocacia, ONGs e OBCs, clubes desportivos, grupos culturais, organizações de bairro, grupos de poupança e crédito rotativo, associações étnicas, associações funerárias e muitas mais. O papel limitado destas organizações em Maputo pode estar relacionado com a repressão exercida pelos colonizadores Portugueses e depois da independência; a história de profunda pobreza urbana que deixou pouco espaço para outras actividades que não lutar para satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência; e a importância histórica da Frelimo ao nível comunitário, na política *per se* e através das organizações das suas organizações de mulheres (OMM) e da juventude (OJM). As associações têm um papel potencialmente muito importante a desempenhar na comunicação entre o governo e as comunidades.

Embora geralmente não seja formalmente considerada como parte da 'sociedade civil' ou da 'vida associativa',²⁷ a Frelimo enquanto partido político dominante em Moçambique está presente em praticamente todos os níveis nos bairros onde trabalhamos. Controla a designação dos líderes aos níveis de secretário de bairro, chefe de quarteirão e chefe de dez casas – não necessariamente por seleccionar (eleger) as suas próprias pessoas mas ao assegurar que não são membros activos da oposição ou outros potenciais 'agitadores'. Os

²⁶ Para uma discussão/clarificação conceptual sobre 'sociedade civil' e 'vida associativa', ver Tostensen, Tvedten e Vaa 2001.

²⁷ As organizações cujo objectivo principal é obterem lucro (i.e. empresas), e as organizações que procuram o poder governamental (i.e. partidos políticos), são normalmente excluídas.

membros activos do partido são colocados em posições 'estratégicas' também noutras áreas da vida do bairro e associações de bairro.²⁸ E os agregados familiares com membros que se saiba fazerem parte da 'oposição' em termos gerais podem enfrentar problemas para assegurar os seus 'direitos' – por exemplo numa pequena mas importante questão como obter os carimbos e assinaturas necessários para documentos pessoais. Além disso, e como mostraram as demonstrações de Fevereiro de 2008 e Novembro de 2010, há limites para o controlo da população do bairro pelo partido. Na realidade, uma razão essencial para o mal-estar social parece ser a forma limitada como o partido no poder e os seus representantes envolvem a população e tomam decisões sem a ouvir – incluindo decisões sobre remoção de subsídios a preços que afectam o âmago da luta diária das pessoas pela sobrevivência.

Celeste Soto.²⁹ A característica saliente dos muito pobres em Maputo é a combinação de pobreza material, um conjunto limitado de relações sociais e (para alguns) o desenvolvimento do que chamamos uma 'cultura de pobreza' em que as pessoas desistem efectivamente de fazer mais pelas suas vidas (Paulo, Rosário e Tvedten 2007). Um dos estudos de caso que apresentámos no nosso primeiro relatório foi 'Celeste Soto', que satisfazia os dois primeiros critérios: era da Zambézia e a sua família estava longe; tinha recentemente ficado viúva por morte do seu marido mineiro; obtinha um rendimento muito pequeno da venda de amendoim; não usufruía de nenhuma pensão após a morte do seu marido (dado que se soube que ele era também casado na África do Sul); estava doente e muitas vezes nem conseguia sair da cama; e vivia em condições muito precárias num pequeno quarto de um alojamento para solteiros. O senhorio estava em processo de a mandar embora porque ela não podia pagar a renda. A sua maior pena era que os seus dois filhos não podiam ir à escola porque ela não tinha dinheiro e eles tinham de a ajudar, e a sua maior esperança era que um dia conseguiria voltar para a sua família na Zambézia de onde era originária. Voltando a encontrá-la três anos depois, a sua sorte tinha mudado. Tinha encontrado uma missão Católica e as freiras ajudaram-na a ir para um hospital onde foi diagnosticada com HIV-SIDA, levaram-na para a missão para a ajudar a recuperar forças, contactaram os irmãos do falecido marido que lhe ofereceram uma habitação melhor num bairro diferente e ajudaram-na a entrar num programa de tratamento antiretroviral. Quando a encontramos tinha voltado a vender no mercado "quando tenho forças", tinha conseguido que um dos seus filhos voltasse a frequentar a escola ("o outro está a ajudar-me e diz-me quando tenho de tomar os meus medicamentos") e, embora tendo consciência de que o seu tempo é limitado, está optimista acerca da vida. Sem o contacto inicial com as freiras ela certamente teria morrido e deixado os seus dois jovens filhos entregues ao seu destino. Embora sendo uma história positiva, exemplifica também a precariedade da vida dos pobres e marginalizados num contexto urbano como Maputo.

4.2 Emprego e rendimento

Olhando mais concretamente para as mudanças no emprego e rendimento entre os 120 agregados familiares no período entre 2007 e 2010, a principal ocupação dos chefes de agregados familiares não teve muita alteração (Tabela 16). 10% dos chefes masculinos de agregados familiares estão desempregados (7,9% em 2007) e 30% das chefes femininas de agregados familiares não têm trabalho que gere rendimento (34,1% em 2007). Muito embora a taxa de desemprego entre as chefes femininas de agregados familiares tenha diminuído um pouco, ainda têm três vezes mais probabilidade de serem desempregadas do que os chefes masculinos de agregados familiares. Muitos dos agregados familiares cujos chefes estão

²⁸ Ao pedir a grupos focais de jovens para discutir vários assuntos dos bairros, são-nos habitualmente dados rapazes e raparigas com 'pensamento correcto' e membros do partido.

²⁹ Como no nosso relatório de 2007, todos os nomes são fictícios se o contrário não for dito.

desempregados estão totalmente desenquadrados dos desenvolvimentos em curso e dependem de ofertas de comida ou da mendicidade ('vivemos da esmola').

A proporção de chefes de agregados familiares com emprego formal no sector público ou privado teve um aumento mínimo de 40,9% para 41,6%, testemunhando os problemas relacionados com a obtenção de emprego por pessoas mais velhas com instrução limitada. Ao mesmo tempo, veremos abaixo que a taxa global de emprego formal aumentou consideravelmente nos mesmos agregados familiares. Este aspecto pode também reduzir facilmente a autoridade, particularmente dos chefes masculinos de agregados familiares, que culturalmente se espera que sejam o principal ganha-pão da família.

Tabela 16. *Principal Ocupação do Chefe do Agregado Familiar, por Sexo do Chefe de Agregado Familiar (Porcentagem)*

Ocupação Principal	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Emprego sector público	21,1	23,8	9,1	0,0	16,7	15,8
Emprego sector privado	34,2	32,5	6,8	12,5	24,2	25,8
Emprego informal	22,4	20,1	47,7	50,0	31,6	30,0
Agricultor	0,0	2,5	0,0	7,5	0,0	4,2
Aposentado	13,2	10,0	0,0	0,0	8,3	6,7
Desempregado	7,9	10,0	34,1	30,0	17,5	16,7
Não sabe	1,3	1,3	2,3	0,0	1,6	0,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Uma mudança notável na situação do emprego é a diminuição da proporção de chefes femininas de agregados familiares com emprego formal (de 15,9% para 12,5%) e o concomitante aumento da proporção de chefes femininas de agregados familiares que estão envolvidas em emprego informal (de 47,7% para 57,7%). Isto revela a continuidade dos problemas que têm particularmente as mulheres mais velhas no mercado de trabalho formal, mas também sabemos de casos em que as mulheres abandonaram empregos, como por exemplo criadas domésticas, para trabalharem na economia informal com o argumento de que ganharão mais dinheiro. Houve também um aumento na proporção das chefes femininas de agregados familiares que dependem principalmente da agricultura, de 'nenhuma' para 7,5%, o que atesta a importância da segurança alimentar em contextos urbanos. O facto de ainda não se registarem chefes femininas de agregados familiares aposentadas sublinha ainda mais a posição inferior das mulheres no mercado de trabalho formal.

Olhando para as mudanças no emprego e rendimento do sector formal relativamente aos agregados familiares no seu todo, a proporção dos sem rendimento permaneceu relativamente estável à volta dos 35% (Tabela 17). Ao mesmo tempo, o número médio de membros do agregado familiar empregados no sector formal aumentou de 0,89 para 0,98. Enquanto essa proporção permaneceu em grande parte na mesma nos agregados familiares chefiados por homens, viu um forte aumento de 0,50 para 0,72 nos agregados familiares chefiados por mulheres. Isto significa que, embora os agregados familiares chefiados por homens ainda tenham comparativamente mais membros a trabalhar no sector formal, as suas contrapartes femininas registam uma proporção crescente de membros no sector que podem contribuir com proveitos mais seguros e estáveis, mesmo que não necessariamente mais altos.

Tabela 17. Rendimento Formal por Sexo de Chefe de Agregado Familiar (Porcentagem)

Rendimento Formal	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Sem rendimento formal	24,4	26,3	56,8	55,0	35,0	35,8
251 a 500	0,0	0,0	5,2	0,0	1,3	0,0
501 - 750	3,4	0,0	0,0	5,6	2,6	1,3
751 - 1.000	8,6	0,0	10,5	0,0	9,1	0,0
1.001 - 1.500	10,3	5,1	31,6	22,2	15,6	9,1
1.501 - 2.500	19,0	8,5	21,1	16,7	19,5	10,4
2.501 - 5.000	34,5	45,8	26,3	27,8	32,5	41,6
> 5.000	24,1	35,6	5,3	22,2	19,5	32,5
Não sabe	0,0	5,1	0,0	5,6	0,0	5,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Ao mesmo tempo, as receitas das pessoas envolvidas no sector formal aumentaram entre 2007 e 2010.³⁰ Enquanto 13% ganhava menos de 1.000 Mt mensais em 2007, apenas 1,3% estavam na mesma situação em 2010, muito embora o aumento seja parcialmente 'comido' pelo aumento do custo de vida (MPD 2010:38-41). Os agregados familiares chefiados por homens continuam a ganhar mais com as actividades económicas formais do que os agregados familiares chefiados por mulheres, situando-se a maioria dos rendimentos dos primeiros entre 2.501,00 e 5.000,00 Mt (48%) ou acima de 5.000,00 Mt (38%). As receitas dos agregados familiares chefiados por mulheres variam principalmente entre 1.001,00 Mt e 5.000,00 Mt. Ao mesmo tempo, a percentagem dos agregados familiares chefiados por mulheres que ganham acima de 5.000,00 Mt aumentou de 5% para 22% – principalmente com emprego do sector privado.

O envolvimento dos membros dos 120 agregados familiares em actividades económicas informais também aumentou no período compreendido entre 2007 e 2010 (Tabela 18). Considerando que em 2007 cerca de 78% dos agregados familiares estudados obtinham pelo menos algum rendimento de actividades informais, em 2010 esta percentagem subiu para 84%. É mais provável que os agregados familiares chefiados por mulheres se envolvam em actividades informais geradoras de rendimento do que os seus equivalentes chefiados por homens, com mais de 90% comparativamente com os 80% de agregados familiares chefiados por homens.

³⁰ Os números sobre rendimento devem ser lidos com cautela, tanto à luz da inflação e da alteração do custo de vida (ver abaixo) como devido à dificuldade de os obter com exactidão. Todavia, a nossa experiência diz-nos que os números reflectem melhor a realidade quando se pergunta por intervalos de rendimento do que quando se pede valores exactos.

Tabela 18. *Rendimento Informal por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Percentagem)*

Rendimento informal	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Sem rendimento informal	38,2	20,0	13,6	7,5	29,2	15,8
< 250	14,9	6,3	7,9	2,7	11,8	5,0
251 - 500	12,8	14,1	15,8	13,5	14,1	13,9
501 - 750	8,5	4,7	5,3	5,4	7,1	5,0
751 - 1.000	4,3	4,7	18,4	2,7	10,6	4,0
1.001 - 1.500	6,4	7,8	10,5	10,8	8,2	8,9
1.501 - 2.500	19,1	6,3	13,2	10,8	16,5	7,9
2.501 - 5.000	14,9	18,8	26,3	35,1	20,0	24,8
> 5.000	19,1	37,5	2,6	18,9	11,8	30,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

As receitas do agregado familiar provenientes do sector informal também aumentaram. Em 2007, a maior parte dos agregados familiares envolvidos (37%) ganhava entre 1.500,00 Mt e 2.500,00 Mt. Em 2010 a maioria (55%) ganhava mais de 2.500,00 Mt. Tal como com as receitas formais, os agregados familiares chefiados por homens tinham também em média o rendimento mais alto proveniente de actividades informais. Uma vez mais, porém, os agregados familiares chefiados por mulheres conseguiram aumentar significativamente a sua base de receitas: em 2007 apenas 3% destes agregados familiares ganhavam acima de 5.000,00 Mt., tendo subido para 19% em 2010.

Olhando para os tipos de actividades económicas informais, as principais actividades em 2007 centraram-se em lojas informais ou bancas de mercado (28%), ocupações ocasionais ou 'biscates' (23%) e no comércio ambulante (14%) (Tabela 19). Em 2010 os 'biscates' tornaram-se mais proeminentes, com 36% dos agregados familiares a obterem receitas desta fonte de rendimento, tendo-se tornado também mais importantes o arrendamento de quartos ou casas (12%) e a venda de bebidas (11%). Os agregados familiares também diversificaram mais as fontes de rendimento em 2010 do que em 2007, aumentando a venda de produtos como pão, gelo ou biscoitos directamente a partir de sua casa. As outras actividades novas estão relacionadas com a construção, como a manufactura, arrendamento ou venda de material de construção, o que é uma indicação do aumento das actividades de construção na cidade.

Tabela 19. Tipos de Actividades Económicas Informais por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Percentagem)

Tipo de Actividade Económica Informal	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Sem actividade informal	38,2	20,0	13,6	7,5	29,2	15,8
Biscates	18,4	37,5	31,8	32,4	23,3	35,6
Loja/banca	21,1	28,1	38,6	27,0	27,5	27,7
Arrendam. de propriedades	6,6	12,5	4,5	10,8	5,8	11,9
Bebidas	5,3	12,5	6,8	8,1	5,8	10,9
Comércio ambulante	15,8	6,3	11,4	16,2	14,2	9,9
Carvão	6,6	7,8	9,1	8,1	7,5	7,9
Barbeiro/Cabeleireiro	6,6	4,7	4,5	8,1	5,8	5,9
Oficina de automóveis	1,3	3,1	2,3	8,1	1,7	5,0
Carpintaria	2,6	1,6	0,0	2,7	1,7	2,0
Construção	2,6	0,0	6,8	2,7	4,2	1,0
Medicina tradicional	2,6	1,6	2,3	0,0	2,5	1,0
Gai-Gai/Tchova	0,0	0,0	0,0	2,7	0,0	1,0
Alfaiataria	0,0	1,6	0,0	0,0	0,0	1,0
Artesanato	1,3	0,0	0,0	0,0	0,8	0,0
Outros	1,3	37,5	0,0	43,2	0,8	39,6 ³¹

Além do mais, os agregados familiares chefiados por mulheres estão presentemente envolvidos em actividades que eram anteriormente praticadas principalmente por agregados familiares chefiados por homens e, individualmente, por homens. Este é o caso do comércio ambulante, da carpintaria e do *gai-gai/tchova*³². O risco em novas actividades económicas é o resultado de as mulheres se ocuparem de actividades tradicionalmente do foro masculino, mas também um reflexo de uma mudança nas taxas de dependência (i.e. a proporção de membros do agregado familiar com menos de 15 e mais de 65 anos de idade): a taxa de dependência nos agregados familiares chefiados por mulheres desceu aproximadamente 11% entre 2007 e 2010, ao passo que a taxa dos agregados familiares chefiados por homens desceu apenas 6%. Isto significa que, embora os agregados familiares chefiados por mulheres tenham mais membros como assinalado acima, também têm mais membros em condições de contribuir para a panela do agregado familiar. Do mesmo modo, à medida que as mulheres que chefiam agregados familiares vão ficando mais velhas, já não precisam de tomar conta dos membros mais novos e podem sair de casa para se envolverem no mercado de trabalho.

Aprofundando mais as mudanças na situação económica dos 120 agregados familiares, a percentagem que recebe remessas de dinheiro diminuiu um pouco mas continua a ser relativamente alta – particularmente nos agregados familiares chefiados por mulheres (35%) (Tabela 20). A família alargada continua a ser a fonte mais importante de apoio, para 75% dos que recebem remessas de valores. Os nossos dados mostram que a família alargada fornece apoio principalmente em espécie (produtos agrícolas e vestuário), mas também na forma de dinheiro. Os laços económicos mais estreitos entre as chefes femininas de agregados familiares e as suas famílias de origem nas áreas rurais são ainda outra indicação da

³¹ Inclui guardas, trabalhadores domésticos, mineiros, motoristas, jardineiros, mecânicos, padeiros, serralheiros, pintores, etc.

³² 'Gai-gai' é a actividade de carregar carga às costas. 'Tchova' é um veículo de tracção humana que é usado no transporte de carga.

importância das redes sociais de mulheres, que tendem a mobilizar as suas famílias alargadas quando os casamentos se dissolvem ou são deixadas sozinhas com os filhos.

Tabela 20. *Recepção de Assistência/Remessas Externas no mês anterior, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Percentagem)*

Recepção de Remessas	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Sim	19,7	12,5	38,6	35,0	26,7	20,0
Não	80,3	87,5	61,4	65,0	73,3	80,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Ao mesmo tempo, o apoio de sistemas formais de segurança social está manifestamente ausente. Nenhum dos agregados familiares da nossa amostragem tinha recebido apoio de ONGs ou do Instituto Nacional de Segurança Social (INSS), e todo o apoio concedido pelo Instituto Nacional de Acção Social (INAS), que pressupõe uma carreira dentro do emprego formal, é alocado a chefes masculinos de agregados familiares. A identificação dos agregados familiares mais necessitados dos bairros é feita pelo Secretário do Bairro e seus chefes de quarteirão, e há razões para argumentar que devia ser mais bem planeada para atingir esse objectivo. A excepção é o apoio às vítimas do HIV-SIDA que é frequentemente prestado por indivíduos que trabalham especificamente nessa área, em que as mulheres tendem a ser mais abertas acerca da sua doença. Num dos quatro bairros, as 40 pessoas que recebiam apoio regular na forma de alimentos e medicamentos eram todas mulheres.

A proporção de agregados familiares com acesso a terrenos agrícolas aumentou de 29,2% para 38,3% entre 2007 e 2010, o que é uma estratégia importante para reduzir a vulnerabilidade à falta de comida (Tabela 21). A proporção em Khongolote (localizado perto de áreas rurais e com uma 'tradição rural'), embora em declínio, é a mais alta com 60%, e a mais baixa situa-se na Mafalala (com a população mais pobre, da qual a maioria é originária da província de Nampula no norte) com 16,7%. Ao mesmo tempo Laulane, o bairro com a mais alta proporção de emprego formal, viu o aumento mais acentuado no acesso aos terrenos agrícolas, de 20,0% para 36,7%, mostrando a importância do acesso à terra mesmo para pessoas com meios para investimentos a longo prazo. 80% dos agregados familiares com terrenos agrícolas produzem apenas para consumo próprio. Os animais domésticos são menos comuns e eram possuídos por 25,8% dos agregados familiares em 2010 (uma baixa em relação aos 26,7% em 2007), e a grande maioria dos que os possuem têm galinhas (64,5%) e patos (61,3%) para consumo doméstico.

Tabela 21. *Agregados Familiares com Terrenos Agrícolas (Machambas) por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Percentagem)*

Machamba	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Sim	27,6	36,3	31,8	42,5	29,2	38,3
Não	72,4	63,8	68,2	57,5	70,8	61,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

'Carlos Chamba' foi um dos nossos estudos de caso do relatório de 2007. Tinha recentemente mudado para o bairro, tinha esposa e dois filhos e trabalhava como guarda de segurança enquanto a sua mulher tentava estabelecer-se como comerciante vendendo galinhas no mercado. Viviam numa casa de caniço, mas tinham planos para construir uma casa de tijolo para proteger a sua filha que sofria de asma. A maior preocupação do casal relacionava-se com o seu baixo rendimento mensal de 1.500,00 Mt (dos quais ele gastava 500,00 Mt em

transportes), e por o marido não ter verdadeiramente ninguém para quem se voltar, dado que a sua própria família era demasiado pobre e ele não conhecia ninguém no novo bairro. Passados três anos, a situação de Carlos não mudou muito. Trabalha ainda como guarda de segurança mas queixa-se de que ganha menos do que anteriormente devido ao aumento do custo dos transportes para o seu local de trabalho, da comida e de outras necessidades básicas (“as pessoas que carregam areia no novo estádio de futebol ganham mais do que eu”). A sua mulher desistiu do seu negócio de venda de galinhas e recorreu à venda de biscoitos e doces a partir de sua casa, a fim de conseguir olhar pela sua filha doente e pelos dois novos filhos. Lamenta que os seus vizinhos não lhe comprem os produtos, ou porque os compram a ‘velhos amigos’ ou porque são recém-chegados que ‘não gostam de comprar biscoitos que estiveram ao sol’. A casa de tijolo está ainda ‘a ser feita’ (reminiscência do postulado famoso de Victor Turner de que “habitação é um verbo...”): os filhos dormem numa parte em tijolo, os pais na parte de caniço e fazem a comida e comem – ainda – lá fora. ‘Carlos’ não está realmente certo sobre o que fazer. Por um lado sente que não pode abandonar o seu emprego como guarda de segurança porque é um rendimento certo, embora pequeno. Mas por outro lado o custo de vida está a tornar-se tão elevado que sente que deve tentar encontrar um emprego mais bem pago. As principais possibilidades no bairro estão na construção, que pode pagar bem mas é temporária. E tentar encontrar trabalho ‘na cidade’ (i.e. na antiga ‘cidade de cimento’) é, de acordo com o Carlos, “praticamente impossível sem contactos”. Diz que no caso de qualquer coisa especial acontecer, por exemplo com a sua filha doente, terá de encontrar alguém que o possa ajudar ou que lhe empreste dinheiro – mas reconhece que realmente não sabe quem poderia ser essa pessoa.

4.3 Despesas, Bens e Poupanças

As mudanças nas despesas do agregado familiar são bem comparáveis com o seu rendimento (Tabela 22). 13,5% gastaram 1.500,00 Mt ou menos no mês anterior ao do estudo em 2010,³³ o que é muito pouco no contexto de Maputo. É ‘caro ser pobre’ porque comprar em pequenas quantidades é muito mais dispendioso do que comprar em maiores quantidades, por exemplo numa base mensal (*‘rancho’*). Ao mesmo tempo, quase 50% gastaram entre 2.500,00 Mt e 5.000,00 Mt, e aproximadamente 25% gastaram acima de 5.000,00 Mt mensais. Em média, os agregados familiares gastam agora 1,6 vezes mais do que costumavam gastar em 2007. As despesas aumentaram particularmente nos agregados familiares chefiados por homens, com 76,3% gastando mais de 2.500,00 Mt e 27,5% gastando mais de 5.000,00 Mt. 50% dos agregados familiares chefiados por mulheres gastaram mais de 2.500,00 Mt, o que na maioria dos casos é necessário para cobrir necessidades básicas, e 17,5% despendem mais de 5.000,00 Mt, o que geralmente implicará despesas com necessidades básicas e com bens não essenciais e investimentos a prazo. A proporção de agregados familiares que gastam acima de 5.000,00 Mt triplicou nos agregados familiares chefiados por homens e duplicou nos chefiados por mulheres, durante os três anos em questão. Isto confirma que, não obstante o progresso registado nos agregados familiares chefiados por mulheres, os chefiados por homens ainda dominam os intervalos de rendimento mais alto.

³³ Isto está abaixo dos 23,3% em 2007, mas para os mais pobres parte da aparente melhoria foi ‘comida pelo’ aumento de preços (ver acima).

Tabela 22. *Despesa do Agregado Familiar no Mês Anterior à Entrevista, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)*

Despesa em MT	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Sem despesa	1,3	0,0	2,3	0,0	1,7	0,0
< 250	0,0	1,3	2,3	0,0	0,8	0,8
251 - 500	0,0	0,0	4,5	7,5	1,7	2,5
501 - 750	1,3	1,3	4,5	2,5	2,5	1,7
751 - 1.000	5,3	0,0	6,8	5,0	5,8	1,7
1.001 - 1.500	9,2	6,3	8,2	7,5	12,5	6,7
1.501 - 2.500	32,9	15,0	22,7	27,5	29,2	1,2
2.501 - 5.000	40,8	48,8	29,5	32,5	36,7	43,3
> 5.000	9,2	27,5	9,1	17,5	9,2	24,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Como se vê pela Tabela 23, praticamente todos os agregados familiares tiveram despesas com a comida no mês anterior ao do estudo em 2010, e a grande maioria também gastou dinheiro em produtos de limpeza, electricidade, água e transporte – como foi também o caso em 2007. As despesas com electricidade registaram o aumento mais significativo, reflectindo a expansão da rede eléctrica através da cidade. A proporção de agregados familiares que gasta dinheiro em transportes acusou uma diminuição, o que provavelmente reflecte uma combinação de mais pessoas a trabalhar perto das suas casas (ver abaixo) e agregados familiares tentando poupar numa despesa que é um duro fardo para o orçamento da maioria das famílias. As despesas com material escolar, vestuário e cuidados com as crianças foram menos frequentes em 2010 do que em 2007. Em termos de despesas actuais, a comida permanece como o item que absorve a maior parte dos orçamentos dos agregados familiares, seguida pelas despesas com electricidade e transportes. O montante gasto em vestuário e na renda da casa foi o que mais aumentou.

Os agregados familiares chefiados por mulheres gastaram menos do que os chefiados por homens em quase todos os items, excepto em água onde os agregados familiares chefiados por mulheres pagam mais do que os chefiados por homens. É provável que isto seja o resultado de duas condições: os seus agregados familiares são maiores e são menos os que têm acesso a água da torneira em suas casas, o que os torna dependentes de soluções alternativas mais dispendiosas como a compra nos fontanários públicos ou aos vizinhos. Também as despesas com medicamentos se reduziram em ambos os agregados familiares chefiados por homens e por mulheres. Isto pode estar relacionado com as mudanças no sistema de saúde, que baixou os custos da consulta e tornou disponíveis medicamentos mais baratos através de todo o sistema, mas como poderemos ver houve também uma redução na proporção dos agregados familiares com pessoas doentes.

Tabela 23. *Proporção de Agregados Familiares com Despesas de Itens Seleccionados no Mês Anterior ao do Estudo, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)*

Item	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Alimentação	98,7	97,5	97,7	100,0	98,3	98,3
Produtos de limpeza	90,8	96,3	93,2	80,0	91,7	90,8
Electricidade/Iluminação	65,8	85,0	40,9	80,0	56,7	83,3
Água	93,4	83,8	90,9	77,5	92,5	81,7
Transportes	90,8	82,5	81,8	70,0	87,5	78,3
Medicamentos	68,4	45,0	70,5	47,5	69,2	45,8
Material escolar	35,5	23,8	40,9	30,0	37,5	25,8
Vestuário	21,1	18,8	38,6	20,0	27,5	19,2
Renda de casa	3,9	8,8	13,6	10,0	7,5	9,2
Cuidados com crianças	6,6	6,3	2,3	2,5	5,0	4,2
Outras	0,0	32,5	0,0	15,0	0,0	26,7

Relativamente à questão da pobreza de calorias (ver o Capítulo 3), o padrão de consumo de alimentos entre os 120 agregados familiares não mudou muito entre 2007 e 2010 (Tabela 24). A maior parte dos agregados familiares consome principalmente arroz ou papa de milho, pão e verduras ou *matapa*, sendo o peixe – geralmente cavala ou carapau importado de Angola – a fonte mais comum de proteína animal. Carne e galinha foram consumidas por 34% e 57% dos agregados familiares na semana anterior à da entrevista, tendo os agregados familiares chefiados por mulheres acesso mais limitado a proteínas animais do que os chefiados por homens. Sabemos menos sobre a forma como os vários produtos alimentares são distribuídos dentro do agregado familiar num conjunto urbano como Maputo. Tradicionalmente, a carne e o peixe são principalmente consumidos pelos membros adultos dos agregados familiares e particularmente pelos homens, devido à estrutura de autoridade dentro do agregado familiar e à necessidade de sustentar os membros envolvidos em trabalho agrícola pesado.

Tabela 24. *Itens Alimentares Consumidos pelo Agregado Familiar na Semana Anterior à Entrevista, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)*

Item	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Arroz/papa	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Matapa	88,2	97,5	90,9	95,0	89,2	96,7
Pão	92,1	96,3	95,5	92,5	93,3	95,0
Carne (menos galinha)	44,7	40,0	25,0	22,5	37,5	34,2
Galinha	63,2	63,8	43,2	42,5	55,8	56,7
Peixe	92,1	77,5	77,3	77,5	86,7	77,5
Fruta	69,7	63,8	70,5	55,0	70,0	60,8

Ao mesmo tempo, aumentaram os preços de quase todos os produtos alimentares. Ao pedido para listarem os três produtos que registaram o maior aumento de preços entre os dois estudos, 94,1% incluíram o arroz, 58,8% apontaram o óleo, 45,4% nomearam o açúcar, 16,8% designaram o peixe e 15,1% referiram o carvão. De acordo com as estimativas das próprias pessoas, os preços dos três produtos que listaram aumentaram em média 23,5% no ano anterior ao estudo. Os aumentos de preço foram confirmados pelas pessoas nos mercados informais dos quatro bairros em estudo, que cada vez mais tinham de equilibrar os preços enormes que pagam pelos produtos com os preços que os consumidores podem ou desejam pagar para os comprar – resultando muitas vezes que os seus proveitos estão a ser reduzidos. 81% dos agregados familiares declararam que tiveram de cortar no consumo dos três produtos

que crêem terem tido o maior aumento de preço. Sendo perguntada a um grupo focal num dos bairros a sua opinião sobre os preços de um conjunto de produtos de consumo essenciais, em Novembro de 2009 e Novembro de 2010 (i.e. na altura do trabalho de campo), as pessoas revelaram ter uma percepção muito clara dos preços, o que sublinha a importância da comida como uma despesa chave, particularmente para os agregados familiares pobres (Tabela 25).

Tabela 25. *Preço de Produtos de Consumo Chave em Novembro de 2009 e Novembro de 2010 (em Mt).*

Artigo	Quantidade	Preço Nov. 2009	Preço Nov. 2010
Arroz	25 kg	500	750
Açúcar	1 kg	22	30
Óleo	1 litro	50	65
Peixe	10 kg	350	570
Refrigerantes	caixa de 10	145	210
Batatas	10 kg	150	200
Galinha	1 galinha	120	180
Detergente	2 kg	550	725
Milho	50 kg	750	900
Sabão	1 barra	25	50

A posse de vários bens é uma boa indicação das mudanças na pobreza e bem-estar, e a maioria dos 120 agregados familiares viu melhorias no que respeita à posse de bens entre 2007 e 2010 (Tabela 26). Os dois indicadores talvez mais significativos são a posse de telemóveis e o acesso a electricidade. Cerca de 90% dos agregados familiares chefiados por homens e 82,5% dos chefiados por mulheres têm pelo menos um telemóvel na família. Os telemóveis já não são um artigo de luxo mas sim uma ferramenta quase indispensável relacionada com o mercado de emprego, as variações nos níveis dos preços, o manter contacto com a família e amigos e rapidamente enviar mensagens para um grande número de pessoas – de que são bons exemplos os levantamentos em 2008 e 2010. E a melhoria do acesso a electricidade tem implicações em tudo, desde as opções relacionadas com o estudo das crianças até à segurança nas habitações e bairros. Seguindo de perto o ‘boom da electricidade’, as TVs tornaram-se também mais comuns, muito embora uma TV seja frequentemente ‘partilhada’ por vários vizinhos que se juntam para assistir. Em geral os agregados familiares chefiados por homens têm acesso a um maior número de bens do que os chefiados por mulheres, mas a diferença está a desaparecer para a maioria dos itens.

Tabela 26. Posse de Itens por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)

Bens	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Telemóvel	76,9	90,0	64,9	82,5	73,0	87,5
Mesa	89,7	91,3	64,9	77,5	81,7	86,7
Cama	87,2	85,0	78,4	82,5	84,3	84,2
Cadeiras	91,0	90,0	75,7	72,5	86,1	84,2
Electricidade	59,0	82,5	48,6	77,5	55,7	80,8
TV	61,5	80,0	51,4	75,0	58,3	78,3
Rádio	61,5	70,0	48,6	55,0	57,4	65,0
Água	41,0	63,8	32,4	57,5	38,3	61,7
Charrua	67,9	67,5	59,5	50,0	65,2	61,7
Vídeo/VCD/DVD	48,7	61,3	27,0	40,0	41,7	54,2
Catana	62,8	58,8	43,2	35,0	56,5	50,8
Congelador	42,3	45,0	29,7	40,0	38,3	43,3
Relógio/Relóg. de pulso	50,0	46,3	32,4	27,5	44,3	40,0
Sofá	39,7	47,5	32,4	25,0	37,4	40,0
Machado	47,4	45,0	29,7	27,5	41,7	39,2
Aparelhagem de Hi/fi	23,1	23,8	8,1	15,0	18,3	20,8
Geleira	17,9	15,0	10,8	15,0	15,7	15,0
Carro	6,4	10,0	8,1	2,5	7,0	7,5
Bicicleta	3,8	7,5	8,1	5,0	5,2	6,7
Tractor	3,8	5,0	2,7	2,5	3,5	4,2
Motocicleta	1,3	0,0	5,4	7,5	2,6	2,5

O bem mais significativo e dispendioso possuído pelos agregados familiares urbanos é a sua habitação.³⁴ Isto resulta tanto de as pessoas necessitarem de um lugar bom e seguro para permanecer como porque possuir uma habitação apropriada é uma das formas mais importantes de preencher expectativas de ser adequadamente 'urbano' e 'moderno' ('*O tecto identifica o homem*' como alguém disse). A maior proporção de agregados familiares (36,7%) comprou a sua habitação; 31,7% construiu a sua própria habitação; 17,5% herdou a habitação; e 5,8% arrenda a habitação onde vive. Há apenas diferenças mínimas entre os agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres, o que revela a importância concedida ao investimento num bom lugar para viver. Houve melhorias mensuráveis em termos de paredes de tijolo (de 83,4% para 87,5%) e telhados de zinco (de 84,2% para 87,5%), e particularmente no que respeita a construção de compartimentos adicionais (de 46,1% para 76,9% no caso dos agregados familiares chefiados por homens e de 38,1% para 70,6% no caso dos chefiados por mulheres). Isto resulta provavelmente da pressão para acolher outras pessoas numa base temporária, semi-permanente ou permanente acima discutida.

Uma última despesa a ser aqui tratada é os impostos (Tabela 27). A percentagem de agregados familiares que pagam impostos diminuiu no período entre 2007 e 2010, particularmente no que concerne aos agregados familiares chefiados por mulheres. A baixa proporção geral de contribuintes é o resultado de um sistema que realmente não funciona de acordo com as intenções. Por exemplo, todos os agregados familiares deviam em princípio

³⁴ Uma casa de tijolo normal (sala, cozinha, dois quartos) custa 'a olho' 200.000 Mt, e um talhão custa 50.000-75.000 Mt. O salário mínimo em Moçambique é 1.450 Mt por mês, sendo 2.500 Mt comuns entre funcionários públicos.

pagar imposto pessoal mas apenas 67,1% o pagam – e a maioria destes são pessoas com emprego formal onde o imposto é deduzido ao salário. A responsabilidade pela cobrança de outros impostos é dos secretários de bairro e dos seus chefes de quarteirão, mas o seu incentivo desapareceu em grande parte quando terminou a aceitação *de facto* de guardarem parte do dinheiro recolhido, devido à introdução da remuneração dos líderes a estes níveis. Além disso, com os serviços limitados prestados pelo estado e pelo município, o ‘desejo de pagar’ das pessoas é limitado. Deste modo, a quase total falta de serviços na maioria dos mercados é provavelmente a razão principal do baixo número de pessoas que pagam taxa de comércio. Por outro lado, a ‘taxa’ de remoção do lixo é uma taxa baseada na comunidade, usada para apoiar as ‘brigadas’ locais que recolhem o lixo e o colocam em pontos designados para ser levado pelos camiões municipais – o que é visto pelas pessoas como de utilidade imediata levando-as a ter mais vontade de pagar.

Tabela 27. Agregados Familiares que Pagaram Impostos no Ano Anterior ao da Entrevista, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)

Tipo de Imposto	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Sem imposto	30,3	31,3	56,8	67,5	40,0	43,3
Pessoal	73,6	n.a.	47,1	n.a.	67,1	n.a.
Lixo	69,8	n.a.	76,5	n.a.	71,4	n.a.
Comercial	5,7	n.a.	17,6	n.a.	8,6	n.a.
Rádio	3,8	n.a.	0,0	n.a.	2,9	n.a.
Outro	9,4	n.a.	5,9	n.a.	8,6	n.a.

Num contexto de impostos mais altos e mais alto custo de vida, uma proporção relativamente grande dos 120 agregados familiares está ainda em posição de poupar dinheiro para consumo futuro, verificando-se um aumento geral de 51,7% para 54,2% (Tabela 28). As pessoas com emprego formal terão a opção de colocar a poupança nos bancos (tanto por razões económicas como formais), e há também disponíveis tipos especiais de empréstimo a pessoas empregadas, por exemplo para habitação (como o *Fundo de Fomento de Habitação*). Todavia, a maioria dos que poupam estão envolvidos em esquemas de poupança rotativos informais (*xitique*), consistindo geralmente³⁵ em grupos de 5 a 10 amigos ou vizinhos que contribuem com pequenos montantes numa base semanal ou mensal e que podem ‘receber a bolada’ a intervalos regulares para maiores investimentos. As pessoas realçam que esta é principalmente uma actividade de e para as mulheres (“porque os homens não sabem gastar bem o dinheiro” como disse uma delas). O facto de ter havido um pequeno aumento na proporção dos agregados familiares chefiados por homens envolvidos em esquemas de poupança, e uma concomitante pequena diminuição entre os agregados familiares chefiados por mulheres, pode reflectir o melhor acesso ao emprego formal (e consequentemente de rendimento regular) entre os homens.

³⁵ Há também esquemas de poupança privados em maior escala semelhantes ao *xitique* em pelo menos um dos bairros, coordenados por um certo ‘Sr. Zumbo’. E há ‘sociedades de poupança’ informais entre a classe média, consistindo frequentemente em amigos ou ‘rapazes da terra’ da mesma província/distrito/comunidade que se encontram regularmente para conviver e deixar dinheiro num mealheiro que pode ser usado numa base rotativa em maiores investimentos.

Tabela 28. *Participação em Esquemas de Poupança por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)*

Poupança	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Sim	50,0	57,5	54,5	47,5	51,7	54,2
Não	50,0	42,5	45,5	52,5	48,3	45,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Finalmente, em termos de decisões dentro do agregado familiar sobre como gastar o rendimento do agregado, parece ter havido um movimento no sentido de um papel mais forte das mulheres – não obstante as questões sobre tomada de decisões serem notoriamente difíceis de perguntar e analisar (Tabela 29). Muitas vezes, os homens urbanos terão a principal responsabilidade pelas ‘maiores’ decisões em termos de implicações sociais e desembolsos, e as mulheres serão as principais responsáveis pelas decisões relacionadas com a comida e outros itens de consumo diário. E nos cenários urbanos ‘modernos’ os homens podem autoatribuir-se menos poder do que o que verdadeiramente possuem, para viver segundo as ‘expectativas de modernidade’, em oposição ao cenário que encontramos nas áreas rurais onde os homens parecem atribuir-se mais poder de tomada de decisões para viver segundo as ‘expectativas da tradição’. Questionando ainda sobre a tomada geral de decisões nos agregados familiares, a mudança talvez mais notável é o aumento da proporção de agregados familiares chefiados por homens em que é dito ser a esposa a principal tomadora de decisões (de 34,2% para 41,3%).

Tabela 29: *Tomada de Decisões sobre a Utilização do Rendimento Total do Agregado Familiar, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)*

Tomada de decisões gerais	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Chefe do agregado familiar	27,6	28,8	67,4	75,0	42,0	44,2
Esposo(a)	34,2	41,3	4,7	5,0	23,5	29,2
Casal em conjunto	19,7	21,3	2,3	0,0	13,4	14,2
Outro homem adulto	0,0	0,0	0,0	2,5	0,0	0,8
Outra mulher adulta	0,0	2,5	0,0	5,0	0,0	3,3
Todos os membros	6,6	1,3	9,3	7,5	7,6	3,3
Cada um por sua conta	5,3	5,0	0,0	5,0	3,4	5,0
Outros	6,6	0,0	16,3	0,0	10,1	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

‘**Victor Hilário**’, que encontramos no nosso primeiro relatório, tinha-se mudado para o seu bairro depois das cheias de 2000, com a sua mulher e nove crianças. Trabalhava no Município de Maputo, estava no processo de transformar uma das suas três casas de caniço numa casa de tijolo e tinha sido recentemente eleito (seleccionado) chefe de quarteirão. Voltando a encontrá-lo em 2010, estava relativamente satisfeito com a evolução. Tinha conseguido erguer duas casas de tijolo no seu lote e estava a produzir tijolos para uma pequena cozinha (evidente por um grande buraco no seu pátio de onde tirava a areia). Tinha arranjado electricidade e água da torneira e comprado uma nova TV (“Há três anos eu já tinha uma mas não trabalhava”). Com os filhos mais velhos a sua mulher tinha começado a vender frutas e vegetais num mercado próximo, o que ajudava a economia familiar. Dois dos seus filhos tinham encontrado trabalho na África do Sul (“um deles veio um dia até cá com um carro e disse-me que era motorista!”), e uma filha tinha conseguido entrar na escola secundária, trabalhava numa sapataria e já não precisava de dinheiro dele. O Sr. ‘Hilário’ tinha-se reformado recentemente, o que lhe proporcionava “mais tempo para trabalhar para o bairro”.

A sua maior preocupação eram dois outros filhos mais velhos, que tinham estudado mas que não conseguiam trabalho. Um deles tinha sido preso recentemente (de acordo com o pai, porque ‘estava no lugar errado na altura errada’), e o outro ‘não faz nada’. No que se refere à comunidade, o Sr. ‘Hilário’ reconhece que aconteceram muitas coisas positivas como melhores estradas, acesso a água e electricidade, novas escolas e postos de saúde, um novo mercado, etc. Mas está também preocupado, queixando-se de que vieram demasiadas pessoas para o bairro e que nem todas “se comportam bem” nem “compreendem o bairro”. Ele acha cada vez mais difícil ser um líder comunitário, dado que os recém-chegados não o escutam e os jovens “fazem o que gostam”.

4.4 Mobilidade do Agregado Familiar

A mobilidade é de importância fundamental para os agregados familiares em Maputo. É essencial a fim de manter relações sociais vitais dentro da cidade e com as áreas rurais, e é necessária a fim de explorar as oportunidades económicas que se distribuem pelo espaço urbano. Vimos no nosso primeiro relatório que apenas cerca de um terço dos chefes de agregados familiares do nosso estudo tinham nascido em Maputo, com 25% para os agregados familiares chefiados por homens e 47,7% para os chefiados por mulheres (Tabela 30). Manter ligações com as áreas rurais é importante para a segurança alimentar e como um ‘para-choques’ em tempos de dificuldades, bem como para manter relações familiares a fim de poder regressar às áreas rurais de origem caso isso se torne relevante. Embora as chefes femininas de agregados familiares estejam aparentemente em desvantagem na manutenção de ligações rurais, dado que uma grande proporção delas nasceu em Maputo, os nossos dados qualitativos mostram que as mulheres tendem a colocar mais ênfase do que os homens no estabelecimento dessas ligações (ver também Costa e Udelsman 2008).

Tabela 30. *Lugar de Nascimento dos Chefes de Agregados Familiares, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)*

Local de Nascimento	AFCH	AFCM	Total
Cidade de Maputo	25,0	47,7	33,3
Província de Maputo	9,2	15,9	11,7
Gaza	32,9	18,2	27,5
Inhambane	25,0	18,2	22,5
Outro	7,9	0,0	5,0
Total	100,0	100,0	100,0

A importância das relações sociais fora de Maputo é evidente na Tabela 31, mostrando que apenas 14% dos agregados familiares não têm membros fora da cidade por razões privadas ou relacionadas com o trabalho.³⁶ Além disso, a proporção de agregados familiares com membros que viajam para fora da cidade é mais alta entre os agregados familiares chefiados por homens do que entre os chefiados por mulheres. Como vimos, estes últimos são ainda mais pobres e as mulheres numa relação conjugal com chefes de agregados familiares plausivelmente enfrentam também dificuldades para ir visitar as suas próprias famílias, num contexto social grandemente patrilinear. Dos que deixam a cidade, a maioria ou 60,6% (abaixo dos 70,8% em 2007) fazem-no entre uma vez por mês e uma vez por ano. A razão principal para sair da cidade prende-se com as visitas à família (73,6% em 2007 e 70,0% em

³⁶ Em 2007 a proporção de agregados familiares sem membros que tivessem deixado a cidade era apenas de 0,8%. É provável que a mudança reflecta a relativa melhoria das condições de vida em Maputo, quando comparado com as províncias vizinhas acima referidas, e uma subsequente ‘inversão’ de direcção da troca de visitas.

2010). Essas visitas envolvem uma combinação de manter relações importantes e assegurar comida e outros produtos rurais. A segunda razão mais importante é os eventos sócio-culturais (15,5%), incluindo casamentos, funerais e diversos ritos culturais. Não ser capaz de tomar parte nesses eventos pode pôr em perigo as relações com toda a família alargada.

Tabela 31. *Principal Razão da Última Visita para fora de Maputo por Membros do Agregado Familiar, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)*

Principal Razão para Visitas para Fora de Maputo	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Sem visitas	9,2	8,9	15,9	28,6	11,7	14,9
Família	68,1	72,2	83,8	64	73,6	70
Agricultura	1,4	2,8	0	4,0	0,9	3,1
Negócio/Comércio	0	4,2	2,7	4,0	0,9	4,1
Eventos sócio-culturais	18,8	13,9	10,8	20	23,7	15,5
Outros	11,7	6,9	2,7	8,0	0,9	7,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

No que respeita a mobilidade dentro da cidade de Maputo, vimos no nosso primeiro relatório que metade dos agregados familiares vivem actualmente no mesmo bairro onde originalmente se fixaram quando chegaram a Maputo (ou onde estabeleceram os seus próprios agregados familiares, para as pessoas nascidas na cidade), o que significa que a outra metade se mudou para outros bairros para melhorar as suas vidas ou porque foram forçados a mudar-se (Tabela 32). Os chefes masculinos de agregados familiares têm sido mais estáveis, tendo-se mudado 33,3%, do que as chefes femininas cuja mudança atingiu 66,7% (muitas em consequência de divórcios ou viuvez, quando as mulheres frequentemente perdem o controlo da habitação em favor da sua família por afinidade). Embora a mudança possa ser importante para a melhoria do acesso ao emprego, terra e habitação, é também um peso considerável nos recursos do agregado familiar e requer investimentos em novas relações sociais.

Tabela 32. *Lugar da Fixação Original em Maputo do Chefe do Agregado Familiar, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)*

Fixação Original	AFCH	AFCM	Total
Bairro actual	66,7	33,3	50,0
Outro bairro	33,3	66,7	50,0
Total	100,0	100,0	100,0

A mobilidade também é importante na vida diária dos agregados familiares, a fim de obter trabalho, comprar bens onde são mais baratos, ir para as escolas, visitar família e amigos e ser capaz de responder a emergências como por exemplo no caso de doença. 27,6% dos chefes masculinos de agregados familiares trabalham no bairro onde vivem, 56,9% trabalham noutra bairro, 5,2% trabalham noutra província e 10,3% trabalham noutros país como mão-de-obra migrante. As chefes femininas de agregados familiares tendem ou a trabalhar no seu próprio bairro (44,4%) ou noutra bairro (55,6%). Isto reflecte o facto de mais homens estarem formalmente empregados, o que geralmente os levará para o centro da cidade, e de as mulheres necessitarem de permanecer perto de casa para cuidarem das suas responsabilidades domésticas. As percentagens são relativamente iguais em 2007 e em 2010 mas em 2010 as pessoas gastam ainda mais tempo para ir trabalhar do que gastavam em 2007 (Tabela 33). Isto é provavelmente o resultado do grande aumento de tráfego na maioria dos bairros, mas também sabemos de casos individuais de pessoas que tiveram de passar a ir a pé para o trabalho em virtude dos elevados custos dos transportes.

Tabela 33. *Tempo Gasto na Deslocação para o Trabalho pelo Chefe do Agregado Familiar, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)*

Tempo Gasto para Ir Trabalhar	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Menos de 30 minutos	68,2	46,7	78,6	71,4	70,7	51,4
30 minutos – 1 hora	13,6	33,3	14,3	14,3	13,8	29,7
Mais de 1 hora	18,2	20,0	7,1	14,3	15,5	18,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

As pessoas em Maputo movimentam-se com relativa frequência e facilidade tanto para as províncias vizinhas, para manterem ligações com as suas famílias de base rural, como dentro da própria cidade – apesar de termos visto que o transporte é um pesado fardo no orçamento dos agregados familiares e demora mais tempo. Sabemos pouco acerca das implicações económicas e sócio-culturais mais exactas da mobilidade dos agregados familiares, particularmente no que respeita às ligações urbano-rurais. Na cidade, uma importante questão que se coloca é se a mobilidade entre os diferentes bairros com as suas diferentes características – realçando as desigualdades sócio-económicas – actua como incentivo para uma maior mobilidade social dos pobres ou se funciona de facto como ‘armadilha de pobreza espacial’.

Os ‘chapas’ ou mini-autocarros são a espinha dorsal do sistema de transportes em Maputo. Os chapas são regulados pelo Município, geralmente propriedade de gente de negócios, políticos ou com outras ocupações formais, tentando a associação de transportadores FEMATRO assegurar jogo limpo e defender os interesses dos transportadores. O papel essencial dos chapas na comunicação rodoviária fica claro quando não operam devidamente, ou fazem greve como aconteceu em Fevereiro de 2008: toda a cidade fica paralisada. Os chapas são visíveis por toda a cidade, com grandes sinais anunciando o seu destino final (Xiquelene/Hulene!, Baixa! ou Museu!), e transportam de manhã dezenas de milhares de pessoas para o centro da cidade trazendo-as de volta à noite. As viagens custam entre 10 e 15 Mt, dependendo do número de zonas de transporte por onde passam, e o tempo que as pessoas esperam em fila que os chapas cheguem e tenham lugares vagos tende a ultrapassar o tempo que verdadeiramente gastam na estrada – o qual pode ser bastante lento. As filas de espera podem parecer caóticas mas aparentemente existe alguma ordem e os ajudantes dos condutores (chamados ‘cobradores’) não apenas se certificam que as pessoas pagaram como também se os chapas estão cheios até cima. As pessoas parecem ter uma relação de ‘amor e ódio’ para com os seus chapas: a sua forma de trabalhar é considerada demolidora, insolente e oportunista, mas simplesmente não há alternativas.

4.5 Educação e saúde

A proporção de crianças que vão à escola e o nível de educação em Maputo são altos comparativamente com o resto do país (INE 2010). Entre os 120 agregados familiares do nosso estudo houve uma ‘progressão natural’ em termos dos níveis mais elevados de educação atingidos nos agregados familiares entre 2007 e 2010 (Tabela 34).³⁷ 97,5% dos agregados familiares têm membros com instrução e 59,2% dos agregados familiares têm membros com um nível de instrução acima da 7ª Classe. Houve também uma redução na

³⁷A redução nos agregados familiares com membros com educação universitária reflecte provavelmente o facto de as pessoas em questão terem um bom ponto de partida para obterem emprego, ganhando dinheiro e consequentemente estabelecerem os seus próprios agregados familiares separados.

proporção de agregados familiares com crianças em idade escolar que não vão à escola – de 11,2% para 8,1% entre os agregados familiares chefiados por homens e de 11,4% para 6,1% entre os chefiados por mulheres. Os dados oficiais, bem como as entrevistas com os directores das escolas, mostram que as raparigas estão a conseguir fechar a diferença de género em termos de participação na educação em Maputo.

Tabela 34. *Nível mais Alto de Educação dentro do Agregado Familiar, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Percentagem)*

Nível mais alto de educação	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Nenhum	2,6	2,5	2,3	2,5	2,5	2,5
EP1 (5ª Classe)	3,9	11,3	20,5	25	10,0	15,8
EP2 (7ª Classe)	21,1	20	27,3	25	23,3	22,5
Secundário/básico	30,3	31,3	31,8	40	30,8	34,2
Ensino médio	31,6	31,3	15,9	7,5	25,8	23,3
Universidade	10,5	3,6	2,3	0	7,5	1,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Embora o nível de educação nos agregados familiares envolvidos neste estudo seja alto, as entrevistas com pessoal da educação mostram que há razões para preocupação com a qualidade da educação, particularmente ao nível primário. Muitas escolas que visitámos em 2007 lutam com os mesmos problemas: edifícios velhos e em estado precário; falta de cadeiras e mesas, com os alunos a terem de se sentar em chão frio e molhados; falta de livros e outro material escolar; e estudantes que vêm para a escola com fome e não têm apoio adequado por parte dos pais, o que reduz a sua capacidade de aprendizagem. Em alguns dos bairros as salas de aula estão mais superlotadas do que estavam em 2007. As altas taxas de matrícula e de conclusão reflectem também o facto de a passagem de classe se ter tornado 'compulsória' até à 5ª Classe. Os directores das escolas disseram-nos que até 50% dos estudantes que atingem a 5ª Classe são funcionalmente analfabetos. Os dados oficiais e as nossas entrevistas revelam, mais uma vez, que as raparigas são geralmente mais concentradas e obtêm melhores resultados do que os rapazes.

No que respeita aos estudantes dos quatro bairros que estão em posição de continuar os seus estudos depois da instrução primária, registaram-se melhorias no acesso à educação na forma de novas escolas secundárias privadas. Embora sendo relativamente dispendiosas (as propinas das escolas secundárias públicas montam a 300 Mt por ano e variam entre 3.100 Mt e 4.400 Mt por ano nas escolas secundárias privadas), seguem o curriculum oficial e são geralmente bem vistas. Numa escola secundária privada a grande maioria dos alunos eram raparigas, e o director admitiu que também a este nível as raparigas tendem a ser melhores do que os rapazes. O principal problema dos estudantes com formação escolar mais elevada, ao qual voltaremos, não é serem capazes de ler e escrever mas sim encontrar emprego relevante. Durante o nosso trabalho de campo deparámos com um grande número de jovens frustrados que tinham terminado o ensino secundário mas que se encontravam na mesma situação de desemprego e dependência dos pais ou de actividades económicas informais que os que não tinham instrução – e colocavam questões legítimas sobre o valor do seu investimento.

A situação sanitária também viu melhorias no período entre 2007 e 2010. Dois factores importantes são a melhoria geral da situação sócio-económica da maioria dos agregados familiares e o melhor acesso a medicamentos mais baratos. Além disso os bairros, com excepção da Mafalala, têm centros de saúde novos ou melhorados. Há uma percepção geral de que o sector da educação se centrou na quantidade, ao passo que o sector da saúde se centrou na qualidade. Nesta linha de pensamento, a proporção de agregados familiares com membros

doentes duas semanas antes da entrevista reduziu-se de 65,0% para 46,7% entre 2007 e 2010 (Tabela 35). A redução é maior nos agregados familiares chefiados por mulheres, com 72,7% e 45,0% respectivamente, o que pode implicar melhor alimentação e melhores cuidados de saúde nesses agregados familiares. Mesmo assim, 46,7% é uma percentagem elevada e mostra o muito que ainda é necessário fazer em termos de nutrição e cuidados gerais particularmente das crianças.

Tabela 35. *Agregados Familiares com Membros Doentes Duas Semanas Antes da Entrevista, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Percentagem)*

Membros do Agregado Familiar Doentes	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Sim	60,5	47,5	72,7	45,0	65,0	46,7
Não	39,5	52,5	27,3	55,0	35,0	53,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

29,2% dos agregados familiares do estudo declararam ter pelo menos um “membro do agregado familiar com doença crónica” (a proporção era de 31,7% em 2007). Podem ter incapacidades físicas ou mentais graves e são vistos como ‘cronicamente doentes’ no sentido de que se espera que continuem ‘improdutivos’ e um fardo económico. Com o aumento de conhecimento sobre o resultado final do HIV-SIDA, as vítimas desta doença são consideradas estar dentro dessa categoria. Os dados do Ministério da Saúde mostram que a taxa de infecção em Maputo está agora nos 16,8%, e em 20,5% para as mulheres (MISAU 2009). As entrevistas com os líderes locais e pessoal da saúde confirmam também que a violência doméstica continua a ser um problema sério. Isto mostra que no meio das melhorias sócio-económicas das mulheres e dos agregados familiares chefiados por mulheres, as desigualdades de género na esfera privada estão ainda profundamente enraizadas. De facto, algumas das entrevistadas argumentaram que alguns homens compensam a sua relativa perda de importância e autoridade no agregado familiar com violência e outros tipos de comportamento ‘anti-social’.

Padres e freiras e outros que trabalham nas igrejas e mesquitas são observadores chave e estão frequentemente em estreito contacto com as condições nas comunidades e entre os agregados familiares pobres. Nas missões em dois dos bairros onde trabalhamos, os padres e freiras reconhecem que houve desenvolvimentos positivos nos últimos anos mas sublinham também que muitos agregados familiares e indivíduos são postos à margem destes desenvolvimentos. Têm projectos que fornecem comida e outras necessidades básicas a pessoas que estão completamente isoladas, mas abrangem apenas uma muito pequena proporção delas. Muitas são pessoas idosas, mas algumas são também vulgares agregados familiares que simplesmente não conseguem satisfazer as suas necessidades. Destacam também como a pobreza pode ser encontrada em ‘bolsas’: certas áreas, particularmente na periferia da cidade, contêm pessoas que ali chegaram sem quaisquer contactos; não têm meios para pagar habitação apropriada; não têm dinheiro para comida e transportes; e consequentemente não têm mobilidade suficiente para procurar emprego. Estão também preocupados por muitas crianças simplesmente não obterem em particular a comida de que necessitam, e por as instituições de saúde não darem atenção suficiente às questões de nutrição. “Às crianças daqui só é dada papa”, como referiu um padre. Além disso, estão ‘chocados’ com o que vêem como uma deterioração da qualidade nas escolas públicas, queixando-se que recebem estudantes nas suas aulas para adultos com cinco-sete anos de instrução primária que verdadeiramente não sabem ler nem escrever. Ao mesmo tempo, argumentam, é difícil conseguir bons artesãos e devia ser dada uma muito maior ênfase à formação profissional. Todavia, a sua maior preocupação é a questão do HIV-SIDA. Já não vêem este aspecto como um problema que tem principalmente a ver com mais informação,

mas antes com o comportamento sexual dos homens “que não se contêm”. As mulheres, admitem os padres e freiras, têm de ter uma palavra mais forte sobre as suas vidas.

4.6 Os Bairros como Comunidades

O espaço e o lugar importam no que toca à situação de pobreza e bem-estar em que se encontram as pessoas (ver Paulo, Rosário e Tvedten 2007). Cada bairro em Maputo tem a sua própria configuração única em termos de densidade de população, pobreza e bem-estar, habitação e infra-estruturas físicas, acesso a serviços municipais e sociais e natureza das relações sociais. Além disso, a distância física e os custos de transporte têm implicações no acesso às áreas rurais e à terra agrícola, bem como no emprego e rendimento na cidade. O bairro representa também a principal área de pertença para muita gente, tanto em termos positivos como negativos: embora tenhamos encontrado muitas pessoas que declaravam entusiasticamente ter-se mudado para Khongolote como sinal de ‘mobilidade social ascendente’, as pessoas da Mafalala ainda argumentam que tentam esconder de onde são devido ao forte estigma negativo da comunidade.

Como se vê na Tabela 36, os principais problemas nas quatro comunidades que fazem parte deste estudo são o desemprego e a criminalidade – muito embora a importância relativa varie entre os bairros. A questão do emprego não é apenas o acesso ao rendimento, mas ter trabalho é importante para a auto-estima das pessoas num contexto urbano onde há poucas outras formas, particularmente para os homens, de se afirmarem. Como se vê na tabela, o desemprego é ainda visto como o mais importante problema comunitário, mas um pouco menos em 2010 do que em 2007 – o que provavelmente reflecte as melhorias da situação de emprego acima referidas.

A criminalidade tem implicações muito directas, ao despojar as pessoas dos seus recursos e restringindo os seus movimentos especialmente durante a noite, mas as reacções muito fortes quando as pessoas são apanhadas a roubar atestam também a situação vulnerável em que as pessoas se encontram. No caso da criminalidade, a situação nas quatro comunidades é vista como estando a deteriorar-se: enquanto 23,3% dos agregados familiares disseram ser esse o principal problema em 2007, em 2010 a percentagem subiu para 29,2%. De acordo com a polícia estabelecida nos bairros, muito mas não todo do crime grave (assassínio, roubo à mão armada, etc.) ‘mudou-se’ para os bairros em melhor situação, mas houve um aumento da pequena criminalidade, do abuso de substâncias (drogas pesadas, ‘suruma’ e álcool)³⁸ e da violência doméstica – muito embora isto possa reflectir que as mulheres levam mais vezes estes casos à polícia. A água e saneamento em casa são vistos como os principais problemas por uma proporção relativamente estável de agregados familiares, enquanto a saúde era mais vista como um problema em 2007 do que em 2010, sublinhando a nossa argumentação acima sobre as condições melhoradas no sector da saúde.

³⁸ Os líderes comunitários locais queixam-se de que o uso do álcool entre os mais jovens aumentou consideravelmente com a introdução de pequenas garrafas vendidas por apenas 15 Mt (em que duas são o suficiente para se ficar bêbedo), com nomes como “Tentação”, “Double Punch”, “Boss” e “KO” (de “Knock Out”).

Tabela 36. Principais Problemas Comunitários por Bairro (Percentagem)

Problemas Comunitários	Khongolote		Inhagoia		Laulane		Mafalala		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Desemprego	26,7	10,0	40,0	16,7	33,3	53,3	43,3	46,7	35,8	31,7
Criminalidade	13,3	33,3	26,7	36,7	33,3	23,3	20,0	23,3	23,3	29,2
Água	6,7	3,3	3,3	26,7	16,7	13,3	10,0	3,3	9,2	11,7
Saúde	20,0	6,7	3,3	0,0	6,7	3,3	6,7	3,3	9,2	3,3
Saneamento	0,0	3,3	10,0	6,7	3,3	6,7	10,0	10,0	5,8	6,7
Habitação	3,3	0,0	0,0	10,0	3,3	0,0	0,0	6,7	1,7	4,2
Outros	30,0	43,3	16,6	3,3	3,3	0,0	10,0	6,7	15,0	13,3
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Numa pergunta aberta sobre as três principais áreas de mudança na comunidade entre 2007 e 2010, a água, educação, saúde e saneamento foram mencionados com mais frequência pelos agregados familiares (Tabela 37). A água tornou-se acessível a mais agregados familiares através da construção de novos pontos de água e do melhor acesso em casas privadas; as mudanças na educação são primeiro e antes de mais o resultado de ter sido permitido a mais crianças continuar a sua educação, com a nova política do governo de 'passagem compulsória' (ver acima), e menos o resultado da construção de novas escolas que vimos ter acontecido em apenas um dos bairros; a saúde viu melhorias genuínas, em termos tanto de postos de saúde como de acesso mais barato a medicamentos; e o saneamento melhorou principalmente através da combinação de esforços concertados do Município (que aumentou o número de viaturas de recolha dos resíduos sólidos) e de pessoas das comunidades que organizaram as suas próprias 'brigadas'. Por outro lado, muito poucos assinalaram o emprego, negócio/comércio e a criminalidade como áreas de mudança, os quais vimos representarem a essência do agravamento encontrado nos bairros.

Tabela 37. Áreas principais de Mudança Positiva entre 2007 e 2010 por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Percentagem)

Áreas Principais de Mudança	AFCH	AFCM	Total
	2007-2010	2007-2010	2007-2010
Emprego	3,9	7,9	5,3
Comércio	9,2	10,5	9,6
Educação	21,1	28,9	23,7
Saúde	22,4	21,1	21,7
Água	35,5	34,2	35,1
Saneamento	17,1	26,3	20,2
Outras	63,2	36,8	54,4

As pessoas têm percepções claras sobre que instituições são responsáveis por melhorar as condições na comunidade (Tabela 38). A maioria das pessoas refere 'o governo', e muito poucas vêem o sector privado, as organizações não governamentais ou os doadores a desempenharem um papel importante (todos escondidos na categoria 'outros'). Contudo, houve alterações entre 2007 e 2010 no sentido de uma ênfase mais forte no 'município' e no 'bairro' – ou, em resumo, no 'governo local'. Vemos isto como um resultado combinado de uma crescente frustração com o governo *per se* (visto como responsável pelas 'grandes' questões como o aumento de preços e a criação de emprego), e uma mais forte visibilidade do município na forma de 'pequenas' intervenções como o acesso a electricidade, água, saneamento, etc., que são vistas como responsabilidades municipais. Na verdade, as pessoas referem continuamente 'coisas pequenas' quando falam do papel do município.

Tabela 38. *Percepções sobre as Instituições Responsáveis pela Melhoria de Condições na Comunidade, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)*

Instituição Responsável	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
O Governo	73,3	57,5	75	55	73,9	56,7
O Município	6,7	13,7	6,8	13,5	6,7	13,3
As Autoridades do Bairro	6,7	21,3	11,4	24,5	8,5	23,3
Outras	12	7,5	6,8	7,0	10,1	6,7
Não sabe	1,3	0,0	0,0	0,0	0,8	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Um problema particular da comunidade, notável para os estranhos em visita, é o grande número de pessoas, jovens em particular, que estão ociosas com aparentemente pouco ou nada para fazer. Isto leva a mais frustração e para os jovens será vital desenvolver o respeito próprio enquanto procuram um futuro melhor.³⁹ Neste contexto, as actividades relacionadas com desporto ou cultura são importantes – também como veículo de comunicação com o governo e outras autoridades. Na Mafalala, muitos jovens estão activos em grupos culturais – muitas vezes ao abrigo da instituição cultural Machaka – que se dedicam ao teatro, música, poesia, debates, etc. Muitas das suas actividades têm lugar no próprio bairro, muito embora tenham também sido convidados para eventos maiores na *cidade de cimento*. Parte do seu sucesso está relacionada com o facto de o principal objectivo ser o de aumentar a auto-estima das pessoas deixando-as ter o domínio do que fazem, mais do que usar as actividades culturais para ‘empurrar’ questões sociais como a prevenção do HIV-SIDA. Em Inhagoia o campo de futebol no centro do bairro é o centro de muita atenção e parece estar sempre cheio de gente – apesar da sua fraca qualidade. Os líderes comunitários realçam o quão importante o futebol é, não apenas para os mais jovens que estão activos mas também para a tranquilidade da comunidade. “Se eles não jogam, procuram outras coisas [ilícitas] para fazer”.

4.7 Percepções de Mudança

Tendo discutido a situação de mudança entre 2007 e 2010 nos agregados familiares e nos quatro bairros enquanto comunidades, a Tabela 39 revela uma aparente incongruência na percepção da direcção da mudança: as pessoas acreditam que as mudanças nos últimos três anos foram mais positivas para a comunidade em geral do que para as suas próprias famílias. Isto reflecte em parte o facto de muitos agregados familiares serem marginalizados e terem ficado afastados dos desenvolvimentos, mas deve também ser visto como o reflexo de desigualdades emergentes. Em comunidades urbanas densas, haverá sempre pessoas que ganham mais, têm mais bens, famílias maiores, etc. do que os outros, o que fará as famílias sentirem que não estão a conseguir gerir as suas vidas urbanas. A este respeito, há apenas pequenas diferenças entre agregados familiares chefiados por homens e chefiados por mulheres, sendo estes últimos um pouco mais positivos em relação a mudanças nos seus próprios agregados familiares do que os primeiros, enquanto os agregados familiares chefiados por homens são um pouco mais positivos sobre as mudanças na comunidade do que os chefiados por mulheres.

³⁹ Muitos destes foram também fundamentais no levantamento de Novembro de 2010 – como “*jovens sem presente [que] agrediram o seu próprio futuro*” para citar Mia Couto (Diário Independente 06.09.2010).

Tabela 39. *Percepções de Mudanças nos Agregados Familiares e Comunidades nos Últimos Três Anos*

Direcção da Mudança	Agregados Familiares		Comunidades	
	2007	2010	2007	2010
Melhorou	42,5	40,0	64,6	63,3
Permaneceu na mesma	23,3	23,3	19,5	15,0
Deteriorou	34,2	36,7	15,9	16,7
Não sabe	0,0	0,0	0,0	5,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Ao mesmo tempo, as pessoas têm em 2010 um sentimento muito mais forte de optimismo em relação aos três próximos anos do que tinham em 2007 (Tabela 40). 72,5% acreditam que as condições na comunidade melhorarão e 70% acreditam que a situação do seu próprio agregado familiar se tornará melhor. Embora isto em princípio seja positivo, mostra também que as pessoas têm expectativas elevadas que querem ver satisfeitas, tanto para as suas comunidades como para as suas famílias individuais. Visto em conjunto com a responsabilidade pela mudança sócio-económica que a mesma população atribui aos governos central e local (ver acima), este 'optimismo' ou 'expectativas elevadas' representa um desafio e faz pressão adicional sobre o governo para a sua resolução.

Tabela 40. *Percepções de Mudanças nas Condições dos Agregados Familiares e das Comunidades nos Próximos Três Anos, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)*

Direcção de Mudança	Agregados Familiares		Comunidades	
	2007	2010	2007	2010
Melhorou	42,5	70,0	64,6	72,5
Permaneceu na mesma	23,3	17,5	19,5	16,7
Deteriorou	34,2	7,5	15,9	9,2
Não sabe	0,0	1,7	0,0	1,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Há também um razoavelmente elevado grau de compreensão comum sobre quais as questões mais importantes a resolver para melhorar as condições nas comunidades e dos agregados familiares que lá vivem (Tabela 41). 60,9% dos agregados familiares argumentam que o emprego e a segurança são os dois maiores desafios, o que está próximo do número para 2007 mas com um aumento no que toca a segurança – particularmente entre os agregados familiares chefiados por mulheres. Apesar das melhorias no bem-estar económico e social, a maioria dos agregados familiares nos bairros ainda se acham numa situação vulnerável que torna necessária a procura permanente de melhor emprego e maior rendimento para fazer face a mudanças nas despesas diárias com comida, transporte, saúde, educação, habitação, etc. A reduzida ênfase nos desafios relativos à saúde e educação deve – novamente – ser vista como uma expressão do progresso que foi feito nestes sectores.

Tabela 41. *Percepções dos Problemas Mais Importantes a Resolver para Melhorar as Condições na Comunidade, por Sexo do Chefe do Agregado Familiar (Porcentagem)*

Principais problemas a resolver	AFCH		AFCM		Total	
	2007	2010	2007	2010	2007	2010
Emprego	37,2	30	38,6	35	36,8	31,7
Criminalidade	22,3	28,8	22,7	30	23,3	29,2
Água	9,2	13,8	9,1	7,5	9,5	11,6
Educação	2,6	0	4,5	0	3,3	0
Saúde	7,9	2,5	11,4	5,0	9,3	3,3
Saneamento	7,9	7,5	2,3	5,0	5,9	6,7
Habituação	1,1	2,5	2,3	7,5	1,9	4,2
Outros	11,8	15	9,1	10	10	13,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

A criação de emprego é pois vista como o aspecto chave para reduzir a pobreza e vulnerabilidade e evitar mais agitação social. O governo, o sector privado e a economia informal continuarão a ser os actores dominantes na criação de emprego. Para além das usuais políticas económicas liberais de criação de um contexto macro-económico estimulante e de redução da burocracia, devia-se talvez olhar mais de perto para a experiência do Brasil onde uma combinação de i) transferências em dinheiro condicionais, ii) salários mínimos mais altos (que foram também adoptados por parte do sector informal) e iii) uma expansão do mercado doméstico através de crédito consignado conduziram a uma impressionante redução da pobreza e ao apoio popular a um governo que é visto como cuidando dos pobres e protegendo os seus direitos sociais (Anderson 2011).

De mais relevância imediata em Maputo é o plano de introdução do Fundo de Desenvolvimento Local Distrital (OILL), que tem um considerável potencial - não apenas por causa do emprego e rendimento que podem ser criados *per se*, mas porque os processos participativos considerados podem – se bem feitos – fortalecer a participação comunitária, criar emprego e tornar mais visível a ‘mão invisível’ do mercado (ver Orre e Forquilha 2011 para uma avaliação crítica). As experiências dos distritos rurais mostram que a transparência e responsabilidade são aspectos chave. Em princípio, as ideias de projectos devem ser desenvolvidas e acompanhadas através de um sistema de três níveis de Instituições de Participação e Consulta Comunitária ou IPCCs (i.e. os Comitês de Desenvolvimento Local, os Conselhos Consultivos dos Postos Administrativos e o Conselho Consultivo Distrital-CCD). O CCD será composto por representantes da administração estatal e autoridades tradicionais, bem como da sociedade civil, das igrejas, do sector privado e ‘pessoas de particular estima’ (RdM 2005). As mulheres terão uma representação de pelo menos 40% em cada nível. O CCD tomará a decisão final sobre quais os projectos que receberão financiamento, em cooperação com uma Equipa Técnica Distrital que faz parte da Administração do Distrito. Nas áreas urbanas como Maputo o órgão representativo é a Assembleia Municipal, que pode não ser apropriada para tomar decisões ao nível de propostas individuais de projectos, e não há instituições similares para participação comunitária ao nível de Distrito Urbano ou bairro. Uma abordagem possível é a de distribuir igualmente os fundos disponíveis pelos 49 bairros de Maputo; que cada bairro estabeleça um comité numa base similar à das IPCCs; e que cada bairro tenha o direito de decidir quais os projectos que vão ser apoiados (com opções para conselho técnico do Município). Desta forma, o programa obterá a necessária base local.

5. Conclusões e Recomendações

Este relatório faz parte de um exercício mais amplo de monitoria e avaliação da estratégia de redução da pobreza em Moçambique, e centra-se na continuidade e mudança da pobreza e bem-estar na cidade capital de Maputo entre 2007 e 2010. O período coincide com desenvolvimentos aparentemente contraditórios, por um lado de melhorias na infra-estrutura física e social e na redução da pobreza com base no consumo e, por outro lado, com levantamentos sociais sem precedentes envolvendo grandes partes da população urbana. A nossa análise, baseada principalmente numa combinação de dados quantitativos e qualitativos dos quatro bairros Mafalala, Laulane, Inhagoia e Khongolote, confirma na generalidade que houve desenvolvimentos sócio-económicos positivos – muito embora revele também desenvolvimentos desiguais entre os diferentes bairros e um grupo de ‘ultra-pobres’ que de um modo geral ficou à parte destes desenvolvimentos.

Ao mesmo tempo, realçámos a natureza especial de conjuntos urbanos como Maputo onde o acesso ao dinheiro é vital para a sobrevivência. Os ‘choques’ resultantes de mudanças na condição de emprego e nas despesas com necessidades básicas, etc. fazem com que as pessoas se sintam vulneráveis e impotentes. Esta situação foi exacerbada em Maputo, onde a comunicação entre o governo e os cidadãos tem sido inadequada. O governo parece não se ter ‘sintonizado’ suficientemente com os sentimentos no terreno e os cidadãos têm poucos ‘portavozes’ na forma de associações representativas ou de outras plataformas para o diálogo. Pode-se argumentar que, a somar à proliferação de insatisfação e tensão, vêm as condições melhoradas das mulheres e dos agregados familiares chefiados por mulheres em Maputo. As mulheres estão mais directamente expostas a injustiças e à pobreza do que os homens, e desempenharam um papel activo nas suas comunidades e nos levantamentos.

Desta forma, as melhorias verificadas nas áreas de consumo, educação, saúde, água, electricidade, saneamento, etc. parecem – ironicamente – ter trazido mais desafios aos governos central e municipal, na forma de procura crescente de emprego, rendimento, segurança social e responsabilidade política. As potenciais implicações políticas desta situação são demonstradas pelo rápido restabelecimento de subsídios, por parte do Governo, a seguir aos tumultos em 2008 e 2010, e pela subsequente produção de um Programa Estratégico para Redução da Pobreza Urbana específico. Para reduzir mais a pobreza urbana e evitar mal-estar político, a situação tem de melhorar no que respeita a emprego, rendimento e protecção social, bem como à comunicação de políticas e intervenções com implicações para a vida diária das pessoas. As conclusões e recomendações mais específicas são:⁴⁰

Governança

- Deve haver uma melhor coordenação entre as crescentes responsabilidades dos municípios e os recursos (económicos e humanos) a que eles têm acesso. A sua maior responsabilidade deve continuar a ser a provisão e o melhoramento das infra-estruturas básicas, e há indicações de que é prematuro atribuir-lhes mais responsabilidades pela instrução primária e serviços de saúde.

⁴⁰ A principal finalidade deste relatório é monitorar as mudanças na pobreza e bem-estar. As recomendações sobre questões mais específicas de governança, infra-estruturas, emprego, organização comunitária, etc. são feitas num nível relativamente elevado de generalidade, dado que uma avaliação mais completa exigiria uma abordagem diferente e está fora do âmbito desta série de estudos.

- É importante um sistema fiscal eficaz e justo, tanto para a situação económica do município como para criar um ‘contrato social’ entre o governo e os seus cidadãos. O sistema de impostos municipais deve ser melhorado, através da combinação de equidade com a prestação de serviços efectivos pelos quais as pessoas pagam impostos.
- Há desafios no que respeita à estrutura política municipal e ao sistema de governação. Num certo nível, a baixa participação eleitoral nas eleições municipais é um sinal de confiança limitada na relevância do governo municipal na vida das pessoas. Ao mesmo tempo, encontramos pessoas que têm percepções claras das diferentes responsabilidades respectivamente do governo central e municipal.
- Os papéis e responsabilidades do nível intermédio das sete administrações de Distrito Urbano não são claros, e a sua vontade e capacidade de responder a questões varia consideravelmente. Algumas também estão localizadas em edifícios e têm equipamento técnico que devem tornar o seu trabalho muitíssimo difícil.
- Ao nível de cada bairro, o papel do Secretário de Bairro é importante e valorizado tanto pelas estruturas políticas como pela população do bairro. No entanto, as suas relações paralelas com o secretário do Partido e as células do Partido continuam pouco claras e representam um problema em termos de responsabilidade.
- Tem havido mudanças na estrutura política abaixo de Secretário de Bairro, onde muitos dos líderes comunitários mais velhos foram substituídos por líderes – frequentemente mulheres – mais jovens. O ‘rejuvenescimento’ dos líderes a este nível deve ser visto como um desejo da população de ter e ser apoiada por representantes mais dinâmicos.
- O número limitado e a fraca posição das associações baseadas na comunidade restringe a participação popular no desenvolvimento urbano e representa oportunidades perdidas como plataformas de diálogo com o governo Municipal. Os antecedentes da escassez destas instituições em Maputo devem ser investigados e apoiado o seu desenvolvimento futuro.

Infra-Estrutura Física e Social

- Com a construção em larga escala de edifícios para escritórios e comerciais e novas habitações nos bairros centrais (*‘cidade de cimento’*), a dicotomia entre espaço urbano formal e informal está em processo de recuperar proeminência e pode aumentar as percepções de desigualdade. As iniciativas de melhoria urbana devem ser distribuídas de forma mais justa.
- Os transportes continuam a ser um grande desafio na vida diária das pessoas em Maputo. Elas gastam muito tempo à espera dos chapas, os chapas andam geralmente superlotados e os custos representam um pesado fardo no orçamento de muitos agregados familiares. Devem ser feitos esforços para melhorar a rede de transportes em Maputo e torná-la menos dispendiosa.
- Tem havido avanços no abastecimento de água, electricidade e saneamento, embora em grau variável e com diferentes sistemas de recuperação de custos. O lixo constitui, em alguns bairros, um sério risco para a saúde e o sistema de recolha de resíduos sólidos deve ser melhorado. Melhoradas devem ser também as estradas da comunidade, que se tornam impenetráveis em alturas de grandes chuvas.
- A habitação é fundamental para o bem-estar físico e emocional de um agregado familiar e tem havido melhorias na qualidade (paredes de tijolo, tectos de zinco) e no tamanho (extensões) das habitações. Todavia, pouco aconteceu no que respeita à segurança de bens e aos custos *de facto* da terra. O mercado da habitação deve ser formalizado e melhor controlado.
- Enquanto praticamente todas as unidades sanitárias registaram melhorias, a situação nas escolas primárias deteriorou-se, não tendo o crescente número de estudantes sido acompanhado dos necessários investimentos. Muitos estudantes ainda têm de se sentar no

chão, o acesso ao material escolar é inadequado e as classes estão superlotadas. Estas situações devem ser rectificadas.

- A criminalidade é, cada vez mais, considerada um problema, e a polícia e o sistema judicial formal são vistos como incapazes de o resolverem. Isto conduziu a um aumento na prevalência da justiça popular através de, por exemplo, espancamentos, morte por fogo e marginalização social. Deve ser procurada uma melhor cooperação entre as organizações baseadas na comunidade e o sistema legal.

Emprego e Rendimento

- O emprego permanece a determinante chave da pobreza e bem-estar do agregado familiar. Embora tenha havido melhorias na situação de emprego para muitos agregados familiares e os seus proveitos tenham aumentado, permanece um problema básico de segurança: muitos homens trabalham no sector da construção em posições temporárias como operários não-qualificados e as mulheres dependem predominantemente de um sector informal onde os lucros são flutuantes e imprevisíveis.
- A continuação das dificuldades de transformar a instrução superior num emprego formal e bem pago permanece um sério desafio, criando uma grande geração de jovens cada vez mais frustrados. A sua entrada na vida profissional é inibida tanto pelo acesso limitado ao emprego *per se*, como por um sistema de recrutamento fortemente baseado em contactos e subornos. O emprego deve ser mais estratégico e transparente.
- Embora as mulheres ainda encontrem severas restrições no mercado formal de trabalho, aumentaram a sua participação no mercado informal o que conduziu a melhorias na posição sócio-económica dos agregados familiares chefiados por mulheres. Há sinais de que o sector informal está a tornar-se mais bem 'organizado', e deve ser encorajada uma maior segurança e previsibilidade das condições de trabalho.
- O plano de introdução do Fundo de Investimento Local (OIL) em Maputo tem potencial para criar emprego e preencher a lacuna entre o emprego informal e formal, mas tem de ser cuidadosamente implementado a fim de evitar as armadilhas sofridas nas áreas rurais. Devem ser estabelecidas em cada bairro instituições de participação e consulta comunitária; a selecção de projectos deve basear-se em critérios claros e processos participativos e transparentes; o objectivo deve ser apoiar projectos com o máximo de implicações em termos de criação de emprego; as mulheres devem ser particularmente visadas, tanto devido às suas responsabilidades no bem-estar do agregado familiar como porque têm provado ser melhores a reembolsar o crédito em questão; e deve ser estabelecido um sistema de apoio/avaliação para garantir a sustentabilidade dos projectos.

Relações Comunitárias

- Temos realçado as diferenças entre os bairros enquanto comunidades, não apenas em termos de níveis de pobreza e bem-estar mas também em termos de níveis de tensão ou tranquilidade. Para os últimos, os factores chave são a densidade populacional, a qualidade das infra-estruturas físicas e sociais, a organização interna e vida associativa e o nível de criminalidade e segurança.
- Neste sentido, o planeamento urbano torna-se vital. Embora o planeamento urbano seja complicado em áreas com forte pressão populacional, arranjos limitados de direito de posse, um conjunto de habitações velhas e pobres, etc., a sua importância é evidente pelas implicações negativas de viver amontado e sem um plano. Os esforços futuros de planeamento urbano devem ser transparentes e participativos.
- Mostrámos também que muita da crescente agitação em alguns bairros está relacionada com a frustração dos jovens desempregados. Para além do desemprego *per se*, parte do

problema é a falta de actividades alternativas, o que faz com que muitos fiquem desocupados e alguns enveredem pelo crime. Um aumento da ênfase em actividades culturais e desportos será importante para a auto-estima da gente jovem e para criar plataformas de diálogo com as autoridades políticas.

Organização Social

- Em resposta aos desafios da vida urbana, os agregados familiares envolvem-se em processos de informalização (através do aumento da proporção de co-habitantes); de fissão e fusão (pela perda ou admissão de novos membros); e de acomodação (através do alargamento das habitações para acomodar muitos membros).
- A juntar a isto, vimos também um aumento da proporção de agregados familiares chefiados por mulheres, e uma aparente melhoria no poder da tomada de decisões das mulheres que vivem em agregados familiares chefiados por homens. Estes são desenvolvimentos novos, que atribuímos a um maior espaço social para as mulheres em contextos urbanos e a melhores opções de rendimento e independência.
- Dito isto, há também processos em curso de marginalização dos homens e mulheres muito pobres, num contexto onde o acesso ao dinheiro é vital para a sobrevivência. Os homens jovens desempregados e sem meios não têm a 'base urbana' para a supremacia patriarcal ou masculina e facilmente se encontram destituídos e com redes sociais limitadas.
- Em relação às mulheres jovens, a combinação de desemprego e maternidade fora do casamento parece conduzir muito facilmente ao empobrecimento e marginalização. Todavia, as mulheres parecem ser mais capazes do que os homens de estabelecer redes sociais, contribuindo para relações 'não económicas' na forma de limpeza, cuidar de crianças, tomar conta de bancas de mercado a partir de casa, etc.
- As organizações comunitárias mais importantes em Maputo são as igrejas e mesquitas, estando aparentemente outros tipos de associações urbanas visivelmente ausentes. Enquanto o fortalecimento e estabelecimento de associações deve ser encorajado, as igrejas e mesquitas permanecem as mais relevantes arenas de comunicação e devem ser mais envolvidas no apoio ao nível de agregados familiares e de indivíduos.
- No que respeita aos homens e mulheres muito pobres e mais marginalizados em Maputo, as medidas públicas de protecção social devem ser melhor desenvolvidas e distribuídas.

Questionário

Nr. Questionário	_ _ _	Códigos
Entrevistador	_ _	
Nr. da entrevista	_ _	
Distrito Urbano	_ _	
Bairro	_____	
Rua	_____	
Nr. Casa	_ _ _ _ Andar _ _ _ Porta _ _ _ _	
Quarteirão	_ _ _	
Data	_ _ / _ _ / _ _	
Hora de Início	_ _ : _ _	

Bom dia (boa tarde), o meu nome é _____ e sou entrevistador para a Austral-COWI, Lda. Neste momento estamos a conduzir um estudo sobre a pobreza em Moçambique. Passaremos algum tempo no seu bairro a conversar com várias pessoas. O Sr.(a) foi escolhido(a), entre outros(as) do bairro para falar um pouco sobre o seu agregado familiar e a sua condição de vida. Todas informações aqui recolhidas são privadas e confidenciais e serão usadas apenas para efeitos deste estudo, sem qualquer referência ao seu nome ou a qualquer outro membro da sua família.

Há três anos atrás estivemos neste mesmo bairro e entrevistámos várias famílias. Agora voltámos e gostaríamos de entrevistar as mesmas famílias. Se você ou alguém do seu agregado não foram entrevistados há 3 anos, significa que houve uma família que não conseguimos encontrar. A sua foi escolhida para a substituir.

O agregado foi entrevistado há 3 anos? _ _ _ <i>Se 01 passe para questão 1.</i>	01 Sim 02 Não
SE NÃO, ENTREVISTADOR POR FAVOR EXPLIQUE PORQUÊ _ _ _ _____	01 Agregado mudou-se 02 Agregado não pôde ser localizado 08 Outro (especifique)

<p>1. Qual a relação do entrevistado com o agregado?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 01 passe para questão 4</i></p>	<p>01 Chefe do agregado</p> <p>02 Esposa(o)</p> <p>03 Outro adulto do agregado</p>
<p>2. Sexo do entrevistado</p> <p> _ _ </p>	<p>01 Homem</p> <p>02 Mulher</p>
<p>3. Qual a idade do entrevistado?</p> <p> _ _ </p>	<p>99 Não sabe</p>
CARACTERIZAÇÃO DO CHEFE DO AGREGADO	
<p>4. Nome do chefe do agregado familiar</p> <p> _____ </p>	
<p>5. Qual o nome pelo qual o chefe do agregado é mais conhecido?</p> <p> _____ </p>	
<p>6. Há 3 anos atrás este era o chefe deste agregado?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 01 passe para questão 8</i></p>	<p>01 Sim</p> <p>02 Não</p>
<p>7. Se não, porquê?</p> <p> _____ </p>	
<p>8. Sexo do chefe do agregado</p> <p> _ _ </p>	<p>01 Homem</p> <p>02 Mulher</p>
<p>9. Qual é a idade do chefe do agregado?</p> <p> _ _ </p>	<p>99 Não sabe</p>
<p>10. Qual é o estado civil do chefe do agregado?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 01 passe para questão 15</i></p> <p><i>Se 04 ou 05 passe para questão 14.</i></p>	<p>01 Solteiro</p> <p>02 Casado (igreja, civil, tradicional/nikah/lobolo ou misto)</p> <p>03 Casado de facto (apenas vivem juntos, sem terem feito cerimónia)</p> <p>04 Separado/Divorciado</p> <p>05 Viúvo</p>

<p>11. A/O esposa(o) do chefe do agregado é o mesmo que há 3 anos atrás?</p> <p> _ _ </p>	<p>01 Sim</p> <p>02 Não</p>
<p>12. O chefe do agregado está presentemente numa relação poligâmica (o chefe tem várias esposas ou o marido da chefe tem várias esposas)?</p> <p> _ _ </p>	<p>01 Sim</p> <p>02 Não</p>
<p>13. O chefe do agregado já estava numa relação poligâmica há 3 anos atrás?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 01 passe para questão 15</i></p>	<p>01 Sim</p> <p>02 Não</p>
<p>14. O chefe do agregado era casado há três anos atrás?</p> <p> _ _ </p>	<p>01 Sim</p> <p>02 Não</p>
<p>15. Qual é a <u>principal</u> ocupação do chefe do agregado? (<i>depois de colocar a categoria, especificar o tipo de trabalho</i>)</p> <p> _ _ _____</p>	<p>01 Funcionário público</p> <p>02 Empregado sector privado</p> <p>03 Camponês(a)</p> <p>04 Pescador</p> <p>05 Proprietário / Negócio informal</p> <p>06 Trabalho ocasional ou sazonal</p> <p>07 Estudante</p> <p>08 Reformado</p> <p>09 Desempregado / Doméstica</p>
<p>16. Qual é o nível de escolaridade do chefe do agregado?</p> <p> _ _ </p>	<p>01 Nenhum</p> <p>02 Alfabetizado</p> <p>03 EP1</p> <p>04 EP2/Elementar</p> <p>05 Secund./Básico</p> <p>06 Médio</p> <p>07 Superior</p>
DEFINIÇÃO DO AGREGADO	
<p>17. Quantos membros têm o agregado familiar? (<i>peçoas que fazem parte da casa - comem da ou contribuem para a mesma panela - mesmo que não vivam na casa. Não esquecer de incluir as crianças e a pessoa entrevistada</i>)</p> <p> _ _ </p>	

<p>18. Qual a relação de parentesco que tem cada membro do agregado com o chefe do agregado? (quantas pessoas existem nas seguintes categorias)</p> <p> __ __ Chefe __ __ Esposa(o) __ __ Filhos</p> <p> __ __ Pais __ __ Irmãos __ __ Sobrinhos</p> <p> __ __ Netos __ __ Outros parentes __ __ Sem parentesco</p>	
<p>19. Quais as idades dos membros do agregado? (<i>quantas pessoas existem em cada uma das seguintes categorias</i>)</p> <p> __ __ menos de 15 anos</p> <p> __ __ 15 anos – 64 anos</p> <p> __ __ 65 anos ou mais</p>	
<p>20. Quantos destes membros <u>não</u> faziam parte do agregado há 3 anos atrás?</p> <p> __ __ </p> <p><i>Se 00 passe para questão 22</i></p>	
<p>21. Qual a relação de parentesco que cada novo membro do agregado tem com o chefe do agregado? (quantas pessoas existem nas seguintes categorias)</p> <p> __ __ Chefe __ __ Filhos __ __ Outros parentes</p> <p> __ __ Esposa(o) __ __ Pais __ __ Sem parentesco</p>	
<p>22. Destes membros do agregado quantos <u>não</u> vivem na casa?</p> <p> __ __ </p> <p><i>Se 00 passe para questão 24</i></p>	
<p>23. Qual a relação de parentesco que cada membro do agregado ausente tem com o chefe do agregado? (quantas pessoas existem nas seguintes categorias)</p> <p> __ __ Chefe __ __ Filhos __ __ Irmãos</p> <p> __ __ Esposa(o) __ __ Pais __ __ Outros parentes</p>	
<p>24. Quantos dos membros do agregado são membros deste agregado por morte dos responsáveis pelo seu sustento?</p> <p> __ __ </p> <p><i>Se 00 passe para questão 26</i></p>	

<p>25. Qual a relação de parentesco que estes membros têm com o chefe do agregado familiar? (quantos membros existem nas seguintes categorias)</p> <p> _ _ Filhos da irmã _ _ _ Filhos do irmão _ _ _ Netos _ _ _ Irmãos _ _ _ Outros parentes _ _ _ Sem parentesco</p>	
<p>26. Quantas pessoas que <u>não</u> pertencem a este agregado são dependentes do apoio monetário ou em géneros deste agregado?</p> <p> _ _ _ </p> <p><i>Se 00 passe para questão 28</i></p>	
<p>27. Qual a relação de parentesco que estas pessoas que não pertencem ao agregado têm com o chefe do agregado? (quantas pessoas existem nas seguintes categorias)</p> <p> _ _ _ Outras esposas _ _ _ Pais _ _ _ Filhos de outras esposas _ _ _ Sogros _ _ _ Outros parentes da(o) esposa(o) _ _ _ Outros parentes do chefe</p>	
<p>28. Quantas pessoas vivem no mesmo quintal que o agregado, mas <u>não</u> fazem parte deste agregado familiar?</p> <p> _ _ _ </p> <p><i>Se 00 passe para questão 30</i></p>	
<p>29. Qual a relação de parentesco que estas pessoas que não fazem parte do agregado têm com o chefe do agregado? (quantas pessoas existem nas seguintes categorias)</p> <p> _ _ _ Filhas _ _ _ Outros parentes _ _ _ Filhos _ _ _ Sem parentesco</p>	
<p>30. Qual a religião mais praticada pela família?</p> <p> _ _ _ _____ </p>	<p>01 Católica</p> <p>02 Islâmica</p> <p>03 Outra cristã (especifique)</p> <p>04 Nenhuma</p> <p>98 Outra (especifique)</p>
<p>31. Faz <i>Kupatha</i>?</p> <p> _ _ _ </p>	<p>01 Sim</p> <p>02 Não</p>
<p>32. Alguém do agregado fala português?</p> <p> _ _ _ </p> <p><i>Se 02 passe para questão 34</i></p>	<p>01 Sim</p> <p>02 Não</p>

<p>33. Quem do agregado consegue falar mais português?</p> <p> _ _ </p>	<p>01 Os homens adultos</p> <p>02 As mulheres adultas</p> <p>03 Os jovens homens (12-18 anos)</p> <p>04 As jovens mulheres (12-18 anos)</p> <p>05 Os meninos (menores de 12)</p> <p>06 As meninas (menores de 12)</p> <p>07 Todos adultos</p> <p>08 Todos jovens</p> <p>09 Todas crianças</p> <p>10 Todos membros do agregado</p> <p>11 Ninguém fala português na casa</p>
EDUCAÇÃO	
<p>34. Qual o nível de escolaridade mais elevado atingido no agregado?</p> <p> _ _ </p>	<p>01 Nenhum</p> <p>02 Alfabetizado</p> <p>03 EP1</p> <p>04 EP2/Elementar</p> <p>05 Secund./Básico</p> <p>06 Médio</p> <p>07 Superior</p>
<p>35. Quantas crianças existem no agregado familiar? (dos 6 aos 15 anos)</p> <p> _ _ Rapazes _ _ Raparigas _ _ Total</p> <p><i>Se o total = 00 passe para questão 38</i></p>	
<p>36. Destas, quantas <u>não</u> estão a estudar?</p> <p> _ _ Rapazes _ _ Raparigas _ _ Total</p> <p><i>Se o total = 00 passe para questão 38</i></p>	

<p>37. Indique a razão principal por desistente (não necessita repetir se a razão for a mesma entre diferentes desistentes do mesmo género)</p> <p> _____ Rapazes</p> <p> _____ </p> <p> _____ </p> <p> _____ Raparigas</p> <p> _____ </p> <p> _____ </p>									
SAÚDE									
<p>38. Quantas pessoas do agregado ficaram doentes nas duas últimas semanas?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 00 passe para questão 40</i></p>									
<p>39. Qual o primeiro local onde foram para ser tratadas? (especifique o lugar por cada doença, se a doença e o lugar forem os mesmos, não precisa repetir)</p> <table border="0" style="width: 100%;"> <thead> <tr> <th style="text-align: center;">Lugar</th> <th style="text-align: center;">Doença</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> _ _ _____ </td> <td> _____ </td> </tr> <tr> <td> _ _ _____ </td> <td> _____ </td> </tr> <tr> <td> _ _ _____ </td> <td> _____ </td> </tr> </tbody> </table>	Lugar	Doença	_ _ _____	_____	_ _ _____	_____	_ _ _____	_____	<p>01 Posto de Saúde</p> <p>02 Centro de Saúde</p> <p>03 Hospital</p> <p>04 Enfermeiro</p> <p>05 Curandeiro</p> <p>06 Farmácia</p> <p>98 Outro (especifique)</p>
Lugar	Doença								
_ _ _____	_____								
_ _ _____	_____								
_ _ _____	_____								
<p>40. Há algum membro do agregado que sofra de doença crónica ou prolongada?</p> <p> _ _ </p>	<p>01 Sim</p> <p>02 Não</p>								
<p>41. Quantas crianças faleceram neste agregado, antes de completar 5 anos?</p> <p> _ _ Rapazes _ _ Raparigas _ _ Total</p> <p><i>Se 00 passe para questão 43</i></p>									
<p>42. Quais as razões principais para essa(s) morte(s)?</p> <p> _____ Rapazes</p> <p> _____ </p> <p> _____ </p> <p> _____ Raparigas</p> <p> _____ </p> <p> _____ </p>									

MOBILIDADE	
<p>43. O chefe do agregado vivia neste local há 3 anos atrás?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 01 passe para questão 53</i></p>	<p>01 Sim</p> <p>02 Não</p>
<p>44. Onde vivia o chefe do agregado antes?</p> <p><i>(especifique o nome do local – se Maputo indicar o bairro, se fora da cidade de Maputo, mas dentro do país indicar província e distrito, se não se lembra apenas a província serve, se fora do país indicar apenas o país)</i></p> <p> _ _ _____ </p> <p><i>Se 01 passe para questão 49</i></p>	<p>01 Noutro bairro</p> <p>02 Onde nasceu</p> <p>03 Noutra cidade diferente de onde nasceu (zona urbana)</p> <p>04 Noutra província diferente de onde nasceu (zona rural)</p> <p>05 Noutro país diferente de onde nasceu</p>
<p>45. Em que ano se mudou o chefe do agregado para Maputo?</p> <p> _ _ _ _ </p>	<p>99 Não sabe/não se recorda</p>
<p>46. Qual a razão principal para se mudar para Maputo?</p> <p> _____ </p>	
<p>47. Para onde foi viver o chefe do agregado quando se mudou para Maputo? <i>(se outro bairro, especifique o nome do bairro)</i></p> <p> _ _ _____ </p> <p><i>Se 01 passe para questão 49</i></p>	<p>01 Este bairro</p> <p>02 Outro bairro</p>
<p>48. Onde vivia o chefe do agregado antes de se mudar para este bairro? <i>(especifique o nome do local – se Maputo indicar o bairro, se fora da cidade de Maputo, mas dentro do país indicar província e distrito, se não se lembra apenas a província serve, se fora do país indicar apenas o país)</i></p> <p> _ _ _____ </p>	<p>01 Noutro bairro</p> <p>02 Onde nasceu</p> <p>03 Noutra cidade diferente de onde nasceu (zona urbana)</p> <p>04 Noutra província diferente de onde nasceu (zona rural)</p> <p>05 Noutro país diferente de onde nasceu</p>
<p>49. Qual a principal razão para se mudar para este bairro?</p> <p> _____ </p>	
<p>50. Alguém do agregado pretende mudar-se do bairro aonde vivem?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 02 passe para questão 53</i></p>	<p>01 Sim</p> <p>02 Não</p>

<p>51. Para onde se pretende mudar? <i>(especifique o nome do local – se Maputo indicar o bairro, se fora da cidade de Maputo, mas dentro do país indicar província e distrito, se não se lembra apenas a província serve)</i></p> <p> _ _ _ _____ </p>	<p>01 Para outro bairro 02 Para outra cidade (zona urbana) 03 Para outra província (zona rural) 04 Para o lugar onde nasceu 05 Para outro país</p>
<p>52. Qual a principal razão para se mudar?</p> <p> _____ </p>	
<p>53. Para que lugares fora da zona costumam ir com mais frequência os membros do agregado? (mencione até 3)</p> <p> _ _ _ _____ </p> <p> _ _ _ _____ </p> <p> _ _ _ _____ </p> <p><i>Se 99 passe para questão 67</i></p>	<p>01 Outro bairro cimento 02 Outro bairro caniço 03 Onde nasceu 04 Outra cidade diferente de onde nasceu (zona urbana) 05 Noutra província diferente de onde nasceu (zona rural) 06 Noutro país diferente de onde nasceu 99 Nenhum</p>
<p>54. Quem do agregado costuma viajar mais?</p> <p> _ _ _ </p>	<p>01 Chefe 02 Esposa(o) 03 Filhos/enteados 04 Pais/sogros 05 Irmãos 06 Sobrinhos 07 Netos 08 Outros parentes 09 Sem parentesco</p>
<p>55. Quanto tempo costuma ficar esse membro do agregado, quando viaja?</p> <p> _ _ _ </p>	<p>01 Menos de 1 dia 02 Menos de 1 semana 03 Menos de 1 mês 04 Menos de 1 ano 05 Mais de 1 ano</p>

<p>56. Qual costuma ser a razão principal (aquela que acontece mais vezes) dessas viagens?</p> <p> _ _ _____ </p>	<p>01 Emprego (sector formal)</p> <p>02 Negócios (sector informal)</p> <p>03 Visitas familiares</p> <p>04 Compras</p> <p>05 Saúde</p> <p>06 Educação</p> <p>98 Outro (especifique)</p>
RELAÇÃO COM A CIDADE	
<p>57. Onde trabalha o chefe do agregado? (<i>especificar o nome do bairro</i>)</p> <p> _ _ _____ </p> <p><i>Se 06 passe para questão 59</i></p>	<p>01 Trabalha no bairro</p> <p>02 Trabalha noutro bairro</p> <p>03 Trabalha fora da cidade, mas vem dormir a casa</p> <p>04 Trabalha fora da cidade e <u>NÃO</u> vem dormir a casa</p> <p>05 Trabalha noutro pais</p> <p>06 Não trabalha</p>
<p>58. Quanto tempo leva de casa para o trabalho?</p> <p> _ _ </p>	<p>01 < 30 min</p> <p>02 30 min a 1 hora</p> <p>03 > 1 hora</p>
<p>59. O chefe do agregado trabalhava há 3 anos atrás?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 02 passe para questão 61</i></p>	<p>01 Sim</p> <p>02 Não</p>
<p>60. Onde trabalhava o chefe do agregado? (<i>especificar o nome do bairro</i>)</p> <p> _ _ _____ </p>	<p>01 Trabalhava no bairro</p> <p>02 Trabalhava noutro bairro</p> <p>03 Trabalhava fora da cidade, mas vem dormir a casa</p> <p>04 Trabalhava fora da cidade e <u>NÃO</u> vem dormir a casa</p> <p>05 Trabalhava noutro pais</p> <p>06 Não trabalhava</p>
<p>61. Quanto tempo se leva do bairro até à terminal do chapa na cidade (baixa ou museu)?</p> <p> _ _ </p>	<p>01 < 30 min</p> <p>02 30 min a 1 hora</p> <p>03 > 1 hora</p>

<p>62. A pessoa que MAIS vai ao centro da cidade, costuma ir com que frequência?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 05 passe para a questão 64</i></p>	<p>01 Pelo menos 1 vez por semana</p> <p>02 Pelo menos 1 vez por mês</p> <p>03 Pelo menos 1 vez por ano</p> <p>04 Menos de 1 vez por ano</p> <p>05 Nenhum membro do agregado costuma ir ao centro da cidade</p>
<p>63. Qual a razão mais frequente para ir ao centro da cidade?</p> <p> _ _ _____ </p>	<p>01 Trabalhar</p> <p>02 Compras</p> <p>03 Negócios</p> <p>04 Passear</p> <p>05 Estudar</p> <p>98 Outro (especifique)</p>
RELAÇÃO CAMPO-CIDADE	
<p>64. Com que frequência visita, pelo menos um membro do agregado uma localidade fora da cidade de Maputo?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 99 passe para a questão 67</i></p>	<p>01 Pelo menos 1 vez por semana</p> <p>02 Pelo menos 1 vez por mês</p> <p>03 Pelo menos 1 vez por ano</p> <p>04 Menos de 1 vez por ano</p> <p>99 Nunca</p>
<p>65. Qual foi a razão principal da última visita?</p> <p> _ _ </p>	<p>01 Visita a familiares</p> <p>02 Produção na machamba</p> <p>03 Comércio</p> <p>04 Acontecimento importante (casamento, funeral, baptismo, etc.)</p> <p>98 Outro (especifique)</p>
<p>66. Onde se localiza a localidade que os membros do agregado mais visitam fora da cidade de Maputo? (<i>especificar o nome da localidade, se no país indicar a província e o distrito, se fora indicar apenas o país</i>)</p> <p> _ _ _____ </p>	<p>01 Na província de Maputo</p> <p>02 Noutra província</p> <p>03 Noutro país</p>
BENS E PADRÕES DE CONSUMO	
<p>67. Que bens possui a família?</p>	<p>68. Possuía estes bens há 3 anos atrás?</p>
<p>01 Possui</p> <p>02 Não possui</p> <p>03 Possui mas está estragado/avariado</p>	<p>01 Sim</p> <p>02 Não</p> <p>03 Já estava estragado/avariado</p>

Rádio	_ _	_ _
Aparelhagem/Rádio reproduutor	_ _	_ _
TV	_ _	_ _
Vídeo/VCD/DVD	_ _	_ _
Relógio	_ _	_ _
Geleira	_ _	_ _
Congelador	_ _	_ _
Celular	_ _	_ _
Bicicleta	_ _	_ _
Motorizada	_ _	_ _
Carro	_ _	_ _
Electricidade	_ _	_ _
Água canalizada	_ _	_ _
Cama (não esteira)	_ _	_ _
Mesa	_ _	_ _
Cadeiras	_ _	_ _
Sofá	_ _	_ _
Enxada	_ _	_ _
Catana	_ _	_ _
Machado	_ _	_ _
Tractor	_ _	_ _
69. A casa tem quintal? _ _ <i>Se 02 passe para questão 72</i>		01 Sim 02 Não
70. Existe alguma edificação, para além da casa (dependência, anexo, garagem, capoeira, celeiro, etc.)? _ _		01 Sim 02 Não
71. Qual o material da cerca/muro? _ _ _____		01 Espinhosa 02 Madeira 03 Chapa 04 Cimento 98 Outro (especifique)
72. Qual o material do telhado/cobertura da casa do agregado? _ _ _____		01 Madeira 02 Chapa 03 Telha 04 Cimento 98 Outro (especifique)

<p>73. Qual era o material do telhado/cobertura da casa há 3 anos atrás?</p> <p> _ _ _ _____ </p>	<p>01 Madeira 02 Chapa 03 Telha 04 Cimento 98 Outro (especifique)</p>
<p>74. Qual o material das paredes da casa do agregado?</p> <p> _ _ _ _____ </p>	<p>01 Maticado 02 Blocos 03 Chapa 04 Cimento 98 Outro (especifique)</p>
<p>75. Qual era o material das paredes da casa do agregado há 3 anos atrás?</p> <p> _ _ _ _____ </p>	<p>01 Maticado 02 Blocos 03 Chapa 04 Cimento 98 Outro (especifique)</p>
<p>76. Quantas divisões tem a casa do agregado?</p> <p> _ _ _ </p>	
<p>77. Quantas divisões tinha a casa do agregado há 3 anos atrás?</p> <p> _ _ _ </p>	
<p>78. A casa tem energia eléctrica? INCLUI GERADORES</p> <p> _ _ _ </p>	<p>01 Sim 02 Não</p>
<p>79. Quanto gastou <u>no último mês</u> nos seguintes artigos:</p> <p>Produtos alimentares _ _ . _ _ _ _ _ </p> <p>Produtos de limpeza _ _ . _ _ _ _ _ </p> <p>Electricidade/iluminação _ _ . _ _ _ _ _ </p> <p>Água _ _ . _ _ _ _ _ </p> <p>Aluguer da casa _ _ . _ _ _ _ _ </p> <p>Roupa/vestuário _ _ . _ _ _ _ _ </p> <p>Produtos escolares _ _ . _ _ _ _ _ </p> <p>Medicamentos/consultas _ _ . _ _ _ _ _ </p> <p>Transporte _ _ . _ _ _ _ _ </p> <p>Creche/infantário _ _ . _ _ _ _ _ </p> <p>Outras despesas (especifique) _ _ . _ _ _ _ _ </p> <p> _____ </p>	

<p>80. Na semana passada as refeições do agregado incluíram alguma das seguintes categorias?</p> <p>Shima/arroz _ _ </p> <p>Matapa (verduras ou vegetais) _ _ </p> <p>Pão _ _ </p> <p>Carne (sem ser aves) _ _ </p> <p>Galinha (ou outras aves) _ _ </p> <p>Peixe _ _ </p> <p>Fruta _ _ </p>	<p>01 Sim 02 Não</p>																				
<p>81. Desde o ano passado, diga que produtos ou artigos sentiu que aumentaram mais de preço? (liste os três principais)</p> <p>1. _____</p> <p>2. _____</p> <p>3. _____</p>																					
<p>82. Quanto pagava no ano passado, e quanto paga este ano por esses produtos ou artigos? (<i>diga na mesma ordem que colocou na questão acima</i>)</p> <table border="0"> <thead> <tr> <th></th> <th>Produto/quantidade</th> <th>valor ano passado</th> <th></th> <th>valor este ano</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1.</td> <td>_____</td> <td> _ . _ _ _ </td> <td>Mt</td> <td> _ . _ _ _ Mt</td> </tr> <tr> <td>2.</td> <td>_____</td> <td> _ . _ _ _ </td> <td>Mt</td> <td> _ . _ _ _ Mt</td> </tr> <tr> <td>3.</td> <td>_____</td> <td> _ . _ _ _ </td> <td>Mt</td> <td> _ . _ _ _ Mt</td> </tr> </tbody> </table>		Produto/quantidade	valor ano passado		valor este ano	1.	_____	_ . _ _ _	Mt	_ . _ _ _ Mt	2.	_____	_ . _ _ _	Mt	_ . _ _ _ Mt	3.	_____	_ . _ _ _	Mt	_ . _ _ _ Mt	
	Produto/quantidade	valor ano passado		valor este ano																	
1.	_____	_ . _ _ _	Mt	_ . _ _ _ Mt																	
2.	_____	_ . _ _ _	Mt	_ . _ _ _ Mt																	
3.	_____	_ . _ _ _	Mt	_ . _ _ _ Mt																	
<p>83. Quais foram as categorias de despesas em que foram obrigados a cortar (deixar de comprar ou pagar menos) por causa do aumento dos preços?</p> <p>1. _ _ _____</p> <p>2. _ _ _____</p> <p>3. _ _ _____</p>	<p>01 Produtos alimentares 02 Produtos de limpeza 03 Iluminação 04 Água 05 Roupas/vestuário 06 Material escolar 07 Medicamento/consultas 08 Transporte 98 Outro (especifique) 99 Nenhuma</p>																				
<p>84. O agregado pagou impostos, no <u>último ano</u>?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 02 passe para a questão 86</i></p>	<p>01 Sim 02 Não</p>																				

<p>85. Pagou algum dos seguintes impostos?</p> <p>Pessoal (para a totalidade do agregado) _ _ _ _ · _ _ _ _ _ _ _ </p> <p>Automovel _ _ _ _ · _ _ _ _ _ _ _ </p> <p>Bicicletas _ _ _ _ · _ _ _ _ _ _ _ </p> <p>Comercial _ _ _ _ · _ _ _ _ _ _ _ </p> <p>Agrícola _ _ _ _ · _ _ _ _ _ _ _ </p> <p>Outro _____ _ _ _ _ · _ _ _ _ _ _ _ </p>	<p>98 Não sabe</p> <p>99 Nenhum</p>
ACTIVIDADES DE RENDIMENTO NÃO AGRÍCOLAS	
<p>86. Quantos membros do agregado têm emprego com salário regular ou beneficiam de reforma?</p> <p> _ _ _ </p> <p><i>Se 00 passe para questão 88</i></p>	
<p>87. Qual a soma do rendimento dos <u>salários</u> e <u>reformas</u> de todas as pessoas que possuem emprego com salário regular?</p> <p> _ _ _ </p>	<p>01 < 250MT</p> <p>02 251MT a 500MT</p> <p>03 501MT a 750MT</p> <p>04 751MT a 1.000MT</p> <p>05 1.001MT a 1.500.MT</p> <p>06 1.5001MT a 2.500MT</p> <p>07 2.501MT a 5.000MT</p> <p>08 > 5.000MT</p>

<p>88. Que outras actividades de rendimento são levadas a cabo no agregado, e quanto rendeu no mês passado?</p> <p> _ _ _ (preencher apenas se não leva a cabo nenhuma outra actividade)</p> <p>Aluguer de propriedade _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Artesanato _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Medicina tradicional _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Produção/venda de carvão _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Fabrico/venda de bebidas _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Loja/banca _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Comercio ambulante _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Carpintaria _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Construção _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Oficina mecânica _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Biscates _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Gai-Gai/Tchova/Carregador _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Alfaiate _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Cabeleireiro/tranças _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Outro _____ _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Outro _____ _ _ _ _ . _ _ _ _ </p> <p>Outro _____ _ _ _ _ . _ _ _ _ </p>	<p>99 Nenhuma</p>
<p>89. Para além das actividades de rendimento, algum membro do agregado recebe assistência ou apoio monetário de alguém de fora do agregado?</p> <p> _ _ _ </p> <p><i>Se 02 passe para questão 91</i></p>	<p>01 Sim</p> <p>02 Não</p>
<p>90. De que pessoas/entidades recebe, e quanto recebe aproximadamente por mês?</p> <p>ONGs _ _ . _ _ _ _ _ Mt _ _ _ _____ </p> <p>INSS _ _ . _ _ _ _ _ Mt _ _ _ _____ </p> <p>Acção Social _ _ . _ _ _ _ _ Mt _ _ _ _____ </p> <p>Familiares de fora do agregado _ _ . _ _ _ _ _ Mt _ _ _ _____ </p> <p>Vizinhos/amigos _ _ . _ _ _ _ _ Mt _ _ _ _____ </p> <p>Outro _____ _ _ . _ _ _ _ _ Mt _ _ _ _____ </p>	<p>Se forem produtos escreva os seguintes códigos nas caixas ao lado:</p> <p>01 Roupas</p> <p>02 Comida</p> <p>03 Diversos</p> <p>98 Outros (especifique)</p>

<p>91. Algum membro do agregado participa de algum grupo de poupança/xitique ou tem conta bancária?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 02 passe para questão 94</i></p>	<p>01 Sim 02 Não</p>
<p>92. De quanto em quanto tempo contribui para a poupança/xitique ou conta bancária?</p> <p> _ _ </p>	<p>01 Todos dias 02 1 vez por semana 03 De quinze em quinze dias 04 1 vez por mês 05 Irregularmente</p>
<p>93. Quanto consegue poupar, em média?</p> <p> _ _ </p>	<p>01 < 250Mtn 02 251Mtn a 500Mtn 03 501Mtn a 750Mtn 04 751Mtn a 1.000Mtn 05 1.001Mtn a 1.500Mtn 06 1.501Mtn a 2.500 Mtn 07 2.500mtn a 5.000 Mtn 08 > 5.000 Mtn 99 Não sabe</p>
RENDIMENTOS COMPLEMENTARES	
<p>94. O agregado possui machamba ou horta?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 02 passe para questão 98</i></p>	<p>01 Sim 02 Não</p>
<p>95. Na última campanha agrícola produziu algo nessa machamba ou horta?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 02 passe para questão 98</i></p>	<p>01 Sim 02 Não</p>
<p>96. Vendeu algum produto da última campanha?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 02 passe para questão 98</i></p>	<p>01 Sim 02 Não</p>
<p>97. Quanto arrecadou no último ano? <i>(soma do arrecadado pela totalidade dos produtos vendidos)</i></p> <p> _ _ _ _ · _ _ _ _ </p>	
<p>98. A família cria animais?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 02 passe para questão 102</i></p>	<p>01 Sim 02 Não</p>

<p>99. Quais os animais que o agregado cria? NÃO INCLUI BURRO, CÃO E GATO</p> <p>Galinhas __ __ </p> <p>Patos __ __ </p> <p>Cabritos __ __ </p> <p>Porcos __ __ </p> <p>Outro _____ __ __ </p> <p>Outro _____ __ __ </p> <p>Outro _____ __ __ </p>	<p>01 Cria</p> <p>02 Não cria</p>
<p>100. No último ano vendeu animais?</p> <p> __ __ </p> <p><i>Se 02 passe para questão 102</i></p>	<p>01 Sim</p> <p>02 Não</p>
<p>101. Quanto rendeu a última venda?</p> <p> __ __ __ . __ __ __ </p>	
PROPRIEDADE E RELAÇÕES INTRA-FAMILIARES	
<p>102. Como foi adquirida a casa onde o agregado vive?</p> <p> __ __ _____ </p>	<p>01 Comprada</p> <p>02 herdada</p> <p>03 Doadada</p> <p>04 Construiu sozinho</p> <p>05 Alugada</p> <p>06 Cedida</p> <p>98 Outro (especifique)</p>
<p>103. A quem pertence a casa onde vive o agregado? <i>(em nome de quem esta o título de propriedade)</i></p> <p> __ __ _____ </p> <p><i>Se 98 passe para questão 106</i></p>	<p>01 Ao homem</p> <p>02 À mulher</p> <p>03 Aos dois</p> <p>04 A familiares do homem</p> <p>05 A familiares da mulher</p> <p>06 A todos</p> <p>07 Ao proprietário do aluguer</p> <p>08 Ao Estado</p> <p>98 Outro (especifique)</p>
<p>104. Em caso de morte do proprietário ou titular do contrato com quem fica a casa?</p> <p> __ __ _____ </p> <p><i>Se 98 explique porquê</i></p> <p> _____ </p>	<p>01 A(o) esposa(o)</p> <p>02 Todos filhos</p> <p>03 Só as filhas</p> <p>04 Só os filhos</p> <p>98 Outro (especifique)</p>

<p>105. A quem pertence o quintal/terreno onde está a casa?</p> <p> _ _ _____ </p>	<p>01 A casa não tem terreno 02 Ao homem 03 À mulher 04 Aos dois 05 À família do homem 06 À família da mulher 07 A todos 08 Ao Município/Estado 98 Outro (especifique)</p>
<p>106. O agregado possui um terreno separado da casa?</p> <p> _ _ </p> <p><i>Se 02 passe para a questão 108</i></p>	<p>01 Sim 02 Não</p>
<p>107. Como foi adquirido esse terreno?</p> <p> _ _ _____ </p>	<p>01 Comprado 02 herdado 03 Doado 04 Abriu sozinho 05 Alugado 06 Cedido 98 Outro (especifique)</p>
<p>108. Quem decide como é gasto o dinheiro que a família rende de todas as actividades remuneradas e apoios externos?</p> <p> _ _ </p>	<p>01 Chefe do agregado 02 Esposa do chefe 03 O casal 04 Um homem adulto do agregado 05 Uma mulher adulta da família 06 Todo agregado 07 Cada um decide o que fazer com o seu rendimento</p>
RELAÇÕES EXTRA-FAMILIARES	
<p>109. Qual foi o último problema/preocupação que o agregado teve que resolver e que teve que recorrer à intervenção de pessoas de fora do agregado para o resolver?</p> <p> _ _ _____ </p> <p><i>Se 99 passe para questão 111</i></p>	<p>99 Nenhum</p>
<p>110. A quem recorreram para resolver esse problema?</p> <p> _ _ _____ </p>	<p>01 Polícia 02 Secretário do bairro 03 Família alargada 04 Familiares e amigos 98 Outro (especifique)</p>

<p>111. Qual é a fonte de conflito mais comum no bairro e que necessita de intervenção das autoridades para resolver?</p> <p> _ _ _____ </p> <p><i>Se 99 passe para questão 113</i></p>	<p>01 Bebedeiras</p> <p>02 Adultério</p> <p>03 Furtos/Assaltos</p> <p>04 Conflitos de terras</p> <p>05 Conflitos de água</p> <p>98 Outro (especifique)</p> <p>99 Nenhum</p>
<p>112. A quem recorrem, normalmente, os membros da comunidade para resolver esse problema?</p> <p> _ _ _____ </p>	<p>01 Chefe do quarteirão</p> <p>02 Secretário do bairro</p> <p>03 Chefe de 10 casas</p> <p>04 Autoridade religiosa</p> <p>05 Polícia</p> <p>06 Conjunto da comunidade</p> <p>98 Outro (especifique)</p>
<p>113. Quais são os serviços públicos (do Estado) que os membros do agregado usam?</p> <p>Administração do bairro _ _ </p> <p>Distrito Urbano/Grupo Dinamizador _ _ </p> <p>Acção social _ _ </p> <p>Registos e Notariado _ _ </p> <p>Polícia _ _ </p> <p>Tribunal _ _ </p> <p>Outro _____ _ _ </p> <p>Outro _____ _ _ </p> <p>Outro _____ _ _ </p>	<p>01 Usa</p> <p>02 Não usa</p> <p>03 Não sabe se existe na zona</p>
<p>114. Com que frequência usam esses serviços?</p> <p>Administração do bairro _ _ </p> <p>Distrito Urbano/Grupo Dinamizador _ _ </p> <p>Acção social _ _ </p> <p>Registos e Notariado _ _ </p> <p>Polícia _ _ </p> <p>Tribunal _ _ </p> <p>Outro _____ _ _ </p> <p>Outro _____ _ _ </p> <p>Outro _____ _ _ </p>	<p>01 Pelo menos 1 vez por semana</p> <p>02 Pelo menos 1 vez por mês</p> <p>03 Pelo menos 1 vez por ano</p> <p>04 Menos de 1 vez por ano</p> <p>05 Sempre que precisam</p> <p>06 Nunca</p>

<p>122. Há 3 anos atrás quais eram as três despesas mais difíceis para o agregado familiar realizar?</p> <p>Comida <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>Água <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>Electricidade <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>Renda/Habitação <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>Transporte <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>Saúde <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>Educação <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>Cuidados infantis/creche/infantário <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>Outro <input type="text"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>	<p>Assinale [x] na opção escolhida (máximo de três)</p>
<p>123. Comparando com a situação da família há 3 anos atrás, como avalia a situação da família hoje?</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>	<p>01 Melhorou</p> <p>02 Manteve-se</p> <p>03 Piorou</p>
<p>Explique porquê</p> <p><input type="text"/></p>	
<p>124. Comparando com a situação da comunidade há 3 anos atrás, como avalia a situação da comunidade hoje?</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p><i>Se 04 passe para questão 126</i></p>	<p>01 Melhorou</p> <p>02 Manteve-se</p> <p>03 Piorou</p> <p>04 Não vivia na comunidade</p>
<p>Explique porquê</p> <p><input type="text"/></p>	
<p>125. Em que áreas mais sentiu mudança (indique as três principais)</p> <p>ESPECIFIQUE O QUE MUDOU EM CADA UMA DAS ÁREAS</p> <p>1. <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="text"/></p> <p>2. <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="text"/></p> <p>3. <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="text"/></p>	<p>01 Emprego</p> <p>02 Comércio</p> <p>03 Educação</p> <p>04 Saúde</p> <p>05 Água</p> <p>06. Saneamento</p> <p>98 Outra (especifique)</p> <p>99 Nenhuma</p>
<p>126. Como espera que a situação da família esteja daqui a 3 anos?</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>	<p>01 Melhorará</p> <p>02 Manter-se-á</p> <p>03 Piorará</p>
<p>Explique porquê</p> <p><input type="text"/></p>	
<p>127. Como espera que a situação da comunidade esteja daqui a 3 anos?</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>	<p>01 Melhorará</p> <p>02 Manter-se-á</p> <p>03 Piorará</p>

Explique porquê _____	
AVALIAÇÃO DA DINÂMICA URBANA	
128. Na sua opinião, qual e a questão <u>mais importante</u> a ser resolvida para melhorar a situação do seu bairro? _ _ _ _ _____	01 Emprego 02 Crime/ Segurança 03 Água 04 Educação 05 Saúde 06 Saneamento 07 Habitação 98 Outro (especifique)
129. Quem é responsável por resolver essa situação? _ _ _ _ _____	01 Governo 02 Conselho Municipal 03 Autoridades do bairro 98 Outro (especifique)
130. Na sua opinião, quais são as principais <u>vantagens</u> de viver na cidade? (enumere as três principais) _____ _____ _____	
131. Na sua opinião, quais são as principais <u>desvantagens</u> de viver na cidade? (enumere as três principais) _____ _____ _____	
132. Na sua opinião porquê acha que aconteceram as manifestações dos dias 1 e 2 de Setembro de 2010? _____	
133. Na sua opinião qual a diferença entre as manifestações dos dias 1 e 2 de Setembro de 2010 e as manifestações de 5 de Fevereiro de 2008? _____	
Hora de Término _ _ _ _ : _ _ _	

Bibliografia

- Addison, Tony, David Hulme, et al. (eds.) (2009). *Poverty Dynamics. Interdisciplinary Perspectives*. Oxford: Oxford University Press.
- Anderson, Perry (2011). "Lula's Brazil" in: *London Review of Books*, Vol. 33, No. 7 pp. 3-12.
- Bourdieu, Pierre (1990). *The Logic of Practice*. Stanford: Stanford University Press.
- CMCM (2010). *Plano Estrutura Urbana da Cidade da Matola. Análise da Situação Actual*. Matola: Conselho Municipal da Cidade da Matola
- CMM (2008). www.cmcmaputo.gov.mz. Maputo: Municipal de Maputo.
- CMM (2009). *Plano de Actividades do Conselho Municipal de Maputo Para 2010* Maputo: Conselho Municipal de Maputo.
- CMM (2009). *Programa Quinquenal do Conselho Municipal de Maputo 2009-2013*. Maputo: Conselho Municipal de Maputo.
- Costa, Ana Bénard da (2007). *O Preço da Sombra. Sobrevivência e Reprodução Social entre Famílias de Maputo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Costa, Ana Bénard da and Cristina Udelsmann (2008). "Famílias e Estratégias de Sobrevivência e Reprodução Social em Luanda e Maputo". In: J. Oppenheimer and I. Raposo (eds.) *Subúrbios de Luanda e Maputo*. Lisboa: Edições Colibri, pp.139-162.
- Cunguara, Benedito and Joseph Hanlon (2010). *Poverty is Not being Reduced in Mozambique*. Crisis States Working Papers No. 2. London: London School of Economics.
- Davis, Mike (2006). *Planet of Slums*. London: Verso.
- DNPO (2004). *Poverty and Well-Being in Mozambique: The Second National Assessment*. Maputo:: Ministry of Planning and Finance, National Directorate of Planning and
- EISA (2007). <http://www.eisa.org.za/WEP/mozelectarchive> EISA.
- Ferreira, Rita (1967/68). "Os Africanos de Lourenço Marques". *Memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique*. Maputo: Memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique, pp.94-491.
- Francisco, António (2010). "Pobreza em Moçambique Põe Governo e seus Parceiros entre a espada e a Parede." In: *IDeIAS* Vol. 31(1 de Outubro de 2010) pp.1-2.
- Francisco, António A. da Silva and Margarida Paulo (2006). *Impacto da Economia Informal na Protecção Social, Pobreza e Exclusão: A Dimensão Oculta da Informalidade em Moçambique*. Maputo: Cruzeiro do Sul.
- GdM (2005). *Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta, 2006-2009 (PARPA II)*. Maputo: Governo de Moçambique, Ministério do Planeamento e Cooperação.
- Helgesson, Linda (2006). *Getting Ready for Life: Life Strategies of Town Youth in Mozambique and Tanzania*. Umeå: Umeå University.
- INE (2004). *Inquerito Nacional aos Agregados Familiares sobre Orçamento Familiar 2002/03. Relatório Final*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2009). *Inquérito de Indicadores Múltiplos (MICS) 2008*. Maputo, Mozambique: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2009). *Recenseamento Geral de População e Habitação 2007*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística
- INE (2009). *Trabalhos de Inquéritos Agrícolas (TIA)* Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2010). *Inquérito sobre Orçamento Familiar 2008/09*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- Kessides, Christine (2006). *The Urban Transition in Sub-Saharan Africa. Implications for Economic Growth and Poverty Reduction*. Washington D.C.: The Cities Alliance.
- Kring, Thomas (2010). *Mozambique Disturbances: An Analysis of the Underlying Causes. Briefing Note*. Maputo: UNDP.

- Lundin, Iraê Baptista (2007). *Negotiating Transformation: Urban Livelihoods in Maputo Adapting to Thirty Years of Political and Economic Changes*. Göteborg: Göteborg University; Department of Geography.
- Lynch, Kenneth (2005). *Rural-Urban Interaction in the Developing World*. London: Routledge.
- MISAU (2005). *Moçambique. Inquérito Demográfico e de Saúde 2003*. Maputo: Ministério de Saúde.
- MISAU (2009). *Inquérito nacional de Prevalência, Riscos Comportamentais e Informação sobre o HIV e SIDA em Moçambique*. Maputo: Ministério de Saúde.
- MPD (2010). *Poverty and Well-Being in Mozambique: Third National Poverty Assessment*. Maputo: Ministry of Planning and Development.
- Newitt, Malyn (1995). *A History of Mozambique*. Indiana: Indiana University Press.
- Orre, Aslak and S.C Forquilha (2009). 'An Initiative Condemned to Success'. *The Seven Million Meticaís Investment Fund in Mozambique*. Unpublished Report. Bergen: Chr. Michelsen Institute.
- Ortner, Sherry (2006). *Anthropology and Social Theory. Culture, Power and the Acting Subject*. Los Angeles: UCLA University Press.
- Paulo, Margarida, Carmeliza Rosário, et al. (2007). 'Xiculungo'. *Social Relations of Urban Poverty in Maputo, Mozambique*. CMI Report 2007:13 Bergen: Chr. Michelsen Institute.
- Penvenne, J. M. (1995). *African Workers and Colonial Racism : Mozambican Strategies and Struggles in Lourenço Marques, 1877-1962*. Portsmouth, N.H: Heinemann.
- RdM (2005). *Legislação sobre os Órgãos Locais do Estado (Lei No. 8/2003 e o Decreto No. 11/2005)*. Maputo: : República de Moçambique.
- RdM (2010). *Programa Estratégico para Redução da Pobreza Urbana 2010-2014*. Maputo: Os Ministérios de Planificação e Desenvolvimento; das Finanças; da Administração Estatal; do Trabalho; da Mulher e Acção Social.
- RoM (2006). *Mozambique Report: Cities Without Slums*. Maputo: Republic of Mozambique, Ministry of Coordination of Environmental Affairs.
- Rosário, Carmeliza, Inge Tvedten, et al. (2008). *Mucupuki. Social Relations of Rural-Urban Poverty in Central Mozambique*. CMI Report 2008:13. Bergen: Chr. Michelsen Institute.
- Schuetze, Christy (2010). *'The World is Upside Down': Women's Participation in Religious Movements in Mozambique*. *Department of Anthropology*. PhD: University of Pennsylvania.
- SDC (2006). *Support to Municipal Development (P 13)*. Web-page: www.sdc.org.mz Maputo: Swiss Development Cooperation
- Sheldon, K. (1999). "Machambas in the City. Urban Women and Agricultural Work in Mozambique." In: *Lusotopie* Vol. () pp.121-140.
- Tostensen, Arne, I. Tvedten and M. Vaa (Eds) (2001). *Associational Life in African Cities. Popular Responses to the Urban Crisis*. Uppsala, Sweden: Nordic Africa Institute
- Tvedten, Inge (2008). *'As Long as They Don't Bury Me Here'. Social Relations of Poverty in a Southern African Shantytown*. Doctoral Thesis, Department of Social Anthropology: University of Cape Town.
- Tvedten, Inge, Margarida Paulo, et al. (2006). *'Opitanha'. Social Relations of Rural Poverty in Northern Mozambique*. CMI Report 2006:16. Bergen, Norway: Chr. Michelsen Institute.
- Tvedten, Inge, Maragrada Paulo, et al. (2008). *Gender Policies and Feminisation of Poverty in Mozambique*. Report R:2008:13. Bergen: Chr. Michelsen Institute.
- Tvedten, Inge, Margarida Paulo, et al. (2009). *'If men and women were equal, we would all simply be people'. Gender and Poverty in Northern Mozambique*. CMI Report 2009:14. Bergen, Norway: Chr. Michelsen Institute.

- Tvedten, Inge, Margarida Paulo, et al. (2010). *'Opitanha' Revisited. Assessing the Implications of PARPA II in Rural Northern Mozambique 2006-2009. CMI Report 2010:3*. Bergen: Chr. Michelsen Institute.
- Tvedten, Inge, Margarida Paulo, et al. (2010). *'A woman should not be the boss when a man is present'. Gender and Poverty in Southern Mozambique. CMI Report 2010:7*. Bergen: Chr. Michelsen Institute.
- UN-Habitat (2003). *The Challenge of Slums. Global report on Human Settlements*. Nairobi, Kenya: United Nations Human Settlement Programme (UN-Habitat).
- UN-Habitat (2010). *State of the World's Cities Report 2010/11. Bridging the Urban Divide*. Nairobi: UN-Habitat.
- UNICEF (2006). *Childhood Poverty in Mozambique. A Situation and Trends Analysis*. Maputo: UNICEF.
- United Nations (2011). *World Urbanisation Prospects: The 2009 Revision Population Database*.
- Van den Boom (2011). *Poverty Analysis in Mozambique. Desk Review for the G19*. Amsterdam and Maputo: Centre for World Food Studies and Royal Dutch Embassy.
- Vletter, Fion de (2001). *Mozambique's Urban Informal Sector - A Neglected Majority*.
- World Bank (2007). *Beating The Odds: Sustaining Inclusion in a Growing Economy. A Mozambique Poverty, Gender and Social Assessment* Washington D.C.: The World Bank.
- World Bank (2009). *Municipal Development in Mozambique: Lessons from the First Decade*. Maputo: World Bank.
- World Bank (2010). *Maputo Municipal Development Programme II (Project Appraisal Document)*. Maputo: World Bank.
- Zamporini, Valdemir Donizette (1998). *Entre Narros & Mulungos. Colonialismo e Paisagem Social em Lourenço Marques c.1890-c.1940 (Tese de Doutorado)*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade São Paulo.

RELATÓRIOS CMI

Esta série pode ser encomendada a:

Chr. Michelsen Institute

P.O. Box 6033 Postterminalen,

N-5892 Bergen, Norway

Tel: + 47 47 93 80 00

Fax: + 47 47 93 80 01

E-mail: cmi@cmi.no

www.cmi.no

Preço: NOK 50

Versão impressa: ISBN 978-82-8062-398-0

Versão electrónica: ISBN 978-82-8062-399-7

Este relatório está também disponível em:

www.cmi.no/publications

TERMOS INDEXADOS

Moçambique

Pobreza

Este relatório faz parte de um maior exercício de monitoria e avaliação da estratégia de redução da pobreza em Moçambique PARPA II (2006-2011) e centra-se na continuidade e mudanças da pobreza e bem-estar na cidade capital Maputo entre 2007 e 2010. O período coincide com desenvolvimentos aparentemente contraditórios, de melhoramentos das infra-estruturas físicas e sociais e redução da pobreza baseada no consumo por um lado, e por outro lado levantamentos sociais sem precedentes envolvendo grande parte da população urbana. 'Choques' externos, na forma de aumento de preços dos produtos básicos, fizeram com que as pessoas se sentissem vulneráveis e impotentes, exacerbados pela falta de plataformas de diálogo com o governo. As melhorias que tiveram lugar parecem – ironicamente – ter trazido mais desafios aos governos central e municipal, na forma de aumento da procura de emprego, rendimento, segurança social e responsabilidade política.